

# COOJORNAL

ÓRGÃO DA COOPERATIVA DOS JORNALISTAS DE PORTO ALEGRE

## RUBENS MINELLI REVELA SEU SEGREDO

*E prevê, num depoimento exclusivo, um futuro difícil para o Inter. E mais: em cinco páginas uma reportagem especial mostra os bastidores do melhor futebol do Brasil*



## COMO SE CONSTRÓI UM SUPERCAMPEÃO



A reportagem  
do ano:  
os papéis  
da CIA  
sobre o Brasil

*Hélio Silva fala  
sobre o tema  
do seu próximo livro:  
a morte de  
Getúlio Vargas*

O comportamento  
sexual  
do  
gaúcho



## COOJORNAL

Este jornal, criado em 15 de novembro de 1974, pertence à primeira cooperativa de jornalistas do Brasil, a COOJORNAL, que foi fundada em 24 de agosto de 1974. A COOJORNAL tem 299 sócios. É uma organização administrada pelos próprios jornalistas, com uma diretoria eleita em assembleia geral. Cada associado, independente de sua participação em capital ou trabalho, tem os mesmos direitos nas decisões de assembleia. Além da diretoria, a COOJORNAL tem um Conselho Editorial para orientar a linha e a qualidade de suas publicações próprias e de 16 outras publicações que faz para terceiros.

Editor  
Elmar Bones da Costa

## Redação

José Antônio Vieira da Cunha, Rosvita Saueressig, Jorge Polydoro, Osmar Trindade, Guaraci Fraga (editores), André Pereira, Ricardo Schmit, Elaine Lerner, Marco Antônio Schuster, Jorge Freitas, Najar Tubino, Paulo Burd, Sérgio Becker, Pedro Maciel, Marina Wodtke, Lenora Vargas, Valdoar Teixeira (repórteres e redatores), Severino Góes (Santa Maria), Luiz Lanzetta (Pelotas), Luiz Grassi (Brasília), Gilberto Pauletti, Roberto Manera, Baísa Contino, Fernando Pereira, Jorge Oliveira, Riomar Trindade (Rio), Hélio Teixeira, Hamilton Vieira, Pedro Franco Cruz (Curitiba), Jorge Escosteguy, Geraldo Hasse, (São Paulo), Paulo Marconi (Salvador), Gleiser Neves (Belo Horizonte), Maria da Graça Seligman (Florianópolis), Jacqueline Joner, Eneida Serrano, Ricardo Chaves, Assis Hoffmann, Guto Cruz, J. B. Scalco (fotografia), Luiz Carlos Ferré, Lilian Bem David (arte), Jorge Galina (diagramação), Nilson Figueiredo (coordenação técnica), Dejar Goira, Maria Isabel Timm, Beti Stieflman (revisão), Carlos Milton de Goz Rios (produção técnica), Paulo Sá, Olmíro Lempke, Atil Vinetón (montagem), Hélio Pinho, Ivan Carlos Franco (composição).

Gerência  
Eládio Vieira da Cunha

Comercial  
Gabriel Matias

Circulação e Assinaturas  
Carlos Alberto Wagner, Dirceu Zaremsky

Endereço  
Rua Comendador Coruja, 372 — Fones 24-0951 e 21-8984 — Telex (051)1605 — CEP 90.000, Porto Alegre, RS.

Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre Ltda.

**ASSOCIADOS:** José Antônio Vieira da Cunha (Presidente), Osmar Trindade (Vice-Presidente), Marcelo Oscar Lopes (Secretário), Luis Cláudio Cunha, Jorge Olavo de Carvalho Leite, José Guaraci Fraga, Carlos Karnas, Antônio Oliveira, Maria da Graça Seligman, Assis Hoffmann, Emanuel Gomes de Mattos, Carlos Henrique Bastos, Edgar Vasques (Conselheiros de Administração), João Borges de Souza, Tomás Irineo Pereira, Alberto André, Agnese Schiffino, Sérgio Becker, Antônio Gonzales, Carlos Mosmann, Luiz Carlos Felizardo, Euclides Torres, Leo Tavejnhanski (Conselheiros Fiscais), Jorge Polydoro (Diretor-Superintendente), Adélia Yates Porto da Silva, Ademir Vargas de Freitas, Afonso Ritter, Angélica Riccardi, Antônio Brito Filho, Antônio Dreoni, Arthur Monteiro, Carlos Alberto Kolecza, Carlos Urbim, Carlos Rosa, Claiton Sellstre, Cláudio Aquistapace da Silva, Caco Barcelos, Danilo Ucha, Delmar Marques, Fernando Albrecht, Elmar Bones da Costa, Érico Valduga, Erni Quaresma, Flávio Soares, Gládis Ibarra, Imapa Stallbaum, Jandira Maria César, José Antônio Ribeiro, Félix Valente, Julieta Nunes Pereira, Lício de Azevedo, Luiz Carlos Merten, Luiz Francisco Terra Júnior, Luiz Fonseca, Maria Angélica de Moraes, Maria Wagner, Marina Wodtke Abu-Jamra, Mário Marcos de Souza, Marcos Leonam Borges da Cunha, Nirce Levin, Otacílio Grivot, Paulo de Tarso Riccardi, Paulo Gerson A. de Oliveira, Pedro Maciel, Regina Vasquez, Renato Pinto da Silva, Ricardo Chaves, Rosvita Saueressig, Laux, Sérgio Moita, Silmar Müller, Walter Molina, Hermelindo Macedo, Clóvis de Oliveira Malta, Omar de Barros Filho, João Carlos Ferreira da Silva, Lenora Vargas, Leonid Strelaev, Divino Fonseca, J. B. Scalco, Eva Maria Caparelli, Maristela Baires, Luiz Rache Vitello F., Telmo Zanini, Iara Bendati, Afonso Licks, Rogério Mendelski, Carlos Rodrigues, Victor Hugo Sperb, Jaime Kintowitz, Silvio Ferreira, Ana Amélia de Lemos, José Onofre, Alberto Blum, Flávio Dutra, Jorge Martins Freitas, Renan Antunes de Oliveira, Mário Eugênio da Rocha, João Batista Aveline, Dorival Pacheco, José Lauro Dieckmann, Gerson Schinger, Rejane Baeta, Fernando Goulart, Paulo Burd, Gomerindo Corinho, Carlos Szalzano, Laíla Pinheiro, Maridória Schilling Osório, Hélio Game, Geraldo Hasse, Gilberto Pauletti, Jorge Escosteguy, Luiz Oscar Matzenbacher, Olyr Zavaschi, Ademir Fontoura, Flávio Porcello, Virson Holderbaum, Carlos Fehlberg, Jussara Pereira Coelho, Luiz Paulo de Pilla Vares, Paulo Roberto Maciel, Luiz Afonso Franz, Andre Pereira, Eugênio Bortolon, Mário Luiz Madureira, Roberto Manera, Cláudio Levitan, José Antônio Simch da Silva, Maria da Graça Guindani, Sérgio Caparelli, Lauro José de Quadros, Maria Inês Burger Marques, José Antônio Pinheiro Machado, Olivier Lamas, Sílvia Costa, Judith Martins Costa, Sêrgio Toniello, José Abu-Jamra, Francisco Dias Lopes, Lillian Bem David, Nilson Figueiredo, Roberto Alves D'Azevedo, José Erasmo Nascimentos, Beatriz Polydoro, Hipólito Pereira, Fernando Rômulo Bueno, Edgar Lisboa, Antônio Carlos Mafalda, Valdir Barbosa Paz, Sérgio Arnoud, Ivan Pinheiro Machado, Maroni João da Silva, Luiz Augusto Rebêas de Abreu, Vera Regina Monteiro, Amauri Mari de Melo, Paulo Macedo, Marco Antônio Schuster, Neuza Tasca, Otilia Maria Goulart, Roberto Appel, Ivo Egon Stigger, Elaine Lerner, Alda Suzete Rosa Souza, Carla Irrigary, Tânia Barros, Tânia Jamaro Faillace, Santa Irene Rosa, Paulo Denis Pereira, Ayrton Kanitz, Pedro Macedo, Tezozinha Tellini Figueiredo, Jaraporan Müller, Zília Leal, Luiz Alberto Arache, Neuza Maria Ribeiro, Edgar Planella, Marcos Antônio Baggio, Edna Della Nina, Armindo Antônio Ranzolin, Vilmo Medeiros, Paulo Poli, André Jockyman, Jayme Copstein, Raul Rübénich, Cíntia Maria Nahra Leal, Leonardo Berlese Dourado, Edson Gomes Chaves F., João Paulo Lacerda, Luiz Fernando Lima da Silva, Verlaíne Maria Silveira, Adroaldo Bauer Spindola Correa, Vera D. Barcellos, Sibylla Loureiro, Humberto Andreatta, Christa Berger Schuckick, Maria Eneida Serrano, Jacqueline Joner, Ronaldo Westermann, Luiz Carlos Mello, Alfonso Abraham, Wladimir Ungaretti, Danilo Miralles, Gabriel Matias, José Luiz Chiarelli, Fernando Diba Pinto, Flávio Corrae, Milton Saldanha Machado, Miriam Tereza Chagas de Moura, Paulo Antônio Fogaça, Severino de Araújo Góes, Fernando Guedes, Naltar Rebêas de Abreu, Maria da Graça da Silva, Walmar Paz, Ana Elusa Sperb Rech, Milton Velez, Maria Helena Brancher, Maria Luisa Palm Teixeira, Júlio Tadeu Sortica, Ana Maria Lopes de Almeida, Edson Luiz Kozminski, Najar Tubino, Marise de Martini Fetter, Luiz Antônio Kozminski, Jurandir Silveira, Alfredo Ferruzzi, Carlos Roberto Dorneles, Ricardo Schmitt, Carmem Maria Laviguerra, Nelson Balbich, Francisco Daniel L. da Silva, Orlando Carlos Brasil, Vera Teresa Costa, Juarez Fonseca, Carlos Gilberto K. da Rocha, Jorge Gallina, Maria Elain da Silveira, Renato Kern, Vera Suzana Kern, Valmório Oliveira Rios, Evaldo José Gonçalves, Helton Ricardo Barreto, Hígino Cosme Barros, José Eneid Francisco, José Roberto Garcez, Luiz Telmo Emerim, Valdir da Silva, Norberto Hoffmann, Sérgio Batsov, Cândido Augusto Cruz, Francisco Juska Filho, Carlos Rafael Guimarães, Gilberto Ribas dos Santos, Carlos Frederico Menz, Eduardo Serrano San Martin, Ilza Maria Tourinho Girardi, Eugenio de Faria Neves, Carlos Eduardo Athanasio, Renato Canini, Wilmar de Oliveira Marques, Acari Amorim, Waldoar Teixeira, José A. Souza Pinto Neto, Pedro Sosa Pereira, Wilson Silveira de Moura, Énio Roberto Nugent de Rocha, Ana Maria Smidt, Eduardo Soares Guimarães, Alberto Magno Figueiras, Antônio Carlos Rosito, Iara Terezinha Schilling Pereira, Fernando Fuentes Lindote, Fernando Saes, Miriam Costa Correa, Nestor Fedrizzi, Odilon Abreu, Laerte Martins, Silvio Correa, Luis Carlos Ferreira, Anibal Bendati, Arthur Xavier de Oliveira Filho, Carlos Roberto Silveira, Carlos Alfredo Smich da Silva, Olides Canton, Roberto Augusto Thomé, Rogério Raupp Ruschel, Luiz Fernando Verissimo, José Luiz Goulart Prévizi, Maria Elaine Alves Borges, Eduardo Rômulo Bueno, Guaracy de Souza Cunha, Marco Túlio do Rose, Mauro César Silveira, Mauro Pacheco Toralles, Luiz Ricardo Lanzetta, Alices Inês de Verney Lorenzi, Ana Maria Barros Pinto, Lotário Neuberger e Ubirajara Silva Prates.

## Dia da Imprensa

**Prezado colega Luiz Cláudio Cunha:** Com os meus cumprimentos e as escusas pelo atraso deste registro, quero agradecer suas generosas apreciações sobre minhas palavras, no Dia da Imprensa, no Palácio Piratini, saídas na edição de outubro do Coojournal.

Penso ter dito o que devia na data comemorativa da imprensa. Sempre é oportuno repetirmos nossas obrigações e nossos deveres, nossas responsabilidades para com a verdade e o povo numa sociedade que se diz democrática e assim está na sua Constituição e nas suas leis.

Reitero-lhe, com o meu reconhecimento, os protestos de admiração pelo seu trabalho e os votos pela continuidade do seu êxito profissional. — **Alberto André, presidente da Associação Riograndense de Imprensa, Porto Alegre.**

## Outra cooperativa

**Amigos,** aproveito para enviar alguns exemplares do jornalzinho que faço na Cooperativa Mista de Pesca Nipo-Brasileira. Nosso projeto de constituir uma cooperativa de jornalistas aqui na Baixada Santista permanece de pé, mas devido a problemas profissionais e às aulas tivemos que aguardar um pouco. Nossa ideia é fazer a primeira reunião agora em janeiro. Surgindo novidades, comunico. E gostaria de saber se vocês podem enviar regularmente o Coojournal. Por hora é só. Continuamos torcendo por vocês. — **Ohuydes Fonseca, editor de esportes de A Tribuna, Santos.**

## Sonhos em Belém

**Pessoal,** quero dizer que estou aqui, na outra ponta do Brasil, vibrando com a Cooperativa dos Jornalistas. Ela, foi além de minhas perspectivas. Tenho falado muito sobre ela por aqui. Muitos se interessam, outros a consideram um sonho impossível, para os jornalistas paraenses. Tenho mostrado também o Coojournal e todos ficam deslumbrados. Para que vocês tenham uma ideia, o diretor da TV Liberal mandou xerocar algumas reportagens para dar ao presidente da rede. Um apresentador de telejornais logo quis ser assinante. Expliquei a ele como fazer e dei o endereço. Pelo que me contou depois, não só pediu a assinatura como também escreveu procurando manter contatos. Um abraço a todos. — **Jussara Coelho, Belém.**

## Artur Arão

**Sr. Editor:** Magnífica a reportagem do repórter Euclides Torres sobre o bandido Artur Arão, seu irmão Pedro Arão e o escritor Ludovico Meneghelo, que soube retratar como poucos medalhões da literatura nacional, a movimentada e aventureira vida deste personagem que merece figurar na história gaúcha.

Aos leitores menos avisados, recomendo a leitura do livro *Eu Sou Artur Arão*. Numa narrativa simples, dinâmica e bastante atraente, Ludovico Meneghelo nos mostra como era perigosa a vida do gaúcho de interior há bem pouco tempo atrás. **José G. Abreu, Porto Alegre.**

## Sem palavras

**Sr. Editor:** Todas as reportagens publicadas no número 10 foram excelentes. Somente não aprovei os palavras ditos pelos escritores que participaram do debate na Cooperativa. Sei que é difícil conter-se quando barbaridades são feitas; por isso, não condeno os escritores, mas entendo que o jornal não deveria citar os palavras e sim colocar reticências. Cada um entenda como quiser.

Achei também um pouco intempestiva a sugestão de um publicitário, que gostaria de ver este jornal diário. Não sei quais os problemas que vocês enfrentam, mas é fácil imaginar que devem ter muitas dificuldades. De qualquer forma, tenham a certeza de que contam com o apoio de leitores como nós. — **José Antônio Fávero, Porto Alegre.**

## Base da cultura

**Senhores,** tendo-se como princípio que "a leitura é a base da cultura", sabemos que este jornal se consagrou pela importância dos artigos que publica. Entre nossos objetivos está o de estimular a leitura entre os estudantes, mas para isto enfrentamos muitas dificuldades, pois nossa entidade não possui fins lucrativos. Por isto, consultamos sobre a viabilidade de nos enviar, gratuitamente, uma assinatura deste jornal. — **José Maria de Oliveira, secretário geral do Diretório Acadêmico do Centro de Ciências Rurais da UFSM, Santa Maria. Solicitação atendida.**

## Pela liberdade

**Prezados colegas,** A Associação Brasileira de Imprensa agradece, sensibilizada, a manifestação de solidariedade que recebeu dos confrades, por ocasião do inominável ato de terrorismo praticado contra a sua sede social.

Fiel ao programa que fundamentou sua criação em 1908, ABI jamais transigiu na defesa da liberdade de imprensa e da livre manifestação do pensamento, como princípios básicos para o exercício jornalístico. E não esmorecerá nesse esforço, agora estimulada com a sua manifestação. — **Prudente de Moraes, neto, presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Rio de Janeiro.**

## Homem do campo

**Sr. Editor:** conhecedores que somos da necessidade de comunicação para o sistema cooperativista, principalmente para o homem rural e tentando suprir essa necessidade estamos desenvolvendo uma série de atividades como jornais, boletins, folheters, literatura de cordel, cartazes, pesquisas, no sentido de encontrar os meios mais eficazes para atingir melhor o homem do campo. Daí o nosso interesse em manter contato com empresas e entidades que possam somar alguma parcela ao nosso trabalho. — **Associação de Orientação às Cooperativas do Nordeste, Recife, Pernambuco.**

## Angustiado leitor

**Pessoal,** Um angustiado leitor de Olin-da, após longas meditações, enviou a redação de *Veja* esta imensa cartacomentário, criticando a postura alienante e mistificadora da imprensa. A carta foi colocada no mural da redação para que todos meditassem. Pelo que vi, ninguém leu inteiramente o texto, muito longo e prolixo. Alguns criticaram a caligrafia, outros riram da pretensão do sujeito, outros não aceitaram as críticas. Eu passei a limpo a carta inteira, para inclusive entendê-la melhor. Honestamente, ela possui bons trechos e faz comentários que eu assinaria. Acho que não seria perda de espaço publicar isto total ou parcialmente. — **Geraldo Hasse, São Paulo.**

**Eis um resumo da longa carta:**

Não se trata aqui de se saber ser carta de leitor ou um artigo em colaboração. O fato dos jornais e jornalistas não adotarem sistematicamente um estilo claramente pessoal, francamente especulativo e inevitavelmente subjetivo, preferindo sempre um tom impessoal, informativo/realístico e pretensamente objetivo, constitui a própria essência e segredo da função mis-

tificadora da imprensa, qual seja: dar maior verossimilhança à Realidade Credenciada instituída e vivida pela Cultura.

Os jornais e jornalistas, conscientes ou não, todos tramam seus fios na Rede Social de Ilusões quando apresentam como única e definida realidade artigos que não passam de construções mentais, leituras lineares e subjetivas, posto que a Realidade admite sempre infinitas outras leituras lineares e objetivas (e todas elas são justamente mais outras integrantes da tal da Realidade).

Dar aos artigos e matérias o cunho de informação objetiva aliena o leitor e o torna cúmplice partícipe de uma determinada visão do mundo, que não pode deixar de ser a dos donos do poder, dos donos das empresas jornalísticas, das agências noticiosas, das impressoras, das fábricas que equipam redações e gráficas, dos produtores de papel, dos jornalistas ainda confusos com as contradições inoculadas sub-repticiamente pelo Sistema.

Quando toda essa roda gira, tiram-se jornais em que tudo parece escrito pelos finalmente enfim Verdadeiros Reconhecedores/Cultores da Verdade, capazes de escrever muitos cadernos com fatos narrados objetivamente e interpretações impessoalmente elocubradas, mas que inevitavelmente apenas falam de seus conhecimentos prévios, de suas visões culturais, portanto pressupostas, parciais e ideológicas, como moldes e formas que pomos na Vida para fazê-la mais "racional" e "compreensível" (como se fosse necessário) para que nos sintamos importantes e "respeitáveis".

Quando um jornal faz crer que suas informações e análises são "reais" e objetivas, está participando da farsa que outros grupos, profissões, empresas, etc. estão particularmente (ainda que equivocadamente) interessados em fazer ser levada a sério — e assim os absurdos e o horror que vêm caracterizando a vida em nossa civilização ganham status de contingências inevitáveis, de difíceis e longínquas soluções, assuntos e problemas próprios para entendidos e autoridades (supostamente seriamente empenhados e capacitados a resolvê-los).

Na imprensa convencional tudo é grande e digno, complicado e distante, bem de acordo com o Mito Institucionalizante Racional que faz crer depender nossa vida de inumeráveis e alheios fatores externos a cada um de nós. Que é quanto basta para manter os homens atrelados até a morte a esta ou aquela ideologia, das esperanças que se lhes oferecem e aos medos que se lhes impõem.

Todos participam da peça: cada ator se propõe a acreditar na farsa do outro desde que o outro — ao menos finja acreditar na dele. E assim todos os egos podem dormir (cada um sabe como) em paz com suas fantasias e defesas intactas. Seguros em seus papéis sociais, de patrão ou empregado, careta ou muito louco, militar ou comunista, homem ou mulher, carrasco ou vítima. O que é certamente pouco, comparado a um homem livre, consciente, saudável e inteiro, mas que é mais atraente por parecer menos exigente ou imprevisível.

Mesmo a chamada imprensa independente, os jornais nanicos supostamente comprometidos, quase todos (dos que conheço) por bem intencionados que sejam permanecem aliados ao Sistema que se propõem combater, sem nem de longe ameaçar as grandes mentiras sociais e os mitos culturais determinantes. A contestação que fazem a aspectos isolados do Sistema, sempre no conteúdo, quase nunca na forma, e sempre no nível de ilusão que o próprio Sistema forma, torna-se apenas mais uma engrenagem da Máquina Real de Ilusões, e passa a girar solidária, ativa e passivamente, com os que aparentemente contestam.

Os artigos não deviam esconder sua origem pessoal, especulativa e descomprometida de qualquer alguma Verdade Exterior existente fora das próprias premissas pessoais do redator. Se não já temos mais uma mentira, outro movimento de mentira à mentira. É preciso permitir ao leitor o contato com suas próprias impressões, comparações, numa compreensão



ativa, de *insights*, sacações e descobertas libertadoras, muito diferente do consumo compulsivo de falsas verdades comprometidas sempre, nas suas raízes invisíveis, com os sistemas ideológicos e culturais.

A imprensa só pode ajudar apresentando novas experiências à consciência do leitor, mostrando como é vasto o mundo e o que outros homens andam fazendo de suas existências únicas e passageiras. Ou o que podiam fazer, ou como fazer etc.

Temos sempre a impressão de que os meios de comunicação não informam o que deveriam informar, não mostram as coisas do mundo como elas já podem ser vistas, sem máscaras racionalizantes para encobrir tanta loucura, frustração e desespero.

Escrever milhões de matérias sobre a situação internacional, sobre crises mundiais, genocídios sistemáticos, terror atômico, perspectivas da Fome, caos urbano, desastre ecológico, etc, mas sempre usando a ótica do Sistema ao analisá-los, explicá-los, apontar causas e efeitos engenhosos e mirabolantes, buscando sempre teorias racionais para tanto horror e miséria a que os homens se submetem, e se infligem, é, portanto, aliená-los de sua vida, apagar neles a consciência de que são os únicos e legítimos responsáveis por suas existências singulares, rápidas e misteriosas sobre o planeta. É deixá-los crer que alguém em algum lugar estará fazendo algo para salvá-los, enquanto se os condena ao sofrimento, impotência gerado pela vaga sensação de que nada podem fazer e, finalmente, torná-los presas fáceis de qualquer ideologia fetichista que lhes ofereça uma esperança de vida melhor a ser sempre vivida em um futuro que não chega nunca.

Os jornais continuam a prestigiar com seu formalismo bem comportado e seu enfoque comprometido, todos os absurdos que se perpetrem, mas sempre de modo a que não pareçam tão absurdos. Não se veiculam os aspectos globais, nem os pessoais, e todos os personagens, que pelas notícias e colunas perambulam suas idiosincrasias, não têm passado nem motivações inconscientes, sendo assim alguma espécie de super-homens, não sujeitos às paranóias de sempre.

Especula-se sobre quais aspectos ocultos, mas racionais, se desenvolvem as atividades de uma multinacional ou as tramas pelo poder de um determinado grupo ideológico, mas nunca os desejos, o sofrimento, a infelicidade e o medo manifestos nas faces e corpos dos homens que verdadeiramente se perdem nas fantasias egóicas de sempre: ser presidente disso ou daquilo, ser um executivo bem sucedido, um operário bem remunerado, um burocrata bem colocado, todos com seus sonhos burgueses/urbanos girando nas mãos da publicidade, buscando a felicidade onde ela não se encontra: apartamentos, carros, televisão, bebidas, lanchas e mulheres caras, crianças ridentes e velhinhos simpáticos (presos em casa), falsas glórias da existência humana, todos ansiando participar da Fantástica Festa do Consumo e Desperdício, enquanto entregam oito horas de vida por dia (vezes 300 dias vezes um número de anos tão grande que não deveríamos nem mesmo nos considerar autorizados a crer veremos escoar), passados sempre em locais frios, fechados, insalubres e monótonos, pela esperança de poder consumir mil inutilidades feitas por outros em condições igualmente alienadas.

A ilusão é a mesma para todos, e é essa infelicidade geral e intrínseca que a imprensa pudicamente esconde e logo não precisa aprofundar-se na mesquinha e no horror que as notícias escondem atrás da Máscara Formal Paralisante.

Quando a própria Ciência Credenciada Acreditada já não pretende confiar, como antes, em suas verdades e teorias, nem na possibilidade de garantir a sobrevivência da humanidade se os grandes ciclos vitais/naturais continuarem a ser ignorados e destruídos, os meios de comunicação continuam a informar sobre fantásticas e miraculosas providências, descobertas, pílulas e outros métodos propostos/impostos pelos buro-tecnocratas do poder e da ciência, que supostamente vão salvar a humanidade ou pelo menos minorar-lhe o

sofrimento. As assombrosas e globais catástrofes, cada vez mais fáceis de se prever para o futuro, não serão evitadas se prestigiarmos e mantermos como ideais os padrões e a cosmogonia de uma Cultura cujas bases são justamente o Egoísmo, a Competição e o Medo, cuja lembrança de seu passado é estruturada como um "desenvolvimento" histórico em direção ao futuro, de menor para cada vez maior conhecimento da Vida e da Verdade.

E enquanto se espera, vai tudo ficando sempre um pouco mais caro, mais raro, mais difícil, mais velho, mais cinza e feio, mais irreal, artificial, mais pobre, mais irrespirável, mais intragável, mais violento, mais suicida, sério, irritado, frustrado, desesperançado, impotente, canceroso e triste.

Não há nem nunca houve Humanidade alguma progredindo em direção à Felicidade.

Por que os meios de comunicação não promovem a dissolução desses mitos e nem comunicam a Boa Nova do fim da Era da Mistificação em Massa? É preciso reintegrar os homens com suas próprias consciências e à comunhão amorosa com tudo que os cerca, sem o que não faz sentido falar-se em vida feliz.

O tempo com que contamos para promover esta reintegração é curto, se considerarmos os impasses e desastres que se acumularão caso a atual Visão Mistificadora do Homem e do Processo Histórico não seja desfeita. O trabalho a que

tantos homens dedicaram às vezes até a própria vida, no decorrer da História, foi sempre o mesmo: mostrar que devemos nos desfazer da prepotência, da arrogância e do auto-importância tão caras a nossos egos, para que possamos nos liberar do Medo e mergulhar na Vida Plena.

Aos jornalistas e comunicadores cabe promover (de modo inédito) essa imensa Terapia de Grupo ao deixarem de contribuir na manutenção da Ilusão que cega os homens e os deixa morrer, serem informativos e não paternalistas e mistificadores, ao se absterem de prestigiar os sonhos doentios de tantos homens, mas sim levá-los também a crescer, desmascarando suas poses de heróis ou vilões, ao compreenderem, sob todos os aspectos, a cilada e o compromisso que significa fazer desejáveis os diversos des-produtos e des-serviços que a publicidade neles veicula, ao passarem a dar os nomes apropriados aos crimes e às mentiras que divulgam diariamente.

É só o que precisamos que façam para que a imprensa deixe de ser um falso-álibi para todos os crimes e a tevê transcenda seu papel atual de chiclete para os olhos dos homens tristes confiando em sua alienação. E assim alcancem, finalmente, o sentido pleno da vocação que seguiram quando queriam e sonhavam ajudar na Revelação da Verdade, abandonando assim o Labirinto Cinzento e Absurdo que ajudam, inconscientes, a construir e manter. — Joaquim Moura, Olinda, PE.

## Nova Imprensa

### Caros companheiros do Coojornal.

Digo à queima roupa: os dois últimos números estão muito bons. As matérias do Caso Kliemann, do Arthur Arão e da morte do Jango são jornalismo de primeira.

Nelas se encontra aquela carga de criação e de coragem sem as quais não existe jornalismo. Estou cansado do jornalismo burro e apático que ofende o leitor brasileiro. A falta de imaginação do conteúdo se soma uma dramática pobreza das palavras. A padronização do texto, semeada pelo jornalismo americano telegráfico, disseminada nos anos 50 no Brasil, decadente nos anos 60, zumbi nos anos 70, tem que ser definitivamente superada pela Nova Imprensa.

Em alguns textos do Coojornal eu sinto que há uma disposição de valorizar, realmente, o papel do repórter. Na matéria do Caso Kliemann, há uma contenção e uma emoção dos melhores contos policiais. A matéria do Arthur Arão caminha sobre as nossas raízes e descreve muito bem a figura singular de um autor tão apaixonante quanto seu personagem. O texto sobre Jango evoca o melhor jornalismo de Antônio Callado. É pouco??? — Abraços do amigo Marcos Faerman, e da turma do Versus, São Paulo.

Mais cartas na página seguinte

## Em 15 anos de locação, a Auto Locadora Gaúcha tem usado sempre a mesma receita: o cliente tem razão.

A maior empresa brasileira de locação de veículos tem uma estrutura sólida. Uma frota de mais de 500 carros que aumenta proporcionalmente à solicitação do público. E aprimoramento de todos os seus setores. O cliente da Auto Locadora Gaúcha participa decisivamente desse aprimoramento. Com críticas e sugestões que são sistematicamente buscadas e cuidadosamente consideradas. Porque isso ajuda a formar a larga experiência que ela tem obtido nesses 15 anos. Sempre dando razão total ao cliente. Afinal, é ele quem movimenta tudo.

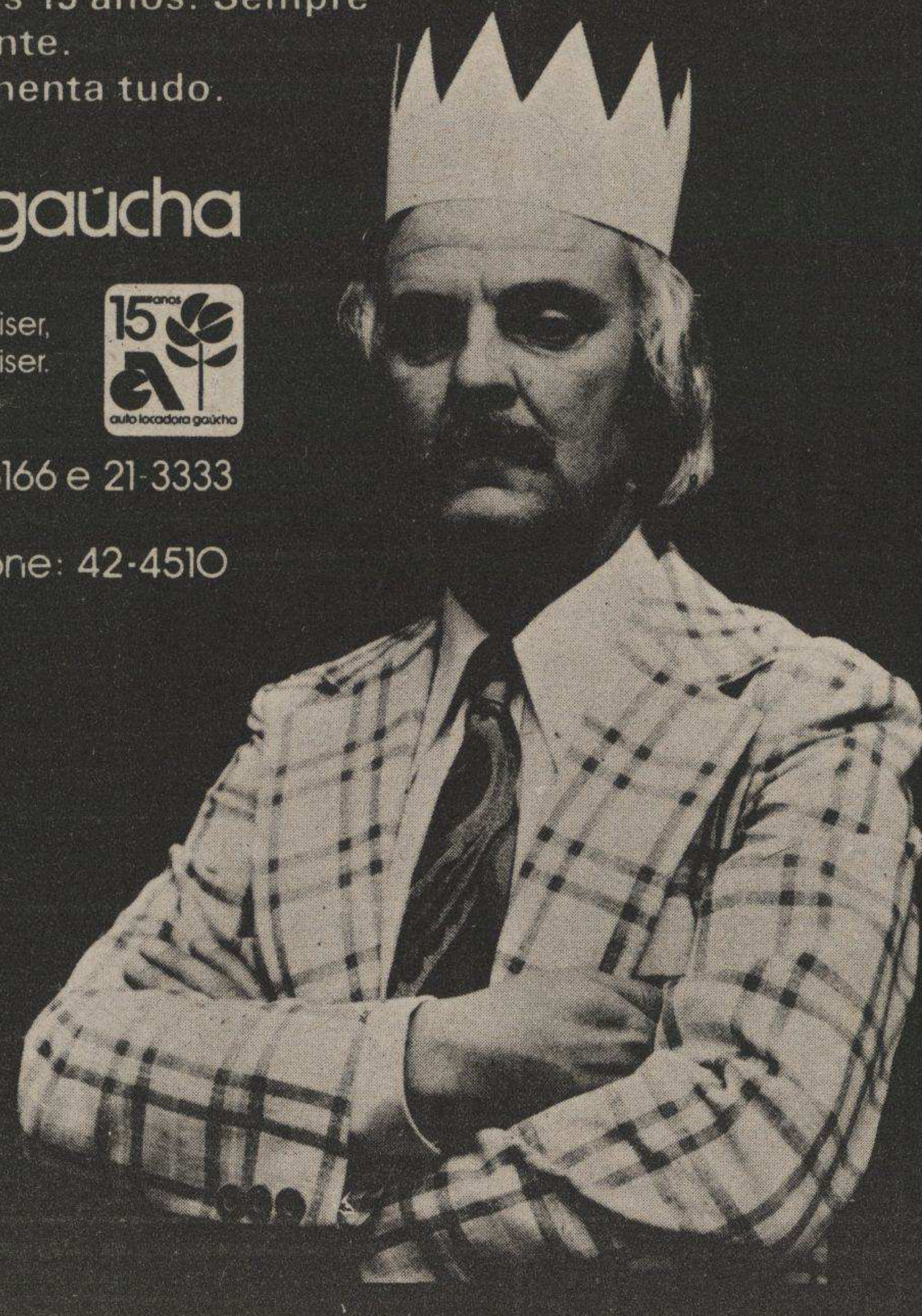
auto locadora gaúcha



O carro que você quiser, na hora que você quiser. Sempre.



Conceição, 364 - Fones: 24-5166 e 21-3333  
Estande permanente no  
Aeroporto Salgado Filho - Fone: 42-4510  
Porto Alegre - RS.



escala



**O sobrinho Coi Lopes de Almeida fala do "tio Janguinho tropeiro" e o jornalista José Antônio Severo revela uma confidência do ex-presidente.**

**Um plano: nomear Lott ministro**

A última vez que vi João Goulart foi em fins de fevereiro de 1972, numa churrasceria de Pocitos, em Montevideú. Nesse dia o ex-presidente ficou até as cinco da manhã conversando com Assis Hoffmann e comigo. Na manhã seguinte embarcávamos de volta para o Brasil e ele aproveitava para desabafar sua irritação contra a imagem de homem rico e despreocupado, o grande fazendeiro acostumado a fechar cassinos em noitadas memoráveis.

Naquela noite ele havia escrito uma carta à redação da revista *Veja* protestando contra o enfoque de uma matéria publicada, falando da sua prosperidade em empreendimentos agropecuários no Paraguai e no Uruguai. Jango leu a matéria e ficou furioso. Pegou uma caneta e redigiu uma curta nota, mais tarde enviada à revista e publicada parcialmente na seção de cartas.

Assis e eu estávamos ali assistindo à sua amargura envolvidos pelo clima criado pela situação. Como reflexo de sua carta, deveríamos voltar correndo para o Brasil, com ordem de suspendermos a matéria sobre seus últimos dias no governo, em março de 1963.

Estávamos há poucos dias em Montevideú procurando convencê-lo de falar sobre seus últimos momentos no governo. Esse seria uma parte importante da matéria que a revista *Realidade* tinha planejado sobre os acontecimentos políticos que levaram à sua deposição, quando, naquele dia, chegou à sua casa um exemplar de *Veja* com a matéria sobre seus negócios.

O ex-presidente resistia à nossa idéia. Em primeiro lugar, diziam seus assessores, lembrar aqueles episódios provocava-lhe uma tristeza profunda. A nós ele preferia esquivar-se com outros argumentos: sem dizer não, dizia não ser mais importante o seu relato sobre aqueles acontecimentos.

Depois que a revista chegou, então, sentimos que deveríamos afastar qualquer possibilidade de obtermos seu depoimento. Ele não punha nos jornalistas de *Veja* a culpa do que ele julgava sua parcialidade, na matéria. Preferia encarar o fato como resultado de articulações mais amplas objetivando obscurecer uma parte de suas atitudes no exílio, que, no seu entender, tinha um significado de ativa oposição ao regime instalado em Brasília.

Durante a explosão, Jango não conseguia sequer escrever. Pediu ao ex-prefeito de Brasília, Ivo Magalhães (que havia chegado à sua casa, momento antes, trazendo a revista), para redigir um telegrama (como ele chamou) protestando contra o enfoque da matéria: "Isto é uma cafagestagem. Não se cansam de fazer reportagens como esta querendo dizer que estou no exterior ganhando dinheiro enquanto, no Brasil, os trabalhadores (...) e seguiu por aí fazendo acusações bem pouco lisonjeiras à Imprensa.

A certa altura, Assis e eu fomos para um canto confabular sobre o que deveríamos fazer, pois percebíamos que se criava um incidente e que começávamos a entrar naquilo, não só por sermos jornalistas, mas também porque ambos éramos funcionários da Editora Abril. Decidimos ficar até o fim, pois aquilo poderia virar em importante fato político, ou, pelo menos, numa história envolvendo uma grande revista e um ex-presidente exilado.

Acabamos ajudando Jango a enviar a carta, que ele mesmo acabou redigindo, para a redação de *Veja* via telex. Depois fomos jantar. Ainda no carro, Jango começou a falar de sua vida como presidente, analisando o contexto que o levou ao exílio.

De uma forma geral a história não é diferente das versões isentas que circulam sobre os estopins da Revolução de 1964. Aqui é preciso lembrar que Jango é conhecido por nunca ter alimentado ódios, mesmo contra seus mais ferrenhos adversários. No entanto, foi pelo menos curioso ouvir o que ele falou porque seu enfoque trazia a visão daquele que estava realmente no centro do alvo, por quem passavam



Em quatro eleições, ele foi de São Borja à Presidência e só voltou morto

**JANGO  
A MORTE NO EXÍLIO**

todas as tensões que emocionaram e aturiram o período do pré-1964.

Para Jango, o maior problema de seu governo não eram propriamente as conspirações que infestaram o país de norte a sul, mas sua impotência para alavancar contrapartidas que levassem a uma situação de mínimo equilíbrio. Isto, na sua opinião, devia-se às circunstâncias em que chegou ao poder, praticamente isolado, sem qualquer esquema articulado para governar.

Explicava Jango que um presidente, num país do tamanho do Brasil, somente poderá chegar ao governo se tiver, pelo menos, organizado, seja através de uma campanha pública em torno de um programa (partidário ou não), ou de bases ideológicas e políticas bem claras. No seu caso, ele somente poderia governar plenamente se tivesse cumprido todas as etapas da ascensão ao poder, que partiam, naquela época, das articulações partidárias, desciam até o nível municipal (pelo menos as bases das cidades mais importantes dos estados entravam nas gestões) e se consolidavam na fase de proselitismo eleitoral, até atingir um nível de consenso representando, pelo menos, um tipo de maioria nacional.

Jango, entretanto, era vice-presidente. Mas ainda: assumiu nestas condições sucedendo um presidente (Jânio Quadros) eleito por facção contrária às suas bases partidárias. E assim no ar como chegou ao governo, nunca chegou a se consolidar inteiramente, o que gerou o descontrole efetivamente ocorrido, que representava um fertilíssimo campo às ações subversivas, que terminaram por desmoronar com seu governo.

A sua história não tinha muitos nomes. Pelo contrário, os acontecimentos a que ele se referiu entravam como adjetivos a enfatizar uma ou outra tendência predominante.

Dizia perceber claramente a tendência dos ventos. Do alto da presidência, pelas informações amplas com que contava podia ver os grupos e subgrupos movimentando-se numa corrida frenética para ver qual deles chegaria primeiro.

A surpresa no desfecho foi a intervenção do grupo militar chamado de Sorbonne (Escola Superior de Guerra) que entrou na cena dotado de um programa político capaz de responder de imediato à perplexidade do momento, empolgando o poder antes que as demais facções pudessem obter através de uma saída institucional a recontagem do placar pelo sistema tradicional. Ou seja: todos esperavam que o vazio de poder levasse a um impasse

semelhante a 1945, quando o governo foi entregue à Justiça, tendo o presidente do Supremo somente uma alternativa, pragmática, convocando eleições gerais.

A frustração dessa perspectiva virou o quadro, deixando todos a falarem sozinho. O núcleo liderado pelo então chefe do Estado Maior do Exército, general Humberto Castello Branco, assumiu imediatamente o controle da situação e agiu de maneira coerente, conseguindo polarizar setores ponderáveis da Oposição.

Entretanto, como para corroborar a imagem antipragmática do então presidente, ficou uma última história contida na resposta a uma pergunta a respeito da sua vontade de não resistir.

Contou Jango que ao saber do movimento armado decidiu jogar um trunfo poderoso que reservava para a possibilidade de ser deposto. Esse trunfo, evidentemente, não eram as legiões de sargentos e praças que o general Argemiro Assis Brasil, seu chefe da Casa Militar, costumava dizer estarem prontas a garantir o regime. Como reserva, Jango pretendia nomear para ministro da Guerra ao marechal da reserva Henrique Teixeira Lott, seu companheiro de chapa na última eleição.

Não posso dizer (porque ele não esclareceu este ponto) se estava ou não articulado com o marechal Lott. Ele apenas contou que ao ver o rumo que as coisas tomavam, decidiu substituir no Ministério ao general Jair Dantas Ribeiro, que se encontrava enfermo (morreu logo depois) no Hospital do Exército.

Com a decisão no bolso chegou ao quarto do ministro: "Quando entrei, o general Jair estava na cama, cercado de telefones, dizendo que eu podia estar tranquilo que ele tinha o controle da situação, estava tomando todas as providências e que mantinha contatos com todas as forças. Não posso dizer que tivesse fé no resultado daquele comando, mas também não tive coragem de dizer a um amigo que ele estava por ser deixado de lado, pois acaba de nomear um substituto. Assim, não tive outro jeito senão elogiar suas providências e me retirar, mantendo-o no cargo e desejando melhoras de sua saúde (...)"

Assim terminou a história. No mesmo Mercedes deixou-nos à porta do Hotel Victoria Plaza e de lá voltou, solitário, na madrugada, para sua casa na avenida Leyenda Patria. Um aceno sorridente foi o último gesto que pudemos ver antes de o carro sumir na bruma de Montevideú. — José Antônio Severo, Rio de Janeiro.

**O gaudério simples e sestroso**

**Amigos:** Tenho certeza que o nº 11 esgotou nas bancas. Foi duro encontrar um segundo jornal cinco dias depois. A experiência deve ter servido pra vocês. Mesmo um nanico pode competir com a grande imprensa, quando trata notícia de forma jornalística, sem medo ou paixões. De frente, como macho, sem botar o rabo no meio das pernas, porque só se assusta quem tem o dito cujo preso....

Vocês deram um belo exemplo ao tratar a morte de Jango com decência. Sem arquivos espetaculosos, forrados de acrílico, ou carcomidos pela traça, cobriram um acontecimento histórico na base do peitaço. Procurando e pesquisando, falando com índio grosso como Otilio Nunes, "um amigo do doutor", buscando a evidência em Hélio Silva. Mas o que mais me sensibilizou — não como parte do Janguinho, mas como gaúcho e metido a ter coragem de dizer o que é preciso, doa a quem doer — foi o depoimento do Josué. Emocionado e honesto, profundamente sincero, principalmente para aqueles que tiveram o privilégio de conhecer o homem que esteve por trás do líder político.

Três opiniões, três lados da vida de quem foi obrigado a morrer longe do pago, só porque teve a ousadia de amar seu povo com a sinceridade peculiar ao homem que "teve sua personalidade exercitada no tropel das fainas a cavalo, no manejo da gadaria, na dobradura leve dos horizontes. A visão dos campos abertos entrou pelos olhos desse homem, fez vinco no espírito, e voltou à tona em gestos largos, fazendo história e legenda". O tio Janguinho que conheci foi bem o que vocês, sem recursos eletrônicos ou audiovisuais, conseguiram mostrar de uma forma precisa, como deve ser o fato jornalístico.

O Jango homem era o gaudério envolvido pela dimensão mística da coxilha, simples e sestroso. Ele tinha as qualidades do gaúcho tropeiro, que não se emociona diante do perigo. Do peão que, sem ser expansivo, te trata de peito aberto, cara a cara. O Janguinho, quase menino, que numa madrugada de inverno perdeu uma tropa inteira nas barrancas do Itacurubi, foi o mesmo solitário líder que não quis arriscar o sangue de seu povo numa luta, naquele momento, inconseqüente.

Quando perdeu a tropa, seu pai, o vô Vicente, não chiou, apenas lhe disse: "Melhor assim, que isso te sirva lição..." Momentos antes de perder a presidência, o general Kruehl lhe dizia: "Cumpadre, a coisa tá feia, mas se o senhor largar a cupinchada que lhe cerca — UNE, CGT e o Brizola — eu garanto a mão"... O Jango gaudério não precisa desse tipo de conselho. No mesmo tom, frio e cordial, respondeu ao comandante do II Exército: "General isso seria trair meus amigos. Não posso concordar em abandoná-los nesse momento. Estiveram sempre a meu lado. Fico com eles, até o fim".

Jango apeou do cavalo, a imagem das rezes mortas no Itacurubi, o cansaço e as traições de última hora, decidiram por ele. Jango tinha aprendido a lição e soube aplicá-la na hora certa. O João Goulart, presidente do Brasil num dos momentos mais difíceis de sua história, não deve ser analisado, transcende ao jornalismo, faz parte da História, uma ciência do tempo. Só ela poderá lhe fazer justiça.

A reportagem de capa do *Coojornal* foi jornalística nesse sentido. A notícia era sobre a morte de um homem. Do gaúcho simples que não colocava suas léguas de campo como barreira a impedir que mateasse ou churrasqueasse com a peonada do galpão. O Jango líder e político, último presidente eleito pelo povo, não morreu, não é notícia jornalística. A história não mata os seus heróis. — Coi Lopes de Almeida, Porto Alegre.





A última Gazeta: saudando 1977

## Briga em família fecha a Gazeta

Um desquite, uma família inteira brigada e um hospitalizado foi o trágico desfecho da Gazeta Pelotense, jornal fechado no primeiro dia deste ano, três meses depois de um pretensioso mas atribulado lançamento. O motivo da briga teria sido uma dívida de Cr\$ 600 mil e as vítimas reais não são as pessoas diretamente envolvidas, mas os 56 funcionários — jornalistas, gráficos, pessoal de expediente — que receberam o aviso prévio inesperado e uma vaga promessa de que o jornal poderá voltar a circular dentro de um mês.

Lançada em setembro, a Gazeta Pelotense (Coojornal n° 9), primeiro enfrentou as críticas dos jornalistas de Pelotas, cidade de 250 mil habitantes, que tem um jornal quase centenário, o Diário Popular. A Gazeta foi acusada de ser um jornal sem jornalistas — apenas um dos integrantes da equipe, o responsável pela propaganda, tinha registro profissional e foi indicado como redator-responsável. Logo depois do lançamento, à custa de alguns dias sem conseguir circular, mudou de vespertino para matutino e também precisou abandonar o plano de se manter só com a venda avulsa, passando a vender assinaturas.

Foi assim que o jornal chegou ao final do ano, quando a crise-administrativa-familiar refletia-se mais dentro da empresa, com o desquite do diretor-presidente do Grupo Fonseca Júnior, o empresário Manoel Marques da Fonseca Júnior, 51 anos, um homem até então bem sucedido em todos os seus negócios nos setores de transportes, cinemas, rádios, indústrias de arroz e até uma lavanderia.

Na Gráfica Independente, que editava a Gazeta, os desentendimentos da família apareceram no dia 29 de dezembro, quando dois nomes deixaram de constar do expediente do jornal: o do vice-presidente da Gráfica, Paulo Luiz Goz, e o do diretor-financeiro, José Luiz Fonseca, respectivamente o genro e o filho do diretor-presidente do Grupo. Na edição do dia primeiro, numa nota assinada na primeira

## NOTA DO EDITOR

**Até aqui, este jornal manteve uma atitude de certa ambigüidade com relação às assinaturas. Agora está decidido: organizamos um departamento e estamos interessados em ter o maior número de assinantes possível e fazemos esse apelo a todos os nossos leitores. Mesmo aqueles que não estão muito preocupados com a comodidade. Se para eles é indiferente receber o jornal em casa ou comprar na banca, para nós a primeira alternativa é muito importante. Assinaturas representam uma renda assegurada, custos mais baixos, enfim, permitem que possamos empregar a maior parte dos nossos recursos naquilo que é essencial — na melhoria da qualidade editorial do jornal. Há um cupon aí adiante, na página 30.**

• • •

**Alguns ensinamentos práticos mostram-se mais adequados do que as teorias anteriores e nos levam a pequenas mudanças no jornal. Abrimos bastante o leque dos nossos assuntos e estamos passando ao largo do que já foi um dos temas principais deste mensário — a atuação da imprensa. Como se diz na fronteira: "No andar da carreta é que as abóboras se acomodam".**

• • •

**Neste número, o Coojornal está chegando a 140 bancas de Porto Alegre e em 30 cidades do interior do Rio Grande do Sul, agora levado por um departamento de distribuição próprio e não mais por terceiros, como foi até a edição anterior.**

página, Fonseca Júnior — um português que veio para o Brasil com oito anos, começou a fortuna fazendo fretes com uma carroça e se acostumou ao sucesso empresarial — fez alusão à ineficiência administrativa dos parentes. "Razões de ordem exclusivamente administrativas — e superiores à melhor das vontades de manter o jornal em circulação — fazem com que seja tomada a medida que ora se anuncia. É preciso, mais do que tudo, que os excelentes resultados gráficos e jornalísticos que temos apresentado aos leitores sejam sustentados por uma estrutura adequada à qualidade do jornal", dizia a nota.

Mesmo eximidos da culpa pelo fechamento do jornal na nota do diretor-presidente, os funcionários da redação reagiram com outra nota quatro dias depois, assinada por todos os empregados. Enérgica, a nota denuncia que o fechamento foi "determinado especificamente por interesses e vontades particulares de quem se sentiu no direito de blefar perante o povo, frustrar as esperanças de inúmeros jornalistas e prejudicar mesquinha, pessoal, irresponsável e arbitrariamente as famílias de 56 profissionais, muitos recrutados em outros centros".

Com a nota dos funcionários, soube-se que os problemas já não eram apenas de ordem econômica e administrativa. "Ante a intromissão de elementos encarregados de zelar acima de tudo pelos compromissos empresariais, ditando o cerceamento de comentários e reportagens e procurando regular o comportamento da redação, esta jamais se intimidou e, ao contrário, procurou sempre impor valores jornalísticos sobre interesses menores", denuncia o documento.

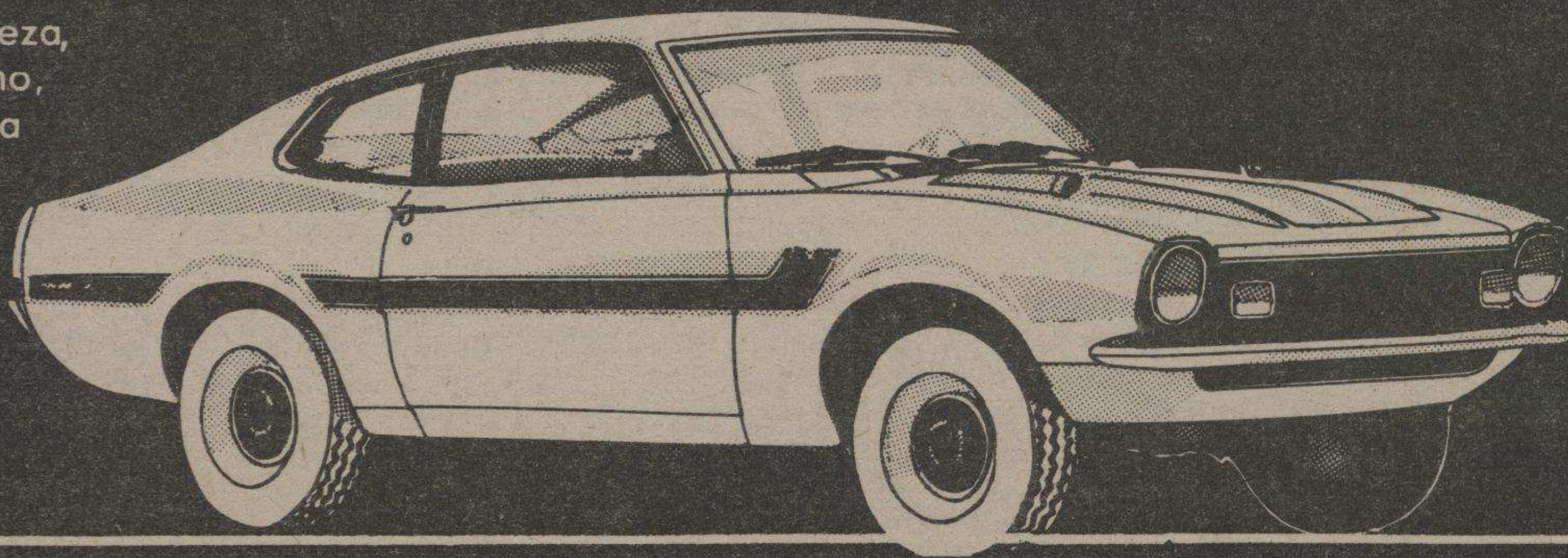
No dia seis, um dos redatores contou ao Coojornal que as relações da redação com a administração já estavam deterioradas há muito tempo, praticamente desde o começo. E especificou a "intromissão": o redator-responsável, Mário Alberto Soares — que na verdade era o chefe da publicidade —, exercia a censura sobre a redação, procurando pressionar diretamente ou através de um revisor da sua confiança. Administrativamente o jornal também carregava dificuldades desde o lançamento: a venda avulsa não correspondia ao esperado, o volume de publicidade estava muito aquém do planejado e o projeto de alcançar mais 12 cidades ficou no papel. Um fracasso para um investimento superior a Cr\$ 5 milhões.

No dia sete especulava-se em Pelotas que o jornal seria arrendado e um dos candidatos ao arrendamento era o grupo de funcionários que recebera aviso prévio no dia primeiro e a promessa de voltar a trabalhar em fevereiro. Nenhum dos empregados acreditava mais nessa possibilidade, principalmente depois que o diretor-presidente marcou um encontro com eles e se fez representar por um subalterno.

Desquitado, brigado com a maioria dos membros da família — com quem negociava a gerência das diversas empresas do Grupo — e com o jornal fechado, Manoel Marques da Fonseca Júnior continuava internado na Beneficência Portuguesa, para onde recolheu-se no dia em que fechou o jornal, alegando esgotamento nervoso. De lá, negociava o arrendamento do jornal com um representante dos empregados.

## Ribeiro Jung coloca o Maverick 77 em seu caminho.

Aos que preferem beleza, conforto e desempenho, Ribeiro Jung apresenta o seu Maverick 77.



Ribeiro, Jung S.A.

O PRIMEIRO REVENDEDOR FORD DO SUL DO PAÍS

Farrapos, 746 — Fone: 21-8855

Brasiliano de Moraes, 772 — Fone: 41-5111



## Triste fim para Jimmy Carter

O homem nem assumiu e já tem gente torcendo pela queda (renúncia? golpe de Estado? suicídio? assassinato?) do americano Jimmy Carter da Casa Branca. Quem duvidar, que leia a coluna que o secretário de redação Adil Borges Fortes, sob o pseudônimo de "Hilário Honório", assina na edição do dia 30/12 da Folha da Tarde: "Saudemos o vice-governador Amaral de Souza pela sua firme posição assumida quanto à demagogia internacional do presidente eleito dos Estados Unidos, Jimmy Carter, pretendendo anular o acordo atômico Brasil-Alemanha Federal. As palavras do vice-governador do Estado dão bem a medida da revolta que invade o povo brasileiro contra o futuro mandatário norte-americano, cujas (sic) previsões dos astrólogos dizem que não chegará ao fim de seu mandato. Felizmente".

Justiça seja feita ao HH: é a primeira vez, na imprensa brasileira, que se vê uma profissão de fé tão franca e corajosa na chamada "política de desestabilização". Aliás, um recurso utilizado com êxito pelos próprios Estados Unidos em diversos pontos do mundo.

## Desabafo de um revolucionário

João Dêntice pouco fala. Ex-presidente da Arena gaúcha e ex-chefe da casa civil do governo Peracchi Barcellos, apesar de "revolucionário de primeira hora" foi frustrado em 1970 em suas pretensões de concorrer ao governo do Rio Grande junto com o senador Tarso Dutra, pela Arena. O presidente Médici, num churrasco no palácio Piratini, anunciou aos gaúchos o seu eleito: Euclides Triches. Desde então, Dêntice atira pouco chumbo — mas chumbo grosso.

No dia 17 de dezembro, a imprensa gaúcha e do centro do país reproduziu algumas idéias simples e profundas contidas em 300 linhas que poucos arenistas deste país (exceção, talvez, ao alagoano Teotônio Vilela) subscreveriam com tranquilidade. Vale a pena destacar alguns trechos:

— As eleições de 15 de novembro construíram porque ouviram o povo, e é assim que se aprimora a sua cultura política: através do debate e do voto. Disse que as eleições ouviram o povo. Não direi que o povo haja, plenamente, ouvido seus candidatos e representantes. Devido às restrições conjunturais do amplo debate, o povo ouviu menos a si próprio e, pois, a eleição ouviu menos o povo.

— Até agora o povo dos Estados foi aliado da efetiva escolha direta do seu governador (...). Mas hoje, sobretudo com a recente manifestação das urnas, sente-se que já é tempo de se devolver aos partidos políticos a função que sempre deles foi: escolher livremente, através de suas convenções, seus candidatos e submeter seus nomes ao eleitorado, nas datas fixadas para as eleições.

— A presunção de menor risco de erro na escolha do governante, a partir dos altos poderes da República, prefiro sempre a modesta e eficaz escolha no próprio chão dos futuros governados, palmo a palmo, amadurecida pelo debate, pela pregação, pela vigília cívica, pela liderança verdadeira, em suma, pelo simples, magnífico e insubstituível ato de votar.

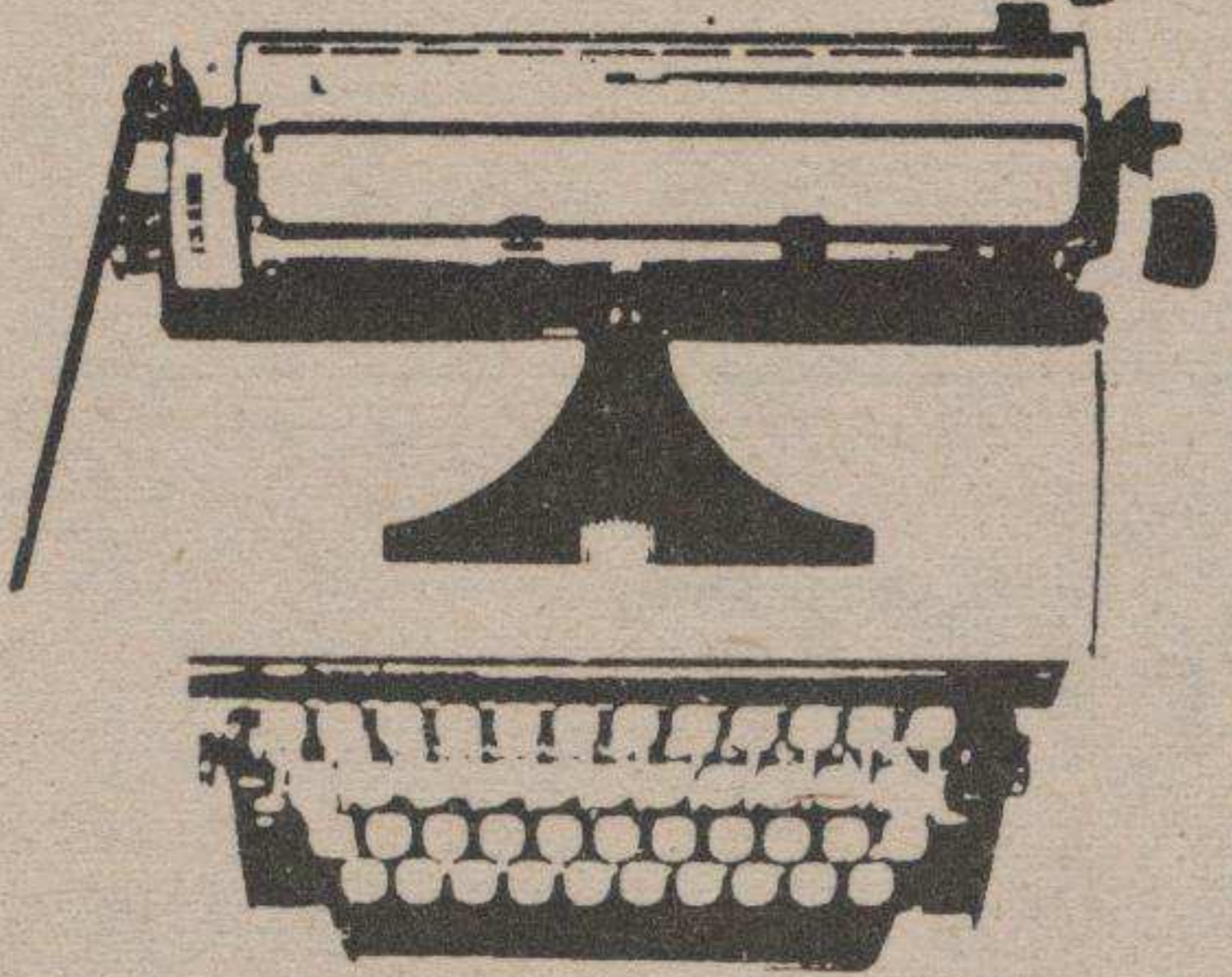
— A tendência de postergar para o milênio de perfeição popular, a manifestação das urnas, é o melhor meio de impedir o aperfeiçoamento democrático das instituições. A democracia não exige perfeição. Ela encaminha o aperfeiçoamento.

— As teses de prorrogação e coincidência de mandatos (...) não conseguem afastar o único e verdadeiro propósito que encerra: protelar, adiar a realização das eleições.

— A frequência de eleições, em todos os países do mundo democrático, tem caráter pedagógico. Quanto mais amiudamente o povo for convocado às urnas,

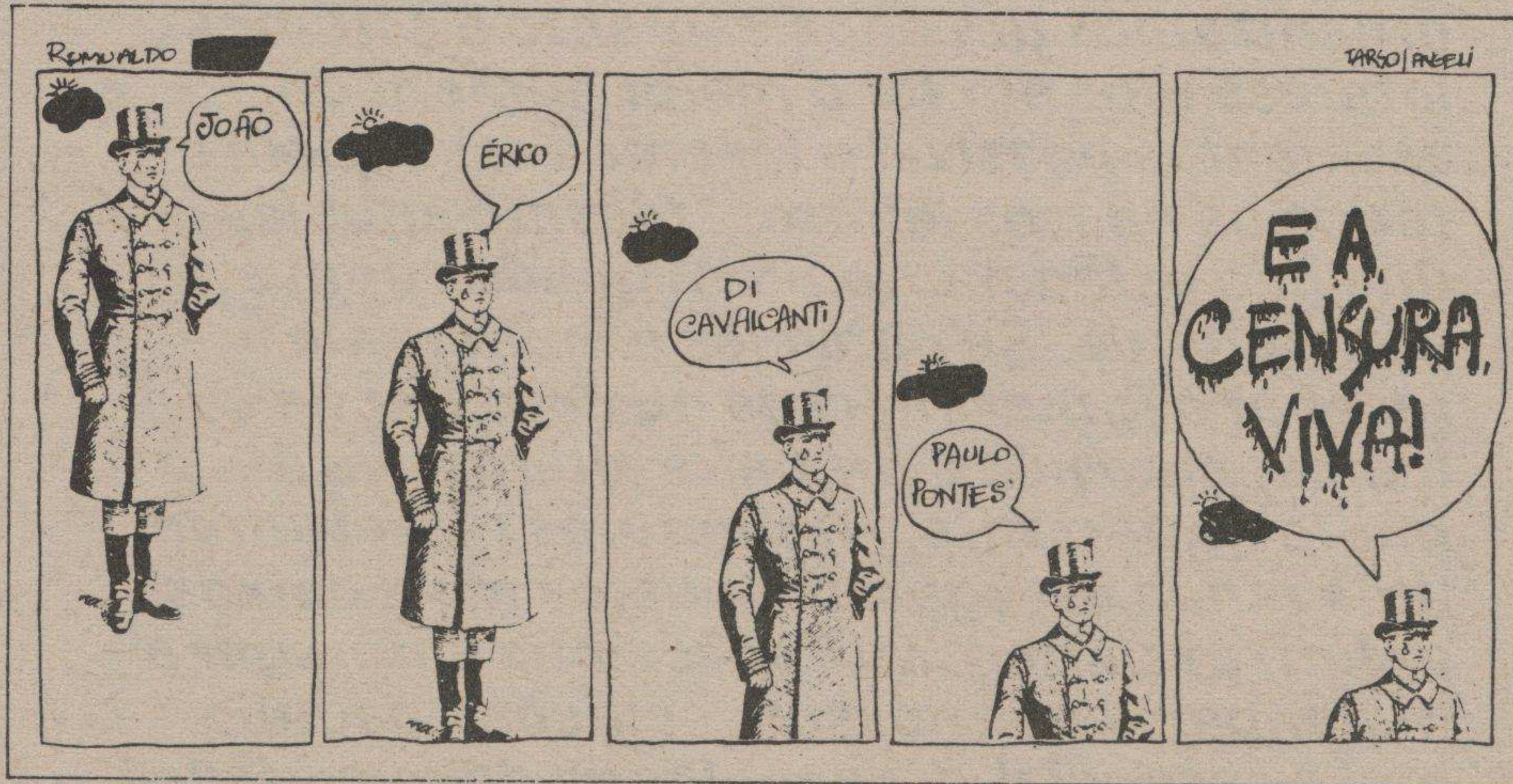
## Perdão, leitores

Luiz Cláudio Cunha



**MACHISMO**  
A IDEOLOGIA GAÚCHA  
CYRO MARTINS  
FOTOGRAFIA EM 1900

Paralelo:  
o número dois



Folha de São Paulo, 28/12/76

## Avanços da Censura

Um perigoso precedente foi aberto no Rio Grande do Sul no dia dez de dezembro: conforme comunicado do diretor-geral da Censura Federal, Rogério Nunes, a revista Paralelo, publicação mensal de "cultura e idéias", terá seu número três, que deverá estar nas bancas nestes mês de janeiro, submetido à censura prévia em Brasília. Com isto, a imprensa gaúcha passa a ter um representante no cada vez menos fechado clube de publicações previamente censuradas no Brasil — e do qual já fazem parte Movimento, Opinião, Tribuna da Imprensa, o São Paulo, Status, Nova, Homem, Ele e Ela.

Em Minas Gerais, os sintomas foram mais graves, provocando dois casos fatais. A primeira vítima foi o Almanaque do Humordaz, publicação mensal de nove humoristas de Belo Horizonte (mais de nove mil exemplares vendidos nas duas primeiras edições), que começou a morrer sob aplicação da censura prévia. O número três do Almanaque, que mostraria o inédito "Bronte" ("um cidadão abaixo de qualquer direito"), foi suspenso até nova ordem "por motivo de força maior, mas muito maior mesmo" — conforme comunicação dos seus editores aos jornais. Agora confinado à página semanal de humor do jornal Estado de Minas, onde nasceu o almanaque, o grupo de humoristas ainda alimenta esperanças de voltar um dia, com humor livre e bom: "Não se pode acabar com o humorista mineiro, porque ele já começa com o Zéinho Bonifácio...", diz o chargista Aroeira. Ainda na capital mineira, no dia 29 de dezembro, a revista mensal Inéditos, destinada à divulgação de novos autores nacionais e estrangeiros, era obrigada pela Censura a submeter seu material à prévia verificação dos censores. Oito dias depois, os editores da revista decidiram interromper temporariamente a publicação: "Não podemos nos sujeitar à censura prévia e nem temos condições técnicas e financeiras para enfrentar a burocracia repressora imposta pelo Departamento de Polícia Federal", explicaram.

Em Porto Alegre, os editores da revista Paralelo apelaram para o Sindicato dos Jornalistas e para a Associação Riograndense de Imprensa, que numa reunião conjunta decidiram enviar ao ministro da Justiça, Armando Falcão, um ofício onde se mostram preocupados com o que "pode caracterizar uma escalada da censura em nosso Estado". Para reforçar esta impressão, as entidades de classe dos jornalistas gaúchos citaram o caso do quinzenário Lampião, envolvido também pelas atenções da Polícia Federal neste dezembro pouco natalino. No dia 15, os oito editores do jornal (5.000 exemplares) foram intimados a prestar depoimento e informados de que o artigo de capa do número oito do jornal ("1964: o sonho acabou") havia sido motivo para enquadrá-los na Lei de Segurança Nacional, "por incitarem o povo contra as autoridades constituídas". Apesar do inquérito aberto, os editores do jornal ainda não sabem quais serão as futuras providências da autoridade policial.

Da presidência da República, a mais elevada função do país, pouco se esclarece a respeito. Na sua primeira entrevista coletiva concedida no Brasil, o general Ernesto Geisel, conversando informalmente com os jornalistas na noite de 29 de dezembro, logo após a transmissão de seu "realista" discurso de fim de ano pelo rádio e tv, disse: "Eu acho que todos os jornalistas podem e devem interpretar os fatos, mas, de forma nenhuma, ninguém, nem nenhum jornalista, tem o direito de colocar na boa de alguém do governo informações ou dados que não correspondem à realidade". Três dias antes, a Folha de São Paulo publicava esta notícia de sua sucursal de Brasília: "O coronel Moacir Coelho, diretor-geral da Polícia Federal, sustentou que a censura à imprensa é autorizada pelo presidente da República, sendo a Polícia Federal um mero executor dela". O coronel fazia este esclarecimento num ofício ao Tribunal Federal de Recursos contestando mandado de segurança apresentado pelo semanário Movimento, que teve vetada a publicação de um número especial sobre o "Esquadrão da Morte".

Na verdade, um mero mas eficiente executor. A Divisão de Censura da Polícia Federal, conforme revelou o seu diretor-geral, Rogério Nunes, numa franca entrevista coletiva de poucas horas antes do encontro de Geisel com os jornalistas, durante 1976 interdito 6 filmes, apreendeu outros 98, proibiu 29 peças teatrais, vetou 74 livros ("Zero", "Feliz Ano Novo", entre outros) e tirou da televisão Maria Alcina, Ibrahim Sued, o balê Bolshoi e as novelas "Roque Santeiro" e "Despedida de Casado". Nos corredores da TV Globo, que teve um prejuízo calculado em 8 milhões de cruzeiros com o veto às duas novelas, circula uma explicação para esta investida da censura, segundo a Folha de S. Paulo de 28/12: "Na novela das seis ninguém tem relações sexuais. Na das sete, há relações sexuais, mas não se sabe. Nas das oito há relações sexuais, mas ninguém vê. E na das dez, há relações sexuais, todo mundo sabe, mas ninguém vê". O diretor Rogério Nunes, perguntado sobre as razões que levam o intelectual a odiar a censura, respondeu sorrindo: "Há muitos doentes que também odeiam os médicos".

mais ele se capacitará da importância de sua participação e de suas responsabilidades.

— Louvo a preocupação patriótica de alguns patricios nossos em reduzir as despesas do erário público. Quero tranquilizá-los informando que, segundo dados colhidos, as despesas com as eleições não excedem a milésimos do orçamento da República.

## O jornal que enfrentou a Esso

Já vai para dois meses que o Diário de Notícias do Rio faleceu, depois de prolongada agonia. Com uma folha de serviços das mais dignas da imprensa brasileira, não mereceu mais que um artigo de Guilherme Figueiredo, seu antigo colaborador, na Última Hora e algumas notas suscintas informando o seu fechamento definitivo. Por isso vale a pena registrar alguns episódios envolvendo o Diário, que chegou a ser o mais importante jornal carioca na década de 40/50 e que na sua melhor época cultivou alguns princípios hoje completamente esquecidos pela maioria dos jornais brasileiros.

Foi fundado em junho de 1930 por Orlando Dantas e até a queda do Estado Novo em 1945 foi o único jornal carioca que se recusou a receber verbas do Departamento de Imprensa, o DIP.

Junto com outro grande jornal carioca também extinto, o Correio da Manhã, o Diário moveu uma implacável campanha contra a ditadura de Vargas suportando uma censura violenta e a todas as pressões a que os outros sucumbiam. E em 1951, quando Vargas, já presidente Constitucional, desencadeou a campanha pelo monopólio do petróleo, o Diário de Notícias colocou-se a seu lado por considerar a medida de interesse do país. E levou a tal ponto a sua posição que passou a recusar os anúncios da New Jersey Standard Oil (atual Esso), medida que valeu ao jornal a inimizade da maioria das empresas internacionais e a retirada de suas verbas de propaganda.

Na sua redação, nessa época saíam duas edições matinais (uma às 4 e outra às 11 horas), trabalharam homens como Mário de Andrade, Rubem Braga, Tristão de Athayde, Joel Silveira, Evandro Pequeno, Hermano Requião, Guilherme Figueiredo e outros. Sua decadência começou logo depois com a morte de Orlando Dantas. O filho de Orlando, João Dantas, assumiu a direção até 1950, quando o jornal sofreu intervenção e foi entregue a Gustavo Silveira, assessor de imprensa do ex-ministro Delfim Neto. Na penúltima semana de dezembro, procurado pela repórter Heloisa Henk, no Rio, João Dantas escusou-se de dar maiores informações sobre a linha editorial do Diário, especialmente sua posição em relação às companhias internacionais. Disse apenas: "Hoje em dia tenho ótimas relações com os presidentes dessas empresas e não vale a pena estar dando nomes e criando incompatibilidades".

## Agarre seu telespectador

Emoção, trama, suspense e violência deverão ser a grande atração da televisão gaúcha nos próximos anos — e o responsável não será nenhum enlatado de detetive americano. Os ingredientes foram preparados neste fim de ano, quando se encerrou a concorrência pela concessão do canal quatro de Porto Alegre, que ocupará a sexta (e última) vaga para tevê na cidade prevista pelo ministério das Comunicações. Ainda não se conhece o vencedor entre os seis grupos em disputa: Jornal do Brasil (Rio), rádio Pampa (local), TV Bandeirantes (São Paulo), grupo das Emissoras Unidas (local), Sílvio Santos (São Paulo) e grupo Martinez (Curitiba, ligado ao ministro Ney Braga).



# Depositou, ganhou.



**Dividendos**



**Correção Monetária**



**Abatimento  
no Imposto de Renda**

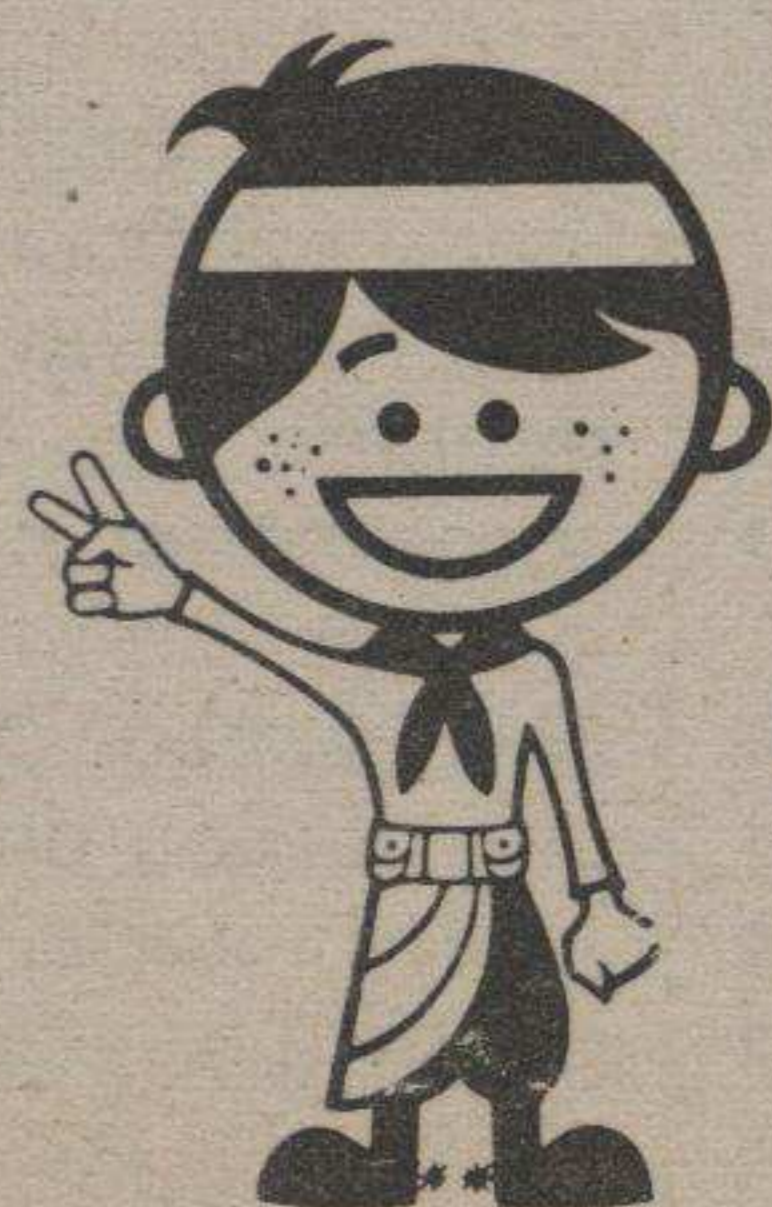


**Com Livre Movimentação**

**Mais a garantia do Governo Federal**



**Deposite e ganhe com a**



**Caderneta APESUL de Poupança**



# CIA no ventilador

**Um resumo das reportagens publicadas no Jornal do Brasil sobre a participação da CIA na Revolução de 1964.**

**Um depoimento do repórter que pesquisou o assunto e as repercussões de sua publicação no Brasil e no Exterior**

Foram cinco dias de um paciente trabalho de pesquisa e seleção na Biblioteca Lyndon Baines Johnson, em Austin, Texas, onde estão arquivados os 31 milhões de documentos que envolvem o ocupante da Casa Branca no período 1963-69. O repórter Marcos de Sá Correa (ver depoimento nesta página) publicou em 12 páginas, nas edições de 18, 19 e 20 de dezembro passado do Jornal do Brasil, uma série de reportagens que mostraram de forma clara o envolvimento dos Estados Unidos na queda do presidente João Goulart, nas horas mais críticas de março e abril de 1964.

Mais do que revelações sensacionais as reportagens têm o mérito de confirmar que

o governo norte-americano — muito bem informado pelos seus funcionários na embaixada no Brasil e a equipe da Agência Central de Inteligência (CIA) — tinha o perfeito conhecimento de todos os preparativos para o golpe de 1964 e estava pronto a intervir, com ajuda militar e econômica, no caso de uma resistência daqueles que estavam sendo depositos pelos militares. O envolvimento dos Estados Unidos até então não passava de vagas informações ou meras suspeitas de historiadores e políticos, brasileiros ou não.

A seguir publicamos trechos das reportagens publicadas pelo Jornal do Brasil. A reprodução dos documentos é assinalada em negrito:



Marcos de Sá Correa

(...) A operação tinha um nome em código — Brother Sam (Irmão Sam). Mobilizou um porta-aviões (Forrestal), seis destróiers, um navio para transporte de helicópteros e quatro petroleiros. E ainda seis aviões de carga, oito de abastecimento, um de comunicações, oito caças e um posto de comando aerotransportado. Previu embarques de munição e um reforço de carabinas calibre 12 carregado para Porto Rico. (...)

(...) O objetivo básico da Brother Sam não era de apoio bélico, mas estratégico. Havia o temor de que o Movimento no Brasil viesse a ser derrotado pela falta de combustível, se as lutas se estendessem por muito tempo. De resto, os papéis do Estado-Maior Conjunto norte-americano falam em "apoio logístico total ao Brasil".

(...) Uma base para o cálculo do que esse carregamento representaria pode ser tirada da quantidade de gasolina comum que, juntos, os quatro petroleiros transportavam: 136 mil barris — correspondendo a um dia de consumo atual de todo o Brasil. (...)

(...) Esta documentação não é completa, pois muitos papéis ainda são secretos. Mesmo alguns dos documentos transcritos não estão na íntegra, pois têm trechos embargados que poderão, ou não, ser liberados num futuro próximo. (...)

30 de março de 1964: (...) Era um alerta: "Informem diretamente a Washington e repitam para a Embaixada todos os desenvolvimentos significativos em relação à resistência militar ou política ao regime de Goulart. Todos os postos devem manter um alerta de 24 horas para estes acontecimentos". (...)

(...) É basicamente à História que hoje interessa saber, por exemplo, o papel que teria desempenhado o embaixador Lincoln Gordon nas decisões daqueles dois dias.

Não é um papel tão influente quanto se insinuava na fase que, durante o Governo Castello Branco, aparecia rabiscada em cartões de chope nos bares da Zona Sul, do Rio: "Basta de intermediários — Lincoln Gordon para Presidente". Contudo, dois dias depois de convocado para o plantão de 30 de março, Gordon receberia pelo telex cumprimentos especiais do Assistente Especial da Presidência para Assuntos de Segurança Nacional, McGeorge Bundy. Bundy elogiou-lhe o "sangue frio e a qualidade das informações", como se ele fosse o comandante de uma campanha vitoriosa. (...)

(...) Em conferência por telex com o Departamento de Estado, que manteve uma extensa rede de agentes na pista de Goulart, duas vezes no dia 2 de abril advertiu o Embaixador para o fato de que o ex-Presidente ainda estava no Brasil. Discutiu-se neste caso, o momento adequado para Washington reconhecer o novo governo. E a conclusão foi de que a hora tinha chegado. (...)

(...) Os agentes secretos não deixam jamais o anonimato, mesmo nos papéis mais confidenciais. A natureza de suas relações com os informantes brasileiros também não transparece. Não se pode surpreender nos documentos uma precisão que permita afirmar como era feita a canalização de informações diretamente dos centros de conspiração para o serviço secreto norte-americano. O fato é que ela houve e foi eficaz.

Mas também é surpreendente que, no mesmo dia 30 de março, a CIA pudesse

## Nove polegadas de Brasil

Marcos de Sá Correa, 30 anos, repórter especial da editoria política do Jornal do Brasil e redator interino da *Coluna do Castello*, é carioca, diplomado em História pela PUC do Rio de Janeiro. Estreou na imprensa como fotógrafo estagiário do JB, em 67, dali passou a repórter da revista *Veja*, que então nascia em São Paulo. Chefiou a sucursal de Brasília da revista, foi um dos editores de Política (junto com Almyr Gajardoni) e, em fevereiro deste ano, voltou para o JB. Seu maior orgulho profissional não é a pesquisa de Austin, mas as duas fotos que fez para a capa da revista italiana *Domenica Corriere* quando fazia free-lancer, no início de sua carreira. No início deste mês, para "acabar de uma vez por todas com o mistério que estão levantando em torno do meu trabalho", Sá Correa prestou este depoimento exclusivo ao repórter Fernando Pereira, do *Coojornal*.

"Olha, foi uma reportagem como outra qualquer. Como essa que você está fazendo. Um dia, antes das eleições, soubemos aqui jornal que tinha duas brasileiros pesquisando o período Johnson e seus reflexos no Brasil, no Instituto Latino-Americano do Texas. Essa informação nos chegou em setembro, depois de ter batido na redação da revista *Isto É*, em São Paulo, e nós achamos que a coisa interessava e demos até no Informe JB, uma coluna diária de notas políticas.

Uma das pesquisadoras, Gayle Hudge Watson, passou alguns dias em Porto Alegre e andou comentando a coisa por lá, talvez tenha falado com algum jornalista. Antes, o Paulo Sérgio Pinheiro, colaborador da *Isto É*, esteve em um congresso de Ciência Política, na Inglaterra, e soube que os documentos do Johnson estavam sendo liberados e poderia ser consultados por qualquer pessoa. Como o período Johnson se encaixa desde o fim do governo Goulart até depois do AI-5, de fins de 63 a janeiro de 69, nós achamos que deveria ter alguma coisa interessante sobre o Brasil e mandamos uma carta para lá. Pouco antes de 15 de novembro chegou a resposta de um bibliotecário informando apenas que existiam nove polegadas sobre o Brasil. Achamos a coisa engraçada, porque ficamos na dúvida se eram nove polegadas de uma folha de papel ou nove polegadas de folhas de papel. Vieram as eleições e

nós tivemos que trabalhar dobrado na cobertura. A possibilidade da viagem ao Texas foi esquecida.

Passado o período pós-eleitoral, no dia 4 de dezembro fui para os Estados Unidos. No dia em que cheguei a Austin, no Texas, fui à biblioteca e em dez minutos estava ciente das normas da casa, coisas como a proibição de não fumar, beber ou comer na sala de consultas para não prejudicar as cópias dos documentos — e porque o que se manuseia são cópias, os originais estão preservados — e de como poderia requisitar a liberação de documentos que ainda estão vedados ao público. Logo depois disso eu já estava olhando as oito caixas sobre o Brasil. Minha primeira providência foi separar as caixas que guardavam documentos sobre economia, os acordos do café, tarifas, essas coisas... não entendo nada de economia e ler aquilo tudo seria perder tempo. Não sou pesquisador, sou repórter.

Tinha poucos dias para olhar uma porção de folhas de xerox, muitas delas com espaços vazios no meio do texto, iguais aos jornais que estão sob censura prévia. Foram cinco dias de trabalho. Eu lia, separava e no final do dia fazia um requerimento pedindo uma cópia dos documentos que achava mais importantes. Tem muita coisa que li e achei secundário. Estava prestando atenção para nomes como Vernon Walters, Lincoln Gordon, Leonel Brizola e fatos como a Operação Brother Sam, a movimentação da esquadra americana na direção do Atlântico Sul. Eu tinha uma idéia do que aconteceu e apnei as coisas que achei importantes. Fiz um trabalho de reportagem, agora devem ir os pesquisadores para levantar aquilo tudo, catalogar, requisitar documentos ainda vedados e escrever a história.

Para cada cópia sair são precisos quatro dias, mas valeu o jeitinho brasileiro: dei uma cantada na mocinha do xerox e ela copiou minhas 450 folhas mais rápido. Tudo pronto, voltei para o Brasil com um saco de papel, além da mala. Cheguei ao jornal e contei o que trazia. Fizemos uma triagem seguindo o critério do interesse jornalístico e, em 48 horas, a matéria estava na oficina. Foi o caderno especial do domingo, dia 19 de dezembro, que nós aqui fechamos na quinta-feira. No dia seguinte, sexta, preparei a matéria de abertu-

ra, a Operação Brother Sam, que saiu no dia seguinte, no sábado. Nesse mesmo dia fiz a miscelânea de documentos que saiu na segunda-feira. Abri com a Operação porque achei mais importante. O caderno especial foi o seguimento do que seria essa movimentação da esquadra e, na segunda-feira, foram os documentos que não compunham uma história, mas que mesmo isoladamente eram importantes. A pressa em publicar o material era para evitar problemas como um furo, já que a notícia era boa e logo chegaria aos outros jornais.

Não recebi qualquer tipo de pressão para dar isso ou não dar aquilo. Foi o mesmo que uma entrevista: li os documentos, seleccionei os que achei mais quentes, e dei. Entre o dia em que desembarquei no Rio e o fechamento do caderno especial se passaram 48 horas. Não houve pressões externas ou internas. A única recomendação era o espaço. Não tivemos a preocupação de checar se as informações eram verdadeiras ou não. Era a opinião da CIA, do Departamento de Estado sobre uma pessoa ou fato. O que foi omitido, foi omitido porque achei secundário. Quanto às repercussões que a publicação dos documentos acarretaram, não estou bem informado e prefiro não falar sobre isso. Como trabalhamos dobrado nas eleições, uma turma aqui da editoria de Política folgou alguns dias enquanto eu estava viajando e a outra folgou depois. Na segunda-feira, quando saíram os últimos documentos, fui para Friburgo (RJ) para descansar e me afastei do que aconteceu.

O que eu acho fantástico de tudo isso é que um documento secreto, dez anos depois, é revelado e pode ser pesquisado por qualquer pessoa. As reservas que ainda existem quanto a determinados personagens estão sendo reavaliados e algum dia também estarão ao alcance da imprensa, do público. Documentos sobre o Brasil de dez anos atrás estão sendo revelados no exterior. Aqui, os documentos sobre a Guerra do Paraguai ainda não foram desclassificados, ainda estão sob sigilo. Ao lado da biblioteca Johnson funciona o Instituto de Estudos Latino-Americanos, que possui uma biblioteca sobre o Brasil: ela não é a melhor que existe no Estados Unidos, mas encontrei ali 30 anos do *Diário Oficial do Piauí*".



obter em Belo Horizonte todos os planos da Revolução no dia seguinte. (...)

(...) Um certo teor de mal-entendidos e de confusão a história daqueles dias deverá carregar para sempre. Um exemplo: no momento exato em que se atribuía aos boatos sobre a intervenção norte-americana, um resíduo de puro anti-americanismo, um amigo do presidente Johnson mandava-lhe uma carta entusiasmada de aplauso. "Só um breve bilhete para dizer-lhe que eu e Tharon ficamos eufóricos com a sua intervenção no Brasil e no Panamá. É esse tipo de liderança que nos dá esperança no futuro. Poder!" Datada de 6 de abril e guardada por Johnson, ela ficou de lembrança, a mostrar como as paixões, pró e contra, se equilibram.

**5 de novembro de 1963** — Mensagem secreta do Adido Aeronáutico americano no Rio ao Departamento da Força Aérea, em Washington, a propósito do convite para visitar a URSS recebido pelo Brigadeiro Reynaldo Joaquim Ribeiro de Carvalho Filho, ex-Ministro da Aeronáutica do Brasil. Cópias da mensagem foram enviadas aos adidos aeronáuticos em Bonn, Londres, Paris, Moscou e Roma: "Comentário: Considero o convite extremamente inusitado, uma vez que o Brigadeiro Reynaldo não ocupa nenhum cargo no momento. Várias fontes dizem que Reynaldo é muito amigo do presidente Goulart, e que a sra. Carvalho é íntima da Sra. Goulart" (...) O Brigadeiro Reynaldo e sua mulher são pessoas muito vaidosas. Acho que os soviéticos foram muito espertos ao escolhê-los. Embora o exato objetivo da visita seja desconhecido, acredito que ele estará procurando negócios para a FAB. Parece estranho que ele torne a visitar a Inglaterra. Poderia estar interessado em promover acordos para rotas aéreas entre Moscou e Rio.

**19 de novembro de 1963** — Memorando secreto do Adido Aeronáutico americano ao Departamento da Força Aérea, em Washington: (...) No começo de outubro teve lugar em Brasília uma reunião de altos funcionários do Governo, da qual participaram técnicos russos. Aparentemente, as discussões trataram das reservas petrolíferas brasileiras, mas envolveram também a venda de aviões e serviços ao Governo brasileiro" (...)

**4 de março de 1964** — Um memorando confidencial do Embaixador Lincoln Gordon ao Departamento de Estado, dirigido ao sr. Thomas, recomenda que seja aumentado o programa de ajuda militar no Brasil: (...) Tradicionalmente os militares brasileiros (as três Forças, embora o Exército seja especialmente importante) tem sido um importante fator de moderação e estabilização no cenário político brasileiro. Eles são agora um fator essencial na estratégia para conter os excessos esquerdistas do Governo Goulart e para manter as perspectivas de eleições lisas em 1965 e a instalação do sucessor em 1966. Em contraste com muitos exércitos hispano-americanos, eles não formam uma casta aristocrática separada do povo em geral. A orientação básica da grande maioria é moderadamente nacionalista, mas não anti-americana; é anticomunista mas não fascista, e a favor da democracia constitucional. Os militares não apenas têm condições de suprimir as desordens internas que possam surgir, como atuam como moderados nos negócios políticos brasileiros, no sentido de mantê-los dentro de limites constitucionais e legais. Além de seu peso político é importante fonte de administradores capazes para as empresas civis do Governo. (...)

(...) A preservação de uma tendência pro-americana entre os militares brasileiros requer a disponibilidade de equipamentos compatíveis ao mesmo tempo, com o desempenho efetivo de seu papel de segurança interna e com o sentido de dignidade de Forças Armadas de uma grande Nação (...) simplesmente para sustentar a eficácia continuada das Forças Armadas e um



Johnson: bem informado

índice razoável de modernização progressiva, os níveis do Programa de Assistência Militar para o Brasil deveriam ficar por volta de 20 milhões (de dólares) por ano. (...)

**1º de abril de 1964** — O Secretário de Estado Dean Rusk pede um breve relatório da situação ao embaixador Lincoln Gordon. (...)

(...) A tendência continuará contra Goulart ou haverá necessidade de estímulo ostensivo ou dissimulado de nossa parte? (...)

(...) A tendência agora está clara e durante as próximas horas, não precisará de encorajamento especial de nossa parte. (...)

(...) Aqui fala o embaixador Gordon: Acredito que já seja o fim, com a rebelião democrática 95% vitoriosa. O Exército está solidamente a favor e às 15h40min o General Ancora ordenou a cessação de toda a ação militar contra os rebeldes. (...)

(...) Começamos a nos preparar aqui para possíveis necessidades de ajuda à segurança interna, estabilização financeira, etc... (...)

(...) Do subsecretário de Estado George Ball, para o Embaixador Lincoln Gordon: Felicitações para o Sr. e sua equipe pelos nervos firmes e bons conselhos durante o período crítico e pelos excelentes relatórios sob condições de grande confusão. Boa noite e parabéns.

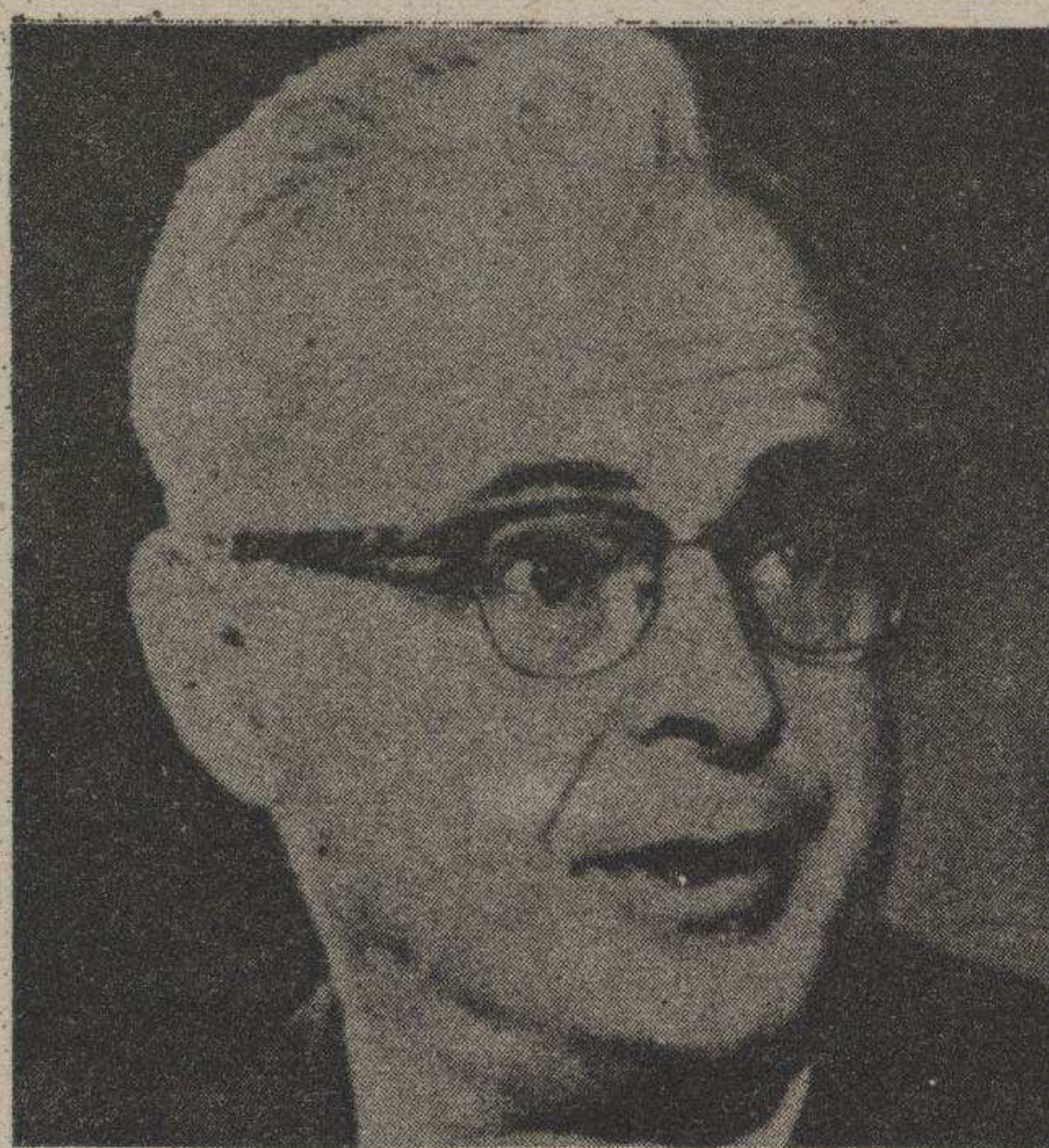
(...) A CIA, além de fornecer relatórios a cada momento enviava à Casa Branca também material de pesquisa. Ela produziu estudos sobre a situação da economia, sobre o bipartidarismo e, em 1964, enviou ao sr. McGeorge Bundy um documento sobre a situação do Brasil. No anexo, oferecia raptados perfis políticos de personagens que haviam se tornado importantes ou que ela julgava capaz de se tornarem.

José de Magalhães Pinto (Governador de Minas Gerais) — (...) Embora o Governador defenda uma "terceira posição", que não favoreça nem o comunismo nem o capitalismo, parece estar ligado fundamentalmente aos princípios democráticos, e muitas vezes manifestou sua admiração pelo estilo de vida democrático dos Estados Unidos e pela empresa privada. (...)

Humberto de Alencar Castello Branco (Chefe do Estado Maior do Exército) — Como comandante do IV Exército, em março de 1964, Castello Branco foi o líder de um grupo de oficiais do Exército que decidiu que Goulart pretendia manter-se no Poder por métodos extralegais e que esta tentativa deveria ser detida. Tem sido identificado como anticomunista, voltado para o ocidente, e diz-se que reconhece os Estados Unidos como líder do hemisfério ocidental. (...)

Marechal Eurico Gaspar Dutra — (...) É um velho amigo dos Estados Unidos e profundamente leal à autoridade constitucional. (...)

Celso Furtado (Ministro do Planejamento de Goulart) — (...) Sua orientação ideológica não é clara; em várias épocas, no passado foi intimamente ligado a grupos esquerdistas e, com toda probabilidade, membro do



Gordon: comandante da operação

Partido Comunista na juventude. Hoje não tem ligações formais com qualquer partido político, e suas opiniões, públicas e particulares, tem sido democraticamente reformistas e claramente não comunistas. (...)

Leonel de Moura Brizola (deputado federal) — Inimigo de João Goulart, inimigo dos ianques, extremista de esquerda (...) instável e ineficaz, é líder do Partido Trabalhista Brasileiro e da Frente de Libertação Nacional, um grupo de políticos ultranacionalistas. Embora não seja membro do Partido Comunista, Brizola aparentemente decidiu aliar-se com os comunistas e seus associados, e parece ter aceito ajuda financeira de Cuba. (...)

## As repercussões

— Olha, eu tenho uma vaga idéia de um material oferecido a nós, lá por meados deste ano, falando alguma coisa sobre CIA, revolução de 64... Eu tenho a impressão de que esta história é verdadeira. Foi um oferecimento direto: a própria pesquisadora é que fez o contato, não houve intermediação de agência, jornal, nada disso. Mas, essas coisas, quem decide é o diretor (Breno Caldas). Eu acho que falei com ele sobre isso e ele não teria gostado do tema. Ele teria achado delicado, sabe como é, estas coisas envolvendo CIA, Revolução... ele não gosta disso. (Adail Borges Fortes, secretário de redação do Correio do Povo, de Porto Alegre, confirmando à revista Veja a versão de que a pesquisadora americana Gayle Hudge Watson oferecera os documentos da CIA, em primeira mão, ao jornal gaúcho).

— Não, não houve nenhum contato a respeito destes documentos... Ah, não sei se publicaria estes documentos, se eles me tivessem sido oferecidos, não posso dizer, eu não conheço o material... Não, não estou acompanhando o material publicado pelo JB (Breno Caldas, diretor do Correio do Povo, negando a versão).

— É hipocrisia afetar surpresa em face da participação da CIA nesses episódios (...) Lyndon Johnson, então iniciando seu governo e confrontado pelo conflito vietnamita, não tinha interesse em mais problemas às suas costas (Senador Jarbas Passarinho, da Arena, ao JB).

— Sim. Considero o Magalhães Pinto um liberal, mas ele e o Lacerda estiveram envolvidos no episódio Humaitá, um grupo mais radical que pretendia do presidente a suspensão das eleições diretas. Humaitá é o nome de uma rua no Rio de Janeiro, em Botafogo, onde o grupo se reunia, antecedendo a edição do A12 (Governador Paulo Egydio Martins confirmando a informação da CIA, de 23 de novembro de 1965, sobre uma conspiração do ex-governador mineiro com o almirante Sílvio Heck para a derrubada do presidente Castello Branco, "provavelmente no dia 1º ou 2 de dezembro daquele ano).

— Não fiquei chocado com o fato de a CIA saber de tudo, pois afinal foi criada e existe para isso: informar (...) Não sei como os americanos conseguiram tantas informações. Deviam ter gente infiltrada entre os conspiradores (Ruy Mesquita, diretor do Jornal da Tarde e o Estado de São Paulo, um dos conspiradores de 64).

— É um erro divulgar tão prematuramente, como permite o governo dos Estados Unidos, papéis oficiais tão graves quanto os que se referem à revolução de 64 (...) Não posso compreender por que os americanos insistem em fazer uma coisa como essa (General Carlos Alberto Fontoura, ex-chefe do SNI e atual embaixador em Lisboa).

— Nada posso falar porque desconheço o assunto. Sei apenas que sempre defendi as eleições diretas, e que só ocupei postos eletivos através do voto popular (Magalhães Pinto, rebatendo o relato da CIA e devolvendo o troco ao governador Paulo Egydio).

— Houve um instante em que a revolução esteve periclitando e, em caso de malogro, eu e o Armond (o então major Ismael Armond, seu atual secretário de Comunicações) tínhamos decidido ir para a Serra do Mar, fazer guerrilha (Paulo Egydio, confessando-se numa entrevista coletiva).

— Se o governador Paulo Egydio realmente pensou em fazer guerrilha na Serra do Mar, em 1964, hoje ele bem que pode usar o seu prestígio pessoal unido ao prestígio do cargo que ocupa para defender a realização de eleições diretas em 1978 (Magalhães Pinto, voltando ao ataque).

— O problema não é mais saber o que aconteceu. O que me preocupa hoje é saber se esse sistema de informações, que se instalou evidentemente com a colaboração de brasileiros, ainda está funcionando (Senador Teotônio Vilela, da Arena).

— Quem me dera saber o que a CIA está fazendo? (Coronel Moacir Coelho, diretor-geral da Polícia Federal).

— Um estudo preparado para o Pentágono pelo Instituto Brookings mostra que, desde a II Guerra Mundial, os EUA mobilizaram suas Forças Armadas em 58 diferentes ocasiões na América Latina. Entre os fatos mais destacados (...) o ataque à baía dos Porcos (Cuba, 61), a crise dos foguetes em Cuba (62), a revolução no Brasil (64) e a intervenção na República Dominicana (65). (Despacho da AP-UI, desde Washington, no Correio do Povo, 4/1/77).

— Não houve participação dos EUA na revolução de 64. Por isso, da relação da documentos divulgados pela imprensa, posso afirmar que alguns são verdadeiros e outros não. O que posso assegurar, como testemunha e participante da maioria dos fatos de 64, é que os EUA nem a CIA tiveram qualquer participação na preparação da revolução, nem tampouco de seu desdobramento (Presidente Ernesto Geisel, falando aos jornalistas).

— O movimento que depôs o presidente Goulart foi cem por cento — não 99,44% — mas cem por cento, puramente brasileira (Embaixador Lincoln Gordon, depondo ante a comissão de Relações Exteriores do Senado americano, em 7/2/66).

— O golpe no Brasil foi 99,44% brasileiro (Lincoln Gordon, falando sobre os documentos da CIA a The Washington Post, em 29/12/76).



## Os erros da política agrária

O geógrafo Orlando Valverde, 59 anos, há 38 anos trabalhando no IBGE, está fazendo estudos na Amazônia. Ele já lecionou Geografia Tropical nas universidades da Califórnia (UCLA); Heidelberg, na Alemanha; e Bordeaux, na França. Abaixo, suas opiniões sobre migrações internas e a política agrária:

— Não há jeito de fazer com que os eventuais desempregados dos setores afetados pelos cortes nos investimentos públicos sejam deslocados para o meio rural. Isto somente será viável se for modificada a política agrária do governo.

— Através de uma pesquisa da FAO, realizada há algum tempo, ficou claro que o favelado do Rio de Janeiro é um lord perto do parceiro da Zona da Mata. Se as condições de vida no campo estão longe de ser satisfatórias, as pessoas têm o direito de migrar. O governo não tem coragem de enfrentar os latifundiários, para exigir que se dêem melhores condições ao lavrador. Por outro lado, como é que vamos fazer esses migrantes voltar ao campo? Se a taça já está esburrando, como é que vamos colocar mais líquido nela?

— A obrigatoriedade de pagamento do 13º salário ao lavrador provocou o surgimento de um milhão de bóias-frias, que são subempregados. Os latifundiários preferiram o diarista eventual, constituindo-se num resultado desastroso, que ninguém esperava.

— Há uma campanha de desprestígio ao Incra, cuja atuação na Amazônia não interessa às empresas pecuárias. O diretor-geral do Incra no Acre e Rondônia, Assis Canuto, foi exonerado por pressão desses grupos, porque estava revendo títulos de propriedade.

— Há um roubo de terras efetuado por pessoas jurídicas. Uma grande empresa do setor bancário tem um título legítimo de 300 hectares e se apossou de 302 mil hectares. Uma cooperativa patronal, talvez a maior do Brasil, se apossou de 700 mil hectares, quando não tinha título de mil.

— O que o Incra está fazendo não é reforma agrária. É colonização com pequenas e médias propriedades. Entre o Tocantins e o Tapajós há cerca de 10 mil famílias, em lotes de 100 hectares. O outro trecho é na BR-364 (Cuiabá - Porto Velho), no território de Rondônia. Isto significa propriedade para 20 mil famílias, ou 100 mil pessoas, que antes não tinham nada.

— A extração da madeira, nas frentes de colonização, nada representa, em termos de desmatamento, em comparação com os grandes projetos pecuários, já que o colono, apenas com o machado, mal atinge a 300 metros da estrada. Em contrapartida, a queimada que a Volkswagen fez foi apresentada nas imagens de satélite.

— Para fazer esta devastação, em tempo recorde, o machado não dá. Eles utilizam o método *correntão*: colocam 100 metros de corrente, pesando 10 toneladas, em dois tratores T-10. Os tratores avançam mata adentro, abrindo um corredor dentro da floresta. As árvores da Amazônia não têm raízes pinitantes. Quando elas tombam suspendem torrões imensos, perturbando a estrutura do solo. Isto é feito na estação seca.

— Depois, fazem a queimada. Quando vêm as chuvas, sob a forma de aguaceiros, a matéria orgânica, as bases solúveis e as partículas finas são arrastadas para os lençóis d'água ou para os igarapés. Este solo fica com sua atividade reduzida, logo de início. Depois, dizem que o solo da Amazônia é ruim.

— Quanto menos o governo investir em projetos de colonização, mais sobrarão para os agropecuários, que já absorveram 5% da área nacional. E onde entra o boi, sai o homem. Como vê, não faz sentido, agora, fazer o homem voltar ao campo.

— O que acontece, por exemplo, é que a Transamazônica, no Acre, se transformou numa rodovia de desintegração nacional, porque os posseiros são expulsos pelos grandes projetos pecuários.

**Apesar da fama de macho, o gaúcho não é melhor nem mais criativo do que ninguém em matéria de sexo. Também não está livre de certos vícios: Porto Alegre é um dos principais centros de prostituição masculina do país. São opiniões do autor de O Comportamento Sexual do Brasileiro**

# O gaúcho na cama: um quadrado

*"Em Porto Alegre, o quadro é muito sério. A prostituição do travesti chegou a tais níveis que os guias turísticos chegam a incluí-la nos roteiros noturnos da cidade, com a indicação de boates especializadas na matéria. Durante o dia, os travestis são discretos, evitam os lugares movimentados. Só aparecem depois do pique (rush) do fim da tarde. Aí podem ser vistos ao longo da Avenida Independência, na rota de quem vai na direção do elegante bairro Moinhos de Vento. Cobram entre 150 e 300 "pilas" (Cruzeiros) não sendo incomum praticarem extorsões e chantagens contra figuras de destaque na vida social da cidade.*

*O comportamento escandaloso dos travestis porto-alegrenses tem provocado muita reclamação das famílias que moram próximas aos pontos de trottoir, o que compele a polícia a removê-los para locais onde chamem menos atenção à noite. A revolta maior contra os travestis surge, no entanto, do lado das prostitutas, que se dizem altamente prejudicadas pela concorrência desleal e marginalizadas pelo aumento, a cada dia, do interesse masculino pela "novidade".*

Este é um trecho do livro do jornalista mineiro Dêlcio Monteiro Lima, 44 anos, casado, dois filhos, no capítulo sobre a prostituição masculina, uma moda que segundo o autor foi lançada no Rio de Janeiro, mas que hoje tem em São Paulo e Porto Alegre os seus principais centros.

Em São Paulo estima-se que existam três mil travestis dedicados à prostituição, enquanto em Porto Alegre, com população sete vezes menor a polícia já tem cerca de 500 registrados.

### VIVEIRO DE MACHOS?

Estes dados, segundo Dêlcio, revelam que o comportamento sexual do gaúcho, tanto o comportamento normal quanto os desvios, não difere muito do brasileiro em geral, apesar da lenda de que "o Rio Grande do Sul é um viveiro natural de machos".

"O que ficou bastante claro", disse ele ao *Coojornal* em Belo Horizonte, "é que o gaúcho urbano é um grande fanfarrão. Isto é, gosta de espalhar aos quatro ventos seus êxitos sexuais, o que faz e como faz. Na cama, ele se diz melhor que todos e, quanto à frequência... bom, ele é sempre o que mais pratica".

— Mas macho ele é. Aliás, esta é uma característica dificilmente corrigível do brasileiro, bem definida no meu livro por um sexólogo paulista que diz: "O homem brasileiro desinformado sobre sexo, au-

todidata no setor, com experiência calcada em circunstâncias inadequadas, orientado para demonstração de agressividade ao sexo oposto, não poderia deixar de constituir-se em um dos mais claros exemplos de comportamento machista".

Extremamente conservador em questão de sexo e moral, como todo o brasileiro, o gaúcho, no entanto, se destaca pelo excessivo apego a alguns preconceitos. "Por mais que as últimas gerações teimem em afirmar o contrário, o gaúcho insiste num descomunal preconceito com relação à mulher não virgem e à idéia de que mulher para transar é uma e para casar é outra orienta o comportamento geral".

### À FLOR DA PELE

Ressalte-se, no entanto, que isso não se constitui característica exclusiva do cidadão dos pampas. Mas, como diz Dêlcio, coisas desse tipo estão "à flor da pele do gaúcho".

— *Matcho*, do tipo "não levo desaforos para casa", o gaúcho mostra-se também inflexível em não aceitar desaforos dentro de casa: da mesma forma que demonstra um exagerado apego "himenal", repudia com todas as forças o adultério — feminino, é claro. Contrariedades desse quilate, em todo o Brasil, ainda há quem pense em lavar com sangue.

Para compensar, durante sua exaustiva pesquisa, Dêlcio pôde constatar o que chamou de "inequívoca prova de maturidade do gaúcho", revelando muito menos reservas, bloqueios e desconfianças que os demais brasileiros em relação ao sexo.

— Aí sim, o gaúcho foi diferente. Compreendeu melhor e foi muito mais sensível ao trabalho que era realizado. Tanto no volume como na presteza, os depoimentos dos gaúchos foram os melhores, mais consistentes e de extraordinária seriedade.

A única exceção, no caso, ficou por conta de um psiquiatra de Porto Alegre. Dias após ter conversado com Dêlcio longo tempo, dando seu depoimento, o psiquiatra ligou apavorado para Belo Horizonte:

— Dêlcio, você tem que rasgar meu depoimento.

— Mas como, homem de Deus, já estou redigindo a coisa! — exclamou o jornalista.

— É minha mulher, Dêlcio. Conteí da entrevista e ela foi taxativa: "Você pode bancar o sexólogo, atender mulheres, fazer o que bem entender dentro do consultório. Mas, se qualquer coisa for publicada, eu te largo".



O LIVRO

Para fazer o seu livro, que representa o primeiro estudo sério sobre o assunto publicado no país, Dêlcio Monteiro de Lima percorreu sete capitais (Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Recife, Salvador e Brasília) ouvindo cerca de 800 ginecologistas, urologistas, sexólogos, psicólogos clínicos, psiquiatras e psicanalistas. Quando iniciou o seu trabalho, que durou 14 meses, ele pensou em fazer uma pesquisa direta. Chegou a distribuir questionários para estudantes e profissionais liberais do Rio, São Paulo e Belo Horizonte.

Mas, foi uma decepção: ninguém dizia a verdade. "Veja você", diz Dêlcio, "que não houve uma só pessoa a se declarar adúltera, impotente ou homossexual. Nenhuma mulher era frígida, morriam de satisfação no relacionamento sexual com o marido (na pesquisa com os especialistas provou-se o contrário: apenas 3% das mulheres são sexualmente satisfeitas). Ninguém, homem ou mulher, se masturbava e assim por diante". Foi a sua primeira constatação da enorme reserva e preconceitos que envolvem o assunto e que obrigaram a mudar o método de trabalho, optando pela pesquisa indireta com os especialistas, através de entrevistas e depoimentos.

Mesmo assim encontrou sérias dificuldades. Muitos desses especialistas relutaram em aceitar um jornalista escrevendo um livro sobre sexo. Foi necessário muito esforço para convencê-los. Mas, no final, muitos só aceitaram prestar depoimento por escrito, com cópias e a exigência de que deveriam ser publicados na íntegra.

A principal conclusão de Dêlcio ao final do trabalho é de que de norte a sul do país se pratica um sexo ortodoxo, tradicional e muito pouco criativo. E o relacionamento sexual entre os casais brasileiros é muito precário. Entre as mulheres, apenas 2% pode ser considerado plenamente satisfeito com sua vida sexual, mas a maioria esconde isso e boa parte nem tem consciência disso. Essa insatisfação decorre de dois problemas básicos: egoísmo sexual do homem (em 53% dos casos) e despreparo sexual da mulher (47% dos casos). Esse mau relacionamento entre homem e mulher estaria entre as componentes da maioria dos casos de homossexualismo feminino. Segundo o livro 97% das mulheres lésbicas tiveram experiências frustrantes com homens anteriormente. O livro de Dêlcio de Lima foi editado pela Editora Francisco Alves, do Rio de Janeiro, e custa 60 cruzeiros.

Gleizer Neves



# Comemoramos 15 anos garantindo mais 38 bilhões para o progresso do Sul.



22/12/76

**Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul**

Em 1976, os setores primário, secundário e terciário do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, receberão 4 bilhões e meio de cruzeiros em financiamentos, uma incisiva contribuição ao desenvolvimento do Sul.

Até 1980, as metas de aplicações financeiras, já aprovadas pelo nosso Plano de Ação Plurianual, elevam-se a mais de 38 bilhões de cruzeiros.

A ação do BRDE está voltada, através de seus programas setoriais, a todos os ramos de atividade, considerando principalmente as pequenas e médias empresas.

É assim que atua um banco de desenvolvimento.

O progresso dos que nos procuram é o objetivo que norteia nosso trabalho ao longo de 15 anos, completamente integrados à política de valorização social e econômica do Brasil.



## O brasileiro Paulo Pontes

**Paulo Pontes, autor de Gota D'Água e de outras peças importantes do teatro brasileiro a partir de 1960, morreu de câncer no estômago no dia 27 de dezembro no Hospital Samaritano, no Rio, ao lado da atriz Bibi Ferreira, sua mulher desde 1968. Vicente de Paula Holanda Pontes nasceu a 8 de novembro de 1940 em Campina Grande, Paraíba. Aos 7 anos se submetia à primeira de uma série de 10 operações. Dos 19 aos 31 sofreu com uma úlcera acompanhada de vestígios de uma antiga lesão pulmonar. E nos últimos cinco anos teve como companheiro o câncer de estômago, que acabou matando-o. Mas, mesmo com o corpo enfraquecido pelas doenças, Paulo Pontes tinha uma espantosa capacidade de trabalho. Além de escrever lutou muito pela regulamentação da profissão, mobilizando jornais e colegas para a causa.**



Paulo Pontes

Poucos dias antes de sua morte, Paulo Pontes reuniu seus amigos no hospital e durante uma hora traçou um quadro da cultura brasileira nos últimos 40 anos. A sua conclusão, quase um testamento, é a de que o grande projeto do intelectual brasileiro é a luta por uma cultura nacional e popular. A simplificação das formas teatrais e o retorno dos temas populares aos palcos brasileiros marcaram profundamente a obra deste teatrólogo paraibano, trazido para o Rio de Janeiro em 1962 por Oduvaldo Vianna Filho, com quem, junto com outros companheiros, fundaria o grupo Opinião, dois anos após, marcando o início de uma nova fase para o teatro brasileiro.

Em inúmeras entrevistas, artigos, ensaios e conferências, ele analisou de forma muito lúcida a situação e as perspectivas da cultura e do teatro no Brasil. Abaixo, algumas de suas idéias:

### SOBRE O TEATRO

"Um país carente de tudo como o nosso não tem a sua própria realidade para discutir no palco. O público diz: vamos conversar sobre a minha gravata, o meu fedor, o meu cotidiano, e o artista responde: não, vamos conversar sobre a aventura do imponderável, sobre o que existe de insondável na minha mente. Hoje, no Brasil, nós artistas somos seres maravilhosos, com uma compreensão e uma visão do mundo cheias de beleza, distantes, muito distantes, de um público engravatado, fedorento, careta e burro. Por isso é que eu acho que a comédia de costumes, por ser próxima deste público, conseguindo fazer da experiência do artista e do público um discurso claro, passou a ser vanguarda neste momento.

Acho que o teatro brasileiro comprometido com toda uma corrente de pensamento que foi golpeada, continuou resistindo. Cometeu muitos equívocos, às vezes se desesperou, em alguns momentos se omitiu, em outros tentou o deboche, se autodebochando, tudo como manifestação deformada de sua impossibilidade de se exprimir. Mas hoje, depois do desespero, depois da importação de vanguarda, depois da omissão e do autodeboche, acho que está demonstrado que só há uma saída para o teatro brasileiro: é voltar a se ligar aos problemas do povo brasileiro.

O que caracteriza o teatro de 1968 para cá é estar quilômetros atrás da sociedade brasileira. Qualquer edição do Pasquim, qualquer edição de O Estado de S. Paulo, qualquer coluna do Castello, qualquer papo de botequim, é mais rico, denso, dramático e profundo do que qualquer peça brasileira em cartaz."

### SOBRE A SOCIEDADE BRASILEIRA

"Qual é a grande contradição em que estão metidas as forças que estão no Poder hoje? É que a sociedade brasileira é muito mais complexa, diversa, difícil e complicada do que esse Estado estreito e inflexível que está aí e capaz de assimilar. Há uma contradição entre a complexidade de interesses da sociedade e o Estado pequeno e estreito que está regendo. Essa contradição não é nossa, do povo brasileiro, é da elite que está no Poder. E ela vai ter que resolver isso. Porque está vivendo essa crise. Estou vendo que se arma uma frente cada vez maior contra o autoritarismo. E nas próprias bases sociais que fizeram o movimento de 64:

A censura hoje não pode ser justificativa para tudo, porque se não há condições ideais de debate, as classes dirigentes que perderam o consenso começam a debater os problemas em algum nível, da estatização, do liberalismo, das liberdades democráticas, dos direitos... isso, em algum nível, está sendo debatido pela sociedade.

O que há de fato, hoje, no Brasil, é uma área da cultura que está imobilizada e não vê possibilidade de se exprimir. Não enxerga, no quadro que está aí, nenhuma brecha para dizer coisa nenhuma. Isso é uma deformação, são setores que não estão ajustados ao movimento que se opera na sociedade brasileira de hoje.

### SOBRE A TELEVISÃO

"O autor de televisão tem bloqueios, de tema e da linguagem. Não pode escolher um tema que só interessa a uma minoria e não pode usar para a maioria uma linguagem de minorias. Isso significaria destruir a própria natureza da tevê: democrática, social, ampla, feita para milhões. Não quero dizer que haja contradição entre qualidade e televisão. Há contradições entre linguagem aristocrática e televisão. Se um autor tem um tema que interessa a milhões de pessoas e sabe narrá-lo com uma linguagem acessível à capacidade de percepção das maiorias, pode fazer um trabalho de qualidade."

### SUA OBRA

O primeiro texto de Paulo Pontes para teatro como profissional foi Opinião, também seu primeiro sucesso. Seguiram-se Um Edifício Chamado 200, Check Up, Brasil & Cia (escrita com Ferreira Gullar e Oduvaldo Vianna Filho), Dr. Fausto da Silva e o show musical Brasileiro: Profissão Esperança. Da parceria com Chico Buarque veio Gota D'Água e estava em preparo a comédia O Dia em que Frank Sinatra Veio ao Brasil. E pensava numa revista que se chamaria O Petróleo Era Nosso.

## Começando com dignidade

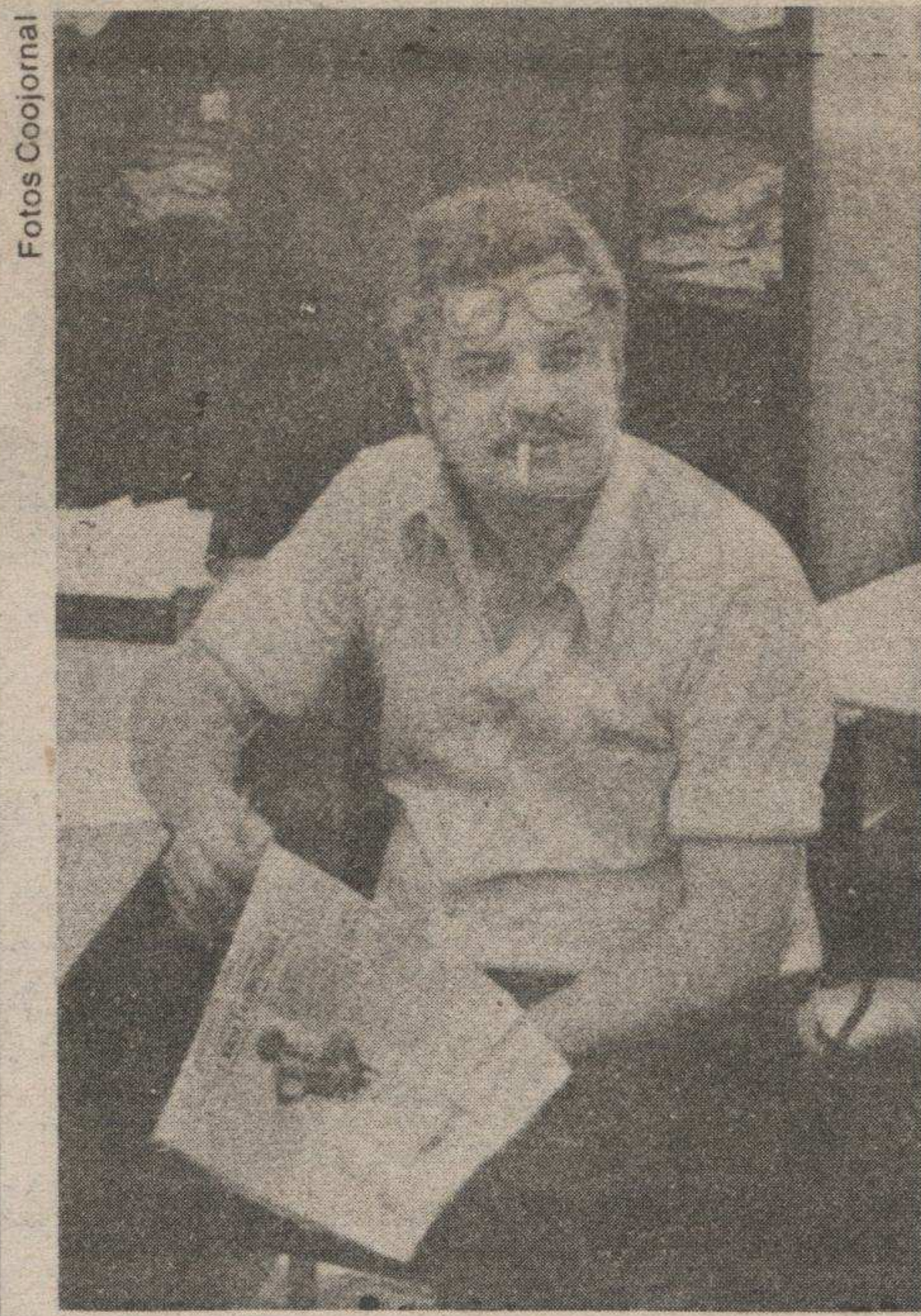
O discurso da oradora Maria Nazaré Calvalcanti na solenidade de formatura da Faculdade de Comunicação Social da PUC-RS no final de dezembro foi recebido com uma certa surpresa até por seus colegas. Foi curto, objetivo e nada pomposo — qualidades raras em oratórias do gênero. Estas algumas idéias de Nazaré:

— Não esqueçam, apesar da festa, as nossas poucas possibilidades profissionais num mercado em vias de saturação. Pois, se é verdade que estamos trabalhando, também é verdade que os nossos salários são pouco mais do que miseráveis.

— As empresas costumam receber de braços abertos as dezenas de estagiários que hoje trabalham em órgãos de comunicação por períodos intermináveis, recebendo pouco mais que um salário mínimo e fazendo exatamente o trabalho de um profissional. Sem dúvida, a economia que fazem é substancial, mas não há dúvida também de que há muitos desempregados ou jornalistas que não exercem a profissão.

— O que reivindicamos não são deferências especiais, mas apenas condições mínimas de exercer com dignidade a profissão.

— Hoje, a função da universidade é menos a de fazer pensar do que a de manter as coisas como estão e, sob o pretexto de formar técnicos, abolir certas questões mais "perigosas", menos científicas, não-técnicas, mas nem por isso menos humanas.



Raul Azedo: na Luta

## Pelo jornalismo popular

Com manchetes fortes de polícia e noticiário político visto pelo ângulo polêmico e apaixonado do deputado udenista Tenório Cavalcanti, o jornal Luta Democrática, do Rio, chegou a vender 130 mil exemplares diários, em seus melhores tempos, por volta de 1960. Na última semana de outubro de 1976, a Luta vivia seus piores momentos: vendia pouco mais de dois mil exemplares e, pior que isso, teve que deixar de circular vários dias, porque não tinha onde ser impressa. O atual responsável, Raul Azedo, ainda está tentando reerguer o jornal.

A decadência começou depois de 1964, quando Tenório Cavalcanti — o homem que habitualmente passeava com uma metralhadora pequena sob uma capa preta, foi vítima de alguns atentados e protagonista de alguns tiroteios — foi casado pela Revolução. Mas o maior golpe para o jornal não foi ainda este: foi proibida uma de suas maiores fontes de renda, a coluna *Escreveram no Poste*, que publicava todos os dias os resultados do jogo do bixo.

Há sete meses, a Luta Democrática foi arrendada pelo jornalista Raul Azedo e hoje, com 15 repórteres recebendo em regime de vales esporádicos, tem tantas dificuldades para sobreviver que suas edições dependem até de pequenos anúncios. No começo de novembro, por exemplo, a mulher que se assinou *A Mulata da Cinelândia*, com sua "oração de agradecimento às almas", garantiu, sem saber, os Cr\$ 270,00 que faltavam para completar os Cr\$ 1.800,00 que a Linotipia Luna exigia adiantados para compor o jornal.

Raul Azedo, considerado um dos maiores *pés-de-boi* da imprensa carioca, arrendou o jornal em março, época em que ele era composto na Linotipia Luna, na Praça Mauá, e impresso na Lapa, na Gráfica Mori, que imprime o *Brazil Herald* e alguns jornais da imprensa nanica. A Luta Democrática foi fundada em 1953 por Tenório Cavalcanti, que atuava em Caxias e outras cidades da Baixada Fluminense como uma espécie de *coronel* para os "eleitores novos", imigrantes que chegavam aos montes do Nordeeste. O homem da *capa preta* e da metralhadora *Lurdinha*, que garantia comícios e ajudava a greves nos sindicatos, transformou-se em mito para os recém chegados, exercia fascínio e garantia uma excelente tiragem para um jornal que vendia pela manchete: "Cachorro fez mal à moça", dizia um título que se notabilizou, relatando a história de uma moça intoxicada com cachorro quente.

"Jornal é como casamento, se o marido não comparece a mulher vai embora", diz Raul Azedo, tentando explicar que, à medida que Tenório desinteressou-se pela Luta Democrática, o jornal foi decaindo. Nessa decadência, com tiragem de dois mil exemplares e "cem cruzeiros no bolso", Azedo encontrou o jornal que ele arrendou em março. Depois de sucessivos convênios e equilíbrios para compor e imprimir todos os dias, Azedo chegou à crise de outubro só com uma pequena vitória: a manchete "Dezenove mortos na tenda dos milagres". (desabamento de um templo em Niterói) vendeu quatro mil exemplares.

No dia 21 de outubro a Luta Democrática viveu o seu pior momento. Impedido de continuar sendo impresso na gráfica do *Brazil Herald*, o jornal não saiu naquela quarta-feira. Azedo correu para Niterói, levou os originais para a gráfica da Tribuna de Niterói, mas só conseguiu imprimir ao meio-dia de quinta. E nos quatro dias seguintes não conseguiu tirar a edição. A última tentativa da Luta Democrática: um contrato com o publicitário La Greca, que cobra Cr\$ 100 mil por mês pelo papel e impressão de dois mil exemplares e oito páginas, mais 36% de participação nos poucos prováveis anúncios encaminhados por agências de propaganda.

Manter o jornal nas mãos de jornalistas e evitar que a imprensa carioca fique reduzida aos grandes jornais é o maior objetivo de Raul Azedo, que, em 27 anos de profissão já trabalhou em quase toda a imprensa do Rio. Suas lembranças incluem diversas tentativas de fazer jornais independentes na Baixada Fluminense e alguns momentos históricos. Dia primeiro de abril de 1964, A Notícia, onde era subsecretário, foi o único vespertino que conseguiu sair, dando, além da edição normal ("Levante na Tropa"), duas extras ("Palácio da Guanabara Cercado" e "O Vóo de Jango").

A Luta Democrática de agora, entretanto, ainda está muito longe do que Raul Azedo pretende fazer "quando a maré melhorar". Ele quer transformá-la num jornal do trabalhador, com reportagens com o dia-a-dia das atividades assalariadas e forte cobertura sindical. Atualmente o jornal tem oito páginas e uma manchete de polícia na primeira, invariavelmente ao lado de fotografia de mulheres semi-nuas.

Azedo tenta justificar o que oferece aos leitores da Luta Democrática: "Se os executivos pagam Cr\$ 20,00 para ver mulher pelada na Status e na Homem, meu leitor pobre também tem direito. Os grandes aí, como o JB por exemplo, não têm horror a sangue. Eles têm horror é à melancia, que é uma substância que só existe em sangue de crioulo".





# A experiência gráfica da Pallotti é um livro aberto.

Aliás, milhares de livros abertos. E revistas, boletins, relatórios, catálogos, cartazes, revestimentos, folhetos, publicações periódicas e impressos de larga tiragem.

Na verdade, é uma garantia prática de qualidade gráfica à altura da exigente demanda do nosso mercado editorial e publicitário.

Para atender a tudo e a todos, a Pallotti opera com um parque gráfico de avançado equipamento e com uma

tecnologia impressora atualizadíssima.

Por exemplo? A Pallotti tem à sua disposição a única impressora plana a 4 cores, do Rio Grande do Sul. E você sabe o que isso representa na hora de um trabalho que exija grandes recursos.

A Pallotti executa, com competência e arte, a fotolitagem, a seleção de cores, a composição eletrônica, lay-outs, artes-finais e montagem. Fora a

edição e acabamento de qualquer projeto gráfico.

Todo esse parque gráfico tem uma história de renovação com mais de 30 anos. Contada pelos profissionais do pigmento e do papel. Cada um com experimentada técnica e boa dose de calejada criatividade.

E é essa história, essa experiência e essa qualidade que a Pallotti oferece à sua agência ou à sua empresa. Aberta como um livro, para

atender especialmente à solicitação mais sofisticada que você tiver.

Pergunte para a COOJORNAL.

**LIVRARIA EDITORA PALLOTTI**

Rua Tupi, 200 — Passo D'Areia (Volta do Guerino)  
Fone: 41-3976 — Cx. P. 6010  
90.000 Porto Alegre — Rio Grande do Sul

○ Aproveitamos para desejar que o Ano Novo deixe uma ótima impressão a todos os nossos clientes e amigos.



## Seis milhões de judeus? Nunca

A propósito do incidente de recrudescimento do nazismo, ocorrido numa cervejaria da Alemanha (sempre as cervejarias na história dos teutões), um certo professor Hoffmann, em seu comentário transmitido diariamente às 12h20min, pela Rádio Planalto de Passo Fundo, sob o título "Notícias Internacionalistas", afirmou, em carregado sotaque germânico: "O nacional-socialismo não foi uma monstruosidade tão grande quanto a propaganda sionista alardeou".

Disse ainda o professor que "Hitler era uma personalidade luminosa, um gênio militar e político. Só foi pintado como demônio porque não logrou a vitória, caso em que seria adorado e proclamado 'Rei da Terra' por todos os povos". Por fim, arrematou contestando que os 6 milhões de judeus trucidados não foram 6 milhões, mas "uns míseros 200 mil".

A afirmativa permaneceu no ar por alguns segundos, seguida pelos acordes de um enérgico dobrado marcial.

Odilon Abreu

**TV GUIA**  
SEMANA DE 25 a 31 DE DEZEMBRO

Maracaná cheio: Maria Tereza é a Miss Brasil 1961!

Mulher Bionica também concorre a Miss Universo

Raul Cortez: quem tem Ichán não pode amar?

O Julgamento: adivinhe só quem é a mãe de Zé Maria!

Do meio das nuvens Gibão dá adeus a Saramandaia

**Especial: 8 críticos apontam os melhores de 76**

**Betty Faria vive um amor impossível**

Com Betty Faria, o fim

## Mais um fechamento Abril

—Tenho algo a comunicar a vocês. TV Guia fechou. O número com a Betty Faria na capa é o último.

Foram exatamente estas as palavras de Luiz Laerte Fontes, diretor da revista TV Guia, publicação semanal especializada em televisão, à equipe de redação na quinta-feira, antevéspera de Natal.

O momento não podia ser pior. Minutos antes a sucursal do Rio tinha informado a proibição da novela *Despedida de Casado*, da Rede Globo, com estréia marcada para quatro de janeiro. A novela era matéria de capa e destaque no miolo da revista e a proibição obrigava a mudar tudo; apesar de todo o trabalho, a redação unida preparava nova edição.

A revista semanal acaba no seu 21º número. As razões foram explicadas logo depois por Roberto Civita, um dos donos da Editora Abril, que compareceu à redação. Alegou razões empresariais, números baixos de venda em bancas (40 mil exemplares por semana), alto custo editorial. Quanto à equipe (22 profissionais em São Paulo e 7 no Rio), a direção da empresa tentaria remanejá-los para outros veículos. Os que não fossem aproveitados receberiam o aviso prévio, contando a partir de três de janeiro.

# A DEMOCRACIA NÃO PRECISA SER PERFEITA

**A redemocratização, a reforma política, as relações entre a Igreja e o Estado, foram alguns dos assuntos abordados pelo Presidente nacional do MDB, deputado Ulisses Guimarães, em entrevista exclusiva ao jornal Folha de São Paulo, no fim do ano. Abaixo, os principais trechos da entrevista**



Foto de Jacqueline Joner

Ulisses: prorrogação é um palavrão

### DA REDEMOCRATIZAÇÃO

Voltaire costumava dizer: "Se queres discutir comigo, defina primeiro os teus termos". Porque senão ficaremos num jogo de palavras, não é? Enfrentaremos a logomacia, uma exata palavra grega para definir a "briga de palavras".

Vamos tentar definir os termos. Se se entende democracia por eleições livres e diretas para todos os cargos públicos, a começar pela Presidência da República, já a tivemos no Brasil; se se entende democracia por escrupuloso respeito aos direitos humanos, inclusive pela aplicação do habeas-corpus, também já a tivemos; se se entende democracia pela possibilidade concreta de a Oposição chegar ao poder, isso já aconteceu no Brasil; se se entende democracia pelo funcionamento independente dos três Poderes da República, já a tivemos.

Hoje, o que temos? Um Congresso que não é Congresso, porque nada pode; uma imprensa que não é imprensa, porque sua liberdade parcial depende da inegável postura liberal do atual presidente, que pode, no entanto, ser alterada pelo próximo; o Poder Judiciário não pode apreciar todos os atos dos demais Poderes; o Ato Institucional nº 5 cassa o direito de defesa dos acusados.

Ora, se nos devolverem tudo isso, estaremos satisfeitos. Não entendemos que a democracia deve ser perfeita, pois como todas as obras humanas ela carece de perfeição. É porém evidente que já tivemos um regime mais democrático no Brasil, e não aceitamos que se chame nosso atual regime de democrático. Basta ver o caso da União Soviética, que chama seu regime de democracia popular, quando sabemos que o povo soviético vive sob uma ditadura implacável.

### SOBRE O MDB

O MDB não é um partido de ideologia, é um front, e deliberadamente evitamos empregar o termo "partido".

É um movimento composto por pessoas que, sobre muitos assuntos, têm opiniões divergentes ou mesmo contrárias, mas que concordam no essencial: o importante é que o Brasil se reencontre com a democracia. Em outras circunstâncias, muitos emedebistas de hoje estariam certamente em partidos políticos diferentes. Por isso, eu entendo que só quando a Nação retornar à normalidade democrática é que o MDB deverá ter uma dialética, um programa ideológico.

Por sinal, quero alertar os emedebistas para que não se deixem perder em atalhos. Todos esses problemas que estão sendo debatidos através da imprensa são importantes, não quero minimizá-los, porém corremos o risco de nos interessarmos pela árvore esquecendo a floresta. O importante é o restabelecimento do regime democrático, o restante é perfumaria, que pode ficar para depois.

### DA REFORMA POLÍTICA

Nós distinguimos reforma política de expedientes políticos. A sublegenda é um expediente, como a lei Falcão, a reforma constitucional que no governo Médici restabeleceu a eleição indireta para governador, os "projetos impacto" do general Médici etc. São, todas, medidas para ajudar a Arena a vencer eleições, quando se sabe que a função de Governo não é ganhar eleições, é administrar o País.

### RELAÇÕES ESTADO E IGREJA

Não tenho dados para comentar, pois não pertencem nem ao Estado nem à Igreja. O que tenho notado é que a Igreja vem atuando com o espírito cristão em favor dos brasileiros humildes e em favor do respeito aos direitos humanos. Percorri o Brasil todo seis vezes nos últimos tempos e mantive freqüentes contatos com padres, bispos, arcebispos e cardeais. Em nenhum deles percebi qualquer animosidade contra o governo do presidente Geisel, e sim uma preocupação cristã, com o nível de vida do brasileiro.

O que tenho a lamentar é o desrespeito aos direitos humanos, de que alguns religiosos se dizem vítimas, através de textos em que desmentem declarações anteriores contra a Igreja, que eles alegam terem escrito sob coação. Não é porque eles são padres, é porque eles são seres humanos, que essas coisas não podem acontecer.

### DA PRORROGAÇÃO DE MANDATOS

Esse é um assunto morto, no meu modo de ver. Para os políticos, prorrogação é um palavrão: seu verdadeiro nome é usurpação. O poder pertence ao povo, que delega mandatos por um período de tempo preciso. Alterar esse tempo para mais ou para menos é cassar o povo — o que é ainda pior do que cassar mandatos.

### DOS MILITARES NA POLÍTICA

A participação política é um dever de todos os cidadãos. Alhear-se à política é o mesmo que não se interessar pelo seu país. Portanto, os militares têm o dever de participar da vida política nacional. No entanto, assim como é um preconceito considerar que os militares não devem participar, é um privilégio que eles participem sem se submeter ao referendo do voto direto.

O fim de TV Guia surpreendeu, pois todos consideravam a idéia brilhante. Existem quase 10 milhões de lares com aparelhos de tevê no país: se conseguisse atingir pelo menos 5% desse total, TV Guia venderia, na pior das hipóteses, 500 mil exemplares semanais. E havia o precedente da TV Guide americana: 20 milhões de exemplares, inúmeras edições regionais. Os editores da Abril se contentariam com 350 mil exemplares por semana, já que em sua primeira fase a revista era vendida apenas no Rio e São Paulo (depois iria para Minas, Rio Grande do Sul, Nordeste e Norte).

Mas em outubro, quando chegou a seu número 12, começaram os boatos de que TV Guia seria fechada. Logo depois, metade da redação foi efetivamente dispensada, sendo remanejada para outras redações da Abril. A sucursal do Rio praticamente acabou e os colaboradores também foram dispensados. E na última semana de dezembro circulou pela última vez.

Sônia Beatriz



## Novas casas para os amigos

Ao ser lida diversas vezes nas rádios de Pelotas, dia 13 de dezembro, a lista de 432 contemplados com casas do novo núcleo da COHAB-RS na cidade despertou de imediato uma série de suspeitas e críticas, principalmente por parte dos quase quatro mil inscritos que ficaram de fora.

De início, suspeitou-se que o prometido sorteio das residências entre os inscritos não fora feito, pois a lista continha nomes de parentes e amigos de assessores do Secretário do Trabalho e Ação Social do Estado, e de 14 pessoas ligadas a rádios, jornais e televisão da cidade. Divulgadas as queixas, o secretário Carlos Alberto Chiarelli apressou-se em ocupar um espaço na TV Tuiuti para afirmar que pediria demissão do cargo se alguém apontasse um parente seu entre os contemplados. Para os mais atentos, ele se defendia de uma acusação que não fora feita.

Nové dias depois de divulgada a lista, o vereador Paulo Lopes de Oliveira, da Arena, resolveu revelar o que se comentava nos corredores da Câmara Municipal há quatro meses: os vereadores arenistas tinham casas para distribuir entre seus assessores. E o vereador resolveu falar porque a promessa não foi cumprida. "Depois da convenção, o secretário Chiarelli disse que cada vereador poderia apresentar uma lista de até dez nomes, que teriam preferência. Mas isto não foi cumprido. Um cabo eleitoral do Mansur Macluf (líder da bancada) foi acordá-lo cedo, quando saiu a lista, para reclamar a casa que não ganhou", contou o ressentido Oliveira.

Quase ao mesmo tempo, o advogado Cláudio Barbedo Nogueira anunciava a intenção de entrar com um mandado de segurança contra a lista de contemplados que, segundo ele, ignorou o anunciado sorteio para obedecer a "critérios puramente políticos". E o vereador Roberto Dias, do MDB, lembrou que uma das desculpas para que as casas não fossem entregues antes de 15 de novembro era o calçamento incompleto. "Pois bem, passou a eleição e as casas foram entregues com as obras ainda em andamento".

Luiz Lanzetta



**Para cada gol que tomou, o Inter devolveu quatro às redes adversárias. É um campeão rico e indiscutível como há muito não se via. Esta reportagem de André Pereira conta uma parte da sua história — a que foi escrita fora do campo.**

# O campeão construído

Foto de Ricardo Chaves



“Quando eles se dão as mãos em campo, 30% do jogo está ganho”

Normalmente, a ante-sala do diretor de futebol do Internacional é lugar onde se encontram muitos jornalistas em busca de notícias. Nesta manhã de segunda-feira, dia 27 de dezembro, porém, apenas dois repórteres e um massagista do clube aguardam Artur Dallegrove, que sobe as escadas com lenta preguiça.

“Alguém conhece um bom remédio para gripe de verão?”, pergunta ele antes de qualquer cumprimento. E, sem dar ouvidos ao massagista que sugere “pinga com mel”, vai informando a todos que passou o Natal na cama, prostrado por uma insuportável gripe.

Um dos repórteres tenta falar de futebol com aquele homem de cabelos grisalhos, metido em roupas elegantes, como convém ao dono de uma loja de moda masculina (lojas Belluno) situada entre as sofisticadas butiques da avenida Independência. Mas Artur Dallegrove não está para assuntos tão corriqueiros e apenas repete o que já vinha dizendo há dias:

— Bota aí que o Inter só joga com a seleção brasileira se puder contar com os quatro jogadores convocados.

— Mas o Inter não teme se indispor com a CBD?, insiste o repórter

— Isso é problema deles, não nosso — responde Dallegrove. E dando a conversa por encerrada afasta-se, resmungando contra o calor e a gripe.

A cena talvez não seja um bom exemplo do temperamento do cidadão Artur Dallegrove, um comerciante de boas maneiras, boa conversa. Mas é um exemplo perfeito de como andam se sentindo os homens que dirigem o Sport Club Internacional nesses dias que sucedem à conquista do bicampeonato nacional de futebol. “O Inter hoje não é apenas o campeão do Brasil. É a maior potência esportiva do país”, tem bradado o presidente do clube, o empresário Frederico Arnaldo Ballvé.

Na verdade, é difícil contestá-los. Há muito não se via, no país do futebol, um campeão tão indiscutível. Em 23 jogos da Copa Brasil (“o maior torneio do mundo”, como querem cronistas esportivos), perdeu três e empatou um apenas. Fez 59 gols, sofreu 13. Ou seja: o Inter fez uma média de 2,6 gols por jogo e para cada gol que sofreu, devolveu às redes adversárias 4 gols e meio.

Também há muito não se via no país do futebol um campeão tão rico. Praticamente falido em 1968, o Inter tem hoje, segundo o responsável por suas finanças, o comerciante Rafael Strougo, um patrimônio de Cr\$ 450 milhões, formado por seu estádio construído numa área de 170 mil metros quadrados, um ginásio de esportes, o velho Estádio dos Eucaliptos, instalações e equipamentos e passes dos jogadores (45 milhões).

Strougo, conhecido no clube como Gordo Quico, informa ainda que, apesar de pagar os mais altos salários do futebol brasileiro, o Inter conseguiu ter um lucro de Cr\$ 3 milhões este ano (receita de Cr\$ 18 milhões), o que certamente o coloca numa posição privilegiada no futebol brasileiro.

## Cinco prefeitos colorados

E, no entanto, esse fantástico campeão era um time que dez anos atrás festejava com foguetes um empate no Rio de Janeiro. No dia 28 de maio de 1967, quando venceu o Corinthians por um a zero no Paqueta, houve carnaval em Porto Alegre: o gol marcado por um obscuro centro médio chamado Lambari quebrou um tabu de 60 anos para o futebol gaúcho, que nunca tinha saldo vitorioso do Pacaembu. Banhadas em bronze, a bola e as chuteiras com o bico roído que Lambari usou naquele jogo são conservadas como relíquias ainda hoje. De 1962 a 1968, o time passou pela mão de 15 técnicos e perdeu 7 campeonatos.

As desgraças e as glórias que se seguiram, evidentemente, estão diretamente ligadas ao desempenho do time em campo. Mas a história que transformou as desgraças em glórias tem uma

boa parte escrita fora do campo. As vezes bem longe dele.

Como naquele dia de 1950, em que o então prefeito de Porto Alegre, Ildo Meneguetti, recebeu em seu gabinete uma comissão de dirigentes colorados. Sete vezes presidente e patrono do Inter, homem que se orgulhava de jamais (nem como prefeito nem depois quando governador) ter colocado os pés no Estádio do Grêmio, popularmente conhecido como Eucaliptos, mas cujo nome oficial era exatamente Ildo Meneguetti. Isso significava que o prefeito teria que desapropriar a rua Cerro Largo, que passava ao lado do estádio.

Eleito pelo PSD, Meneguetti sabia o custo político de uma decisão daquelas e pediu tempo aos amigos. A solução veio poucos dias depois: o Departamento Nacional de Obras e Saneamento estava aterrando uma área na margem do Rio Guaíba onde se pretendia construir o Estádio Municipal. Eram sete hectares ideais para o que pretendia o Inter. Só foi preciso que o vereador Efraim Pinheiro Cabral, ex-presidente e membro do Conselho Deliberativo do Inter, fizesse um projeto de doação da área e o submetesse à Câmara Municipal.





Dirigentes e treinadores no túnel: reflexos do perigo dentro de campo

O Inter ainda se beneficiaria pela sucessão de colorados ativos na prefeitura de Porto Alegre: Leonel Brizola, o menos vinculado de todos, aprovou o projeto de Efraim Cabral; Célio Marques Fernandes, conselheiro número 66, aprovou o acréscimo de mais seis hectares à área doada; Telmo Thompson Flores, conselheiro benemérito, encaminhou a doação de mais oito hectares, aprovada pelo atual prefeito, Guilherme Socias Villela, conselheiro número 133.

De posse dos primeiros sete hectares, um grupo de colorados dedicou-se a dar forma ao novo estádio, não sem alguns fracassos. As duas primeiras comissões não conseguiram tirar do papel o projeto feito pelos engenheiros e arquitetos da Construtora Tedesco, de propriedade de Rui Tedesco, também conselheiro colorado. A terceira, porém, liderada por um comerciante português obstinado José Pinheiro Borda conseguiu lançar a pedra fundamental em 1963.

Homens bem sucedidos nos negócios e em busca de projeção dentro do clube, os integrantes da comissão lançaram-se à tarefa com um ardor inesperado para quem torcia por um time perdedor. E o seu entusiasmo contaminou a torcida de tal forma que ela passou a se preocupar mais com o estádio em construção do que com o time. "Lembro que certa vez após uma derrota nos Eucaliptos, dirigentes e torcedores dirigiram-se para as margens do Gualba para ver as obras do novo estádio, diz o vereador, jornalista e ex-dirigente do Inter, Ibsen Valls Pinheiro.

Assim, foi possível vender cadeiras cativas (apelidadas pelos gremistas de bóias cativas, pois no lugar que seria o estádio existia apenas a água do Gualba) a Cr\$ 12 mil, lançar campanhas de doação como a imaginativa campanha do tijolo, sorteios. E sobretudo foi possível conseguir empréstimos em bancos e órgãos financeiros oficiais. "Às vésperas da inauguração do novo estádio, o Inter tinha papagaios em todos os bancos de Porto Alegre. Naquele ano o maior empréstimo concedido pela Caixa Econômica Estadual foram 80 milhões para o Inter", conta Eraldo Herrmann, um dos principais homens da chamada comissão de obras.

Depois de gastar Cr\$ 5 milhões (valor da época) e ficar com uma dívida de Cr\$ 1 milhão e 500 mil, o Inter promoveu no dia 6 de abril de 1969 o que se chamou "a Alvorada Rubra". Às seis horas da manhã Porto Alegre foi despertada por foguetes, buzinas, apitos, que deveriam marcar o "início da Era Beira-Rio". À tarde o governador do Estado, coronel Walter Peracchi Barcelos (gremista) soltou balões coloridos no centro do estádio recém-inaugurado e o então arcebispo metropolitano de Porto Alegre, dom Vicente Scherer, que assistiu à festa ao lado de Ildo Meneghetti na tribuna de honra, disse no dia seguinte no seu programa radiofônico a Voz do Pastor: "Ao Internacional, como se fazia nas arenas e estádios da Antiga Grécia, gostaria de oferecer uma palma e uma coroa de louros".

## Viver em novo estilo

Ninguém ainda se deteve para fazer um estudo sobre o assunto, mas talvez não seja mera coincidência o fato da Era Beira-Rio ter iniciado no momento em que a orientação econômica adotada no país começava a dar os primeiros resultados. Em linhas bem gerais, essa orientação buscava a concentração das riquezas numa faixa pouco numerosa da população com dois objetivos: permitir que as indústrias tivessem lucros maiores para poderem reinvestir na modernização dos seus equipamentos e dos seus



Arquivo ZH



Foto de Ricardo Chaves

Figueras: líder e exemplo dentro e fora do campo

métodos e, por outro lado, criar uma classe média forte capaz de comprar o que a indústria ia produzir.

Num primeiro momento, esse tipo de economia permitiu a uma faixa de pequenos negociantes dotados de alguma visão e muita esperteza conhecessem um rápido enriquecimento, especialmente aqueles que atuavam na área do comércio, do setor imobiliário, da construção civil, setores beneficiados pelo acelerado crescimento das cidades e pela especulação imobiliária decorrente disso.

Alguns desses homens foram os líderes do movimento que deu ao Inter em 1969 "o maior estádio particular do mundo", como diziam os colorados na época. Eles já haviam vencido o desafio pessoal do enriquecimento pelo esforço próprio e afirmavam-se como empreendedores naquilo que seria a sua segunda paixão, o futebol. E se eles haviam conseguido o que em determinado momento fora considerado impossível, era natural que assumissem a direção do clube.

A nova era começa então com a ascensão dos homens que integraram a comissão de obras à direção do Inter para onde levaram a idéia de que um clube de futebol pode ser conduzido como uma empresa. Para sanear a parte administrativa, uma reforma que reduziu as 22 vice-presidências (espécies de diretorias) para apenas sete, com o objetivo de dar mais eficiência nas decisões. Se antes acontecia de meia dúzia de dirigentes poderem assinar cheques, o que tornava quase impossível ao tesoureiro organizar as finanças, agora apenas o presidente e o diretor financeiro têm atribuições para isso. O clube deveria contar ainda com rendas extras, provenientes de uma churrascaria, uma casa de chope, uma garagem, etc.

"Estávamos mudando de uma casa modesta para uma casa de luxo. Precisávamos aprender a viver no novo estilo", diz Carlos Stechmann, presidente de 69 a 73.

"É claro que o presidente de clube tem que ser bodegueiro", diz Eraldo Herrmann, o sucessor de Stechmann. "O bodegueiro", acrescenta, "é homem que

entende de empresa e comércio, ele tem que dirigir o clube. Os profissionais liberais são importantes, eles completam a direção, mas são zero à esquerda empresarialmente". Herrmann, aliás, é um exemplo típico da mentalidade que assumiu o comando do Inter. Foi porteiro do Inter em 1949, um ano depois de ter chegado à Porto Alegre vindo da pequena colônia de Roca Salles. Em 1957 foi eleito conselheiro, ingressou na comissão de obras do Beira-Rio onde era encarregado das compras e ficou conhecido como o "homem do segredo de bem comprar". Ao mesmo tempo abriu uma pequena empresa de material de construção, que na década de 70 já era uma firma respeitável. "Galgando cargos", como ele mesmo diz, chegou a vice-presidente administrativo e em 74/75 foi presidente.

Aos bodegueiros, com o seu tino comercial e seu espírito prático, juntou-se um grupo intelectualizado conhecido como mandarins e liderados por Aldo Dias Rosa, dono de um importante escritório de auditoria contábil, homem refinado definido por seus companheiros como britânico. Esse grupo se encarregaria do trato com os jogadores e, principalmente através dos assessores de Aldo, os jornalistas Ibsen Pinheiro e Ivo Correa Pires — bons conhecedores do comportamento do jogador de futebol — iria contribuir com os componentes que completariam o quadro de valores pelo qual o Inter se guia até hoje: a ordem, a disciplina, o senso de responsabilidade.

Nesse ponto os mínimos cuidados foram tomados. Para administrar a concentração do Beira-Rio, Aldo Dias Rosa foi buscar o argentino José Villalba, ex-atleta do clube e que se dedicava à avicultura na cidade de Rio Grande. Tido como jogador incomum na sua época graças à sua origem privilegiada de argentino da classe média, Villalba tinha sido uma exceção no Inter, onde chegou em 1941: "Eu tinha passado pela escola argentina de futebol e ao vir para cá encontrei muito amadorismo, muita farra entre os jogadores. Como eu tinha mais experiência tratei de servir de modelo aos

Há dez anos, quando ganhou um jogo no Pacaembu houve carnaval em Porto Alegre, era uma façanha que ninguém acreditava possível.

outros. Era disciplinado, não bebia, não fumava, não jogava lixo no chão, tratava a todos respeitosamente".

Esse espírito passou a comandar a concentração do Inter, então.

Para evitar ressentimentos e estimular os novos a melhorar seu salário dentro do clube, os contratos foram padronizados em cinco categorias: jogadores de seleção, titulares principais, titulares, reservas e juvenis promovidos. Para aumentar o rendimento físico em campo, a parte disciplinar foi atacada com rigor: jogadores solteiros deveriam permanecer em concentração permanente durante o campeonato gaúcho, se pôs fim às fugas noturnas e a vida privada de cada um merecia atenção dos dirigentes.

Procurava-se montar um time que não perdesse, acima de tudo não perdesse diante do futebol viril de alguns times do interior do Estado, onde o Inter muitas vezes deixava preciosos pontos.

O último grande time do Inter, campeão de 41 a 46 e chamado Rolo Compressor, fora o resultado da união de talentos excepcionais como Ávila, Abigail, Villalba, Carlitos, Tesourinha. Quase todos homens, indisciplinados, como era normal na época, eram, no entanto, brilhantes por um pendor natural para o trato com a bola — e contavam apenas com isto.

Nos novos tempos isso já não se mostrava suficiente, conforme comprovavam os retrospectos dos últimos 15 campeonatos anteriores a 1969, nos quais o Inter ganhara apenas dois. Agora dava-se preferência a jogadores fortes, dotados de alto espírito de luta, capazes de apelar para a violência se necessário e, acima de tudo, sensíveis à disciplina. E assim, com um time nitidamente inferior ao do Grêmio, o Inter conseguiu ser campeão antes mesmo do fim do campeonato.

## O que fez Manga mudar?

Estirado num sofá, com um cigarro Charm entre os dedos, Frederico Arnaldo



**"Os jogadores são tratados como nenenzinhos de colo". Mas precisam ser educados, disciplinados e, acima de tudo, nunca perder.**



Fotos de Ricardo Chaves

Garra e vibração, a marca do Inter

Ballvé, 48 anos, ex-presidente, ex-diretor de futebol e novamente na presidência do Inter desde o início de 76, explica a política do clube para manter o time em crescimento constante:

— Em primeiro lugar, o Inter não se desfaz de jogadores considerados imprescindíveis, como fazem quase todos os clubes brasileiros quando querem dinheiro. Para perder um jogador como o Figueroa, por exemplo, só quando ele não está mais disposto a ficar mesmo. Em segundo lugar, só contratamos um ou dois atletas por ano para evitar problemas de adaptação. Porque é o jogador que chega que tem que se adaptar ao futebol do Inter. Por isso não compramos, por exemplo, o Ademir da Guia.

E uma explicação apenas parcial, evidentemente. Ela não responde, por exemplo, a algumas perguntas como tem sido possível superar o principal obstáculo que tem desfeito grandes times — a impossibilidade de manter por muito tempo em equilíbrio e trabalhando com o mesmo empenho um grupo de homens famosos, com temperamentos e interesses tão diversos? Que mudanças ocorreram, por exemplo, com Manga, que chegou a Porto Alegre precedido de uma série de boatos que o apontavam como jogador incorrigível que havia deixado todo o dinheiro ganho no Nacional nos cassinos de Montevidéu? Aos 40 anos, Manga treina com tanta dedicação e está tão imbuído do espírito da vitória que parece um principiante. E o que dizer de Lula, descrito como "homem de sangue frio e espírito de bandido", agressivo, pouco afeito à disciplina e que brigou em quase todos os times por onde passou?

Villalba confirma um cuidado especial para com os jogadores. "Muitos jogadores", diz ele, "deixam 15% da sua capacidade no vestiário por problemas. Por isso a gente tenta resolver tudo o que estiver ao nosso alcance para que eles entrem tranquilos, dando tudo".

Para reforçar o que diz, o argentino conta que nos fins-de-semana tem direito a uma verba especial para atender a qualquer necessidade dos jogadores durante as concentrações. "Na concentração",

afirma, "o mais importante é que o jogador tenha uma alimentação de luxo. O café da manhã é reforçado, tem ovos, frios, salame italiano, queijo, pão, bolachas, doces e salgados. No almoço, capa de filé assado, bolo de batata, salada mista, bife simples, feijão e arroz. De sobremesa, frutas e compotas em cinco variedades. Bebida, só refrigerante e água mineral". No jogo decisivo do campeonato nacional contra o Corinthians, foram gastos Cr\$ 4.100 em alimentação, segundo Villalba, que ganha Cr\$ 3.500 por mês. Mas ele está satisfeito: "Em troca dessas regalias eles são disciplinados e educados, não saem da mesa carregando frutas para os quartos e enchendo os corredores de casca de laranja e banana, como antigamente.

## Elias Figueroa e Rubens Minelli

"Aqui o jogador é tratado como nenzinho de colo", diz Artur Dalegrave, tentando explicar. "Se o Manguita dá um espirro na mesma hora correm três médicos em seu socorro. O Caçapava quer comprar uma casa? Convocam-se dirigentes para lhe dar conselhos onde deve aplicar o seu dinheiro".

Quem conhece jogador de futebol sabe que bons salários, bom tratamento são importantes mas não suficientes para explicar a força e a garra com que os jogadores do Inter têm-se lançado em busca da vitória nos últimos anos. A outra parte da resposta envolve dois nomes que chegaram quase por acaso ao Beira-Rio: Elias Figueroa e Rubens Minelli.

"Uah! Uaah! Uaaahh!". Unidos em círculo dentro do vestiário os jogadores gritam com fúria. Figueroa lidera o coro e avança para o centro da roda. Imitando-o, os outros jogadores fecham o círculo e quase chocam as cabeças. Percebem-se sinais de emoção.

## Minelli: "saio para não cair"

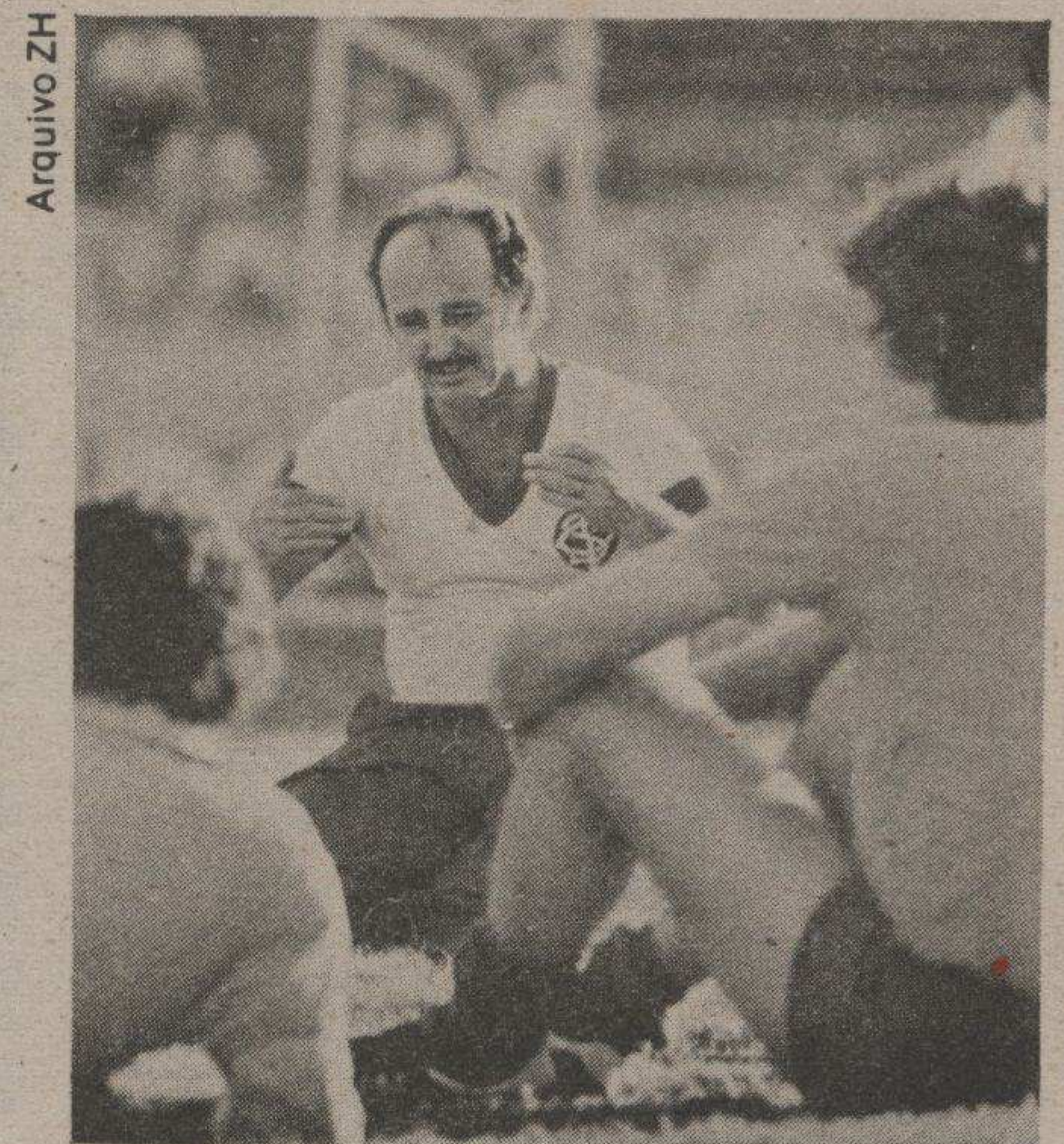
Vestindo bermudas, uma camiseta azul com inscrição de uma universidade americana e com sandálias de couro, Rubens Francisco Minelli, de 48 anos, carrega uma mala na mão direita e na outra a gaiola com seu curió chamado Mandrake. Desce rapidamente para a garagem subterrânea do Edifício Arpoador, na Ramiro Barcelos, entra em seu Galaxie, onde a família o espera, e prepara-se para abandonar Porto Alegre, três anos menos quatro dias depois de ter chegado à capital gaúcha para ser o treinador do Internacional. As 5h35min do dia 23 de dezembro de 1976, a família Minelli toma a direção de São Paulo. Um dia antes, no Departamento de Futebol do clube colorado, rasgando uma carta anônima e rabiscando triângulos para explicar a forma de atuar do time, Rubens Minelli concedia sua última entrevista em Porto Alegre, ao Coojornal:

"Existem diversas razões para mim deixar o Inter. O meu filho, o Rubinho, deveria fazer o vestibular agora aqui mas não quis. Quer voltar para São Paulo. Eu mesmo estava perdendo o controle sobre os jogadores. Estava me tornando muito sentimental, sabe? Não era o mesmo de um, dois anos atrás. Quer ver uma coisa? Nunca aceitei ser padrinho de jogador para não me envolver muito. E neste fim de ano quase que deixei o coração mandar e já estava aceitando ser padrinho de casamento do Cláudio. Então eu estava ficando sentimental. Sou do signo de Sagitário, uma pessoa contraditória, calculista e emotiva ao mesmo tempo. Eu senti que logo logo perderia o controle sobre os jogadores do Inter".

"Mas tem uma razão que pode ser considerada como principal. Para falar a verdade acho que atingi o máximo no Inter. Comecei a pressentir há alguns meses que não havia mais potencial no time para ser explorado. Pelo menos não com os meus conhecimentos. Se o treinador que me substituir conseguir arrancar mais eu acho ótimo. Agora eu não acreditava mais. Comecei a conviver com o perigo da rotina, entende? O time chegou onde dá e faz tudo o que pode fazer. Daqui para a frente, pensei, só existe uma perspectiva para o Inter: a queda. É como você chegar ao alto de uma montanha e só lhe restar descer, entende? Pode ser triste, é duro dizer isto, mas eu acredito que é a verdade".

"Acho que é a primeira vez que vou falar nisto para um jornal. É sobre a psicologia da dinâmica de grupo. Eu apliquei os ensinamentos de um psicólogo americano chamado Darwin Cartwright junto aos jogadores. Ele é seguidor de uma teoria, chamada topologia de campo (1), que estuda os grupos. Foi lendo sobre dinâmica de grupo e, principalmente, Cartwright que trabalhei os jogadores. Sempre parti da personalidade de cada um deles para conseguir a motivação comum ao grupo. Nenhum jogador é igual ao outro. Recusar esta verdade é o pecado da maioria dos treinadores brasileiros. Eu queria que o meu jogador tivesse consciência de sua força e de sua capacidade. Queria acabar com aquele time medroso que encontrei aqui ao chegar".

"No começo, para conseguir o que chamo de mentalização profissional do jogador, foi preciso dar confiança para eles. O Cláudio, por exemplo, era considerado irre recuperável dentro do Inter. Quando cheguei aqui tinha uma lista negra, o Cláudio estava pronto para ser dispensado do clube. Pois eu consegui fazer dele um líder quando o time excursionou à Europa e o Figueroa afastou-se na viagem. Tanto um quanto o outro são aquilo que a



Arquivo ZH

teoria de Cartwright chama de líder positivo em um grupo, cuja influência não se limita ao gramado mas atua sobre a própria vida deste grupo. É claro que se opondo a este líder sempre existe o líder negativo que provoca divisões no grupo. Por isto, Edson Madureira, Tovar, Pontes e outros saíram do clube".

"Quando existe a coesão do grupo — como o Inter chegou a ter, com seus líderes positivos e as situações naturais previstas por Cartwright — é fácil transportar para o campo a idéia de identificação. Isto significa que o jogador se identifica com seus companheiros. Ele passa a sentir que é integrante de um todo em busca do mesmo fim e que o companheiro ali está para ajudá-lo. Quase que naturalmente os jogadores passam a executar duas ou três funções em campo impondo ao adversário a sensação de esmagamento tático ou a famosa marcação sob pressão. Eu prefiro dizer que é um futebol em bloco, porque todos, com exceção do Manga, avançavam em direção ao gol adversário. Qualquer leigo entendia a tática do Inter".

"Bom, taticamente a mudança maior foi a inversão do falado triângulo do meio campo. Ou seja: em vez de jogar com o vértice, com o líbero voltado para a minha goleira, eu coloquei a base, dois líberos, na frente da zaga. Assim, a marcação do triângulo adversário ficava plenamente coberta. Desenhe dois triângulos, oponha-os e veja se neste esquema eles não se completam. Pois foi assim que em 216 partidas que eu dirigi, venci 150, perdi 22 e empatei 44. Durante estes jogos marcamos 452 gols, sofremos 118, o que dá um saldo de 334, não é? Ai está, tão simples, o segredo o Inter que os grandes e famosos estrategistas do futebol brasileiro nunca conseguiram descobrir...!"

(1) Darwin Cartwright, professor de psicologia e coordenador de pesquisa da Universidade de Michigan; autor em colaboração do livro "Dinâmica de Grupo" editado em português pela Herder, em 1967.

Sobre a liderança positiva e negativa, mencionada por Minelli, seguindo a teoria de campo, o psicólogo Luiz Olyntho Telles diz que "quase sempre os grupos têm responsáveis. Algumas vezes estes acumulam a função de liderança, outras não. Para embasar essa afirmação vamos considerar liderança como uma série de atos, exercidos por uma pessoa (líder) que contribuem para a consecução dos objetivos do grupo. Na medida em que o responsável por um grupo tiver uma clara noção dos fatores que alterem sua estrutura isto passará a ser importante para ele de várias maneiras. Em primeiro lugar, o grupo deixará de ser uma entidade nebulosa (ameaçadora) passando a ser percebido como algo concreto, com ordem e sentido. Aprenderá em seguida como e quando propor alterações, tendo sempre presente os motivos objetivos do grupo. Aprenderá a valorizar os motivos que levam os indivíduos a pertencer a determinados grupos e a minimizar as dissonâncias entre os objetivos individuais e os do grupo. Aprenderá a utilizar os ataques externos ao grupo como medida de sua coesão e como meio de reforçá-la. Aprenderá que os subgrupos podem ter uma função positiva e servir de indicador (sinal) ao líder, no que diz respeito ao quanto está sendo aceito pelo grupo".



Foto de Gerson Shirmer



**Em círculo, dentro do vestiário os jogadores gritam. É um ritual que deixa alguns arrepiados e motiva o time inteiro**

"Sempre tem alguns que não ligam para essas coisas e disfarçam, mas tem jogador que fica arrepiado. E quando o time entra em campo, depois de receber o tapinha do Minelli no túnel e se dá as mãos, acho que 30 por cento do jogo está ganho", conta José Villalba, o argentino de 57 anos, administrador da concentração do Beira-Rio.

O ritual, descrito por Villalba, faz parte de um longo trabalho desenvolvido por Rubens Minelli para motivar os jogadores. "Eu queria", contou Minelli ao Coojornal, "um futebol jogado em bloco, o que chamam de futebol total. Mas para conseguir isso na prática era preciso, digamos, um ideal teórico mais profundo segundo o qual os jogadores teriam que se identificar com os outros em campo. Teriam que sentir que o companheiro do time é parte de um todo voltado para o mesmo fim".

Para conseguir isso Minelli fez o que chama de "mentalização profissional do jogador". É um trabalho baseado nas teorias do americano Darwin Cartwright, um dos mestres da Teoria de Campo, que estuda o comportamento das pessoas em grupos. Segundo essa teoria, os grupos quase sempre giram em torno de responsáveis ou líderes e serão mais ou menos unidos de acordo com o tipo de liderança quase formar. Seguindo calculadamente essas idéias, Minelli estimulou a formação de ídolos positivos, categoria da qual Figueroa é o exemplo melhor acabado, seguido de Manga, Cláudio e Marinho. Ao mesmo tempo afastou os líderes negativos, que representam perigo para a unidade do grupo.

Pode-se situar neste caso as dispensas de Edson Madureira, Tovar e mesmo Pontes, por serem pessoas que não contribuem para o fortalecimento do grupo devido ao temperamento ou agressivo ou introvertido.

## Depois virão as vaías

Com alguns jogadores, ensina Minelli, era preciso "ir agindo com sutilezas, apenas indicando o caminho desejado.

Última etapa do ritual: o tapinha nas costas na saída do túnel

Foto de Jacqueline Joner

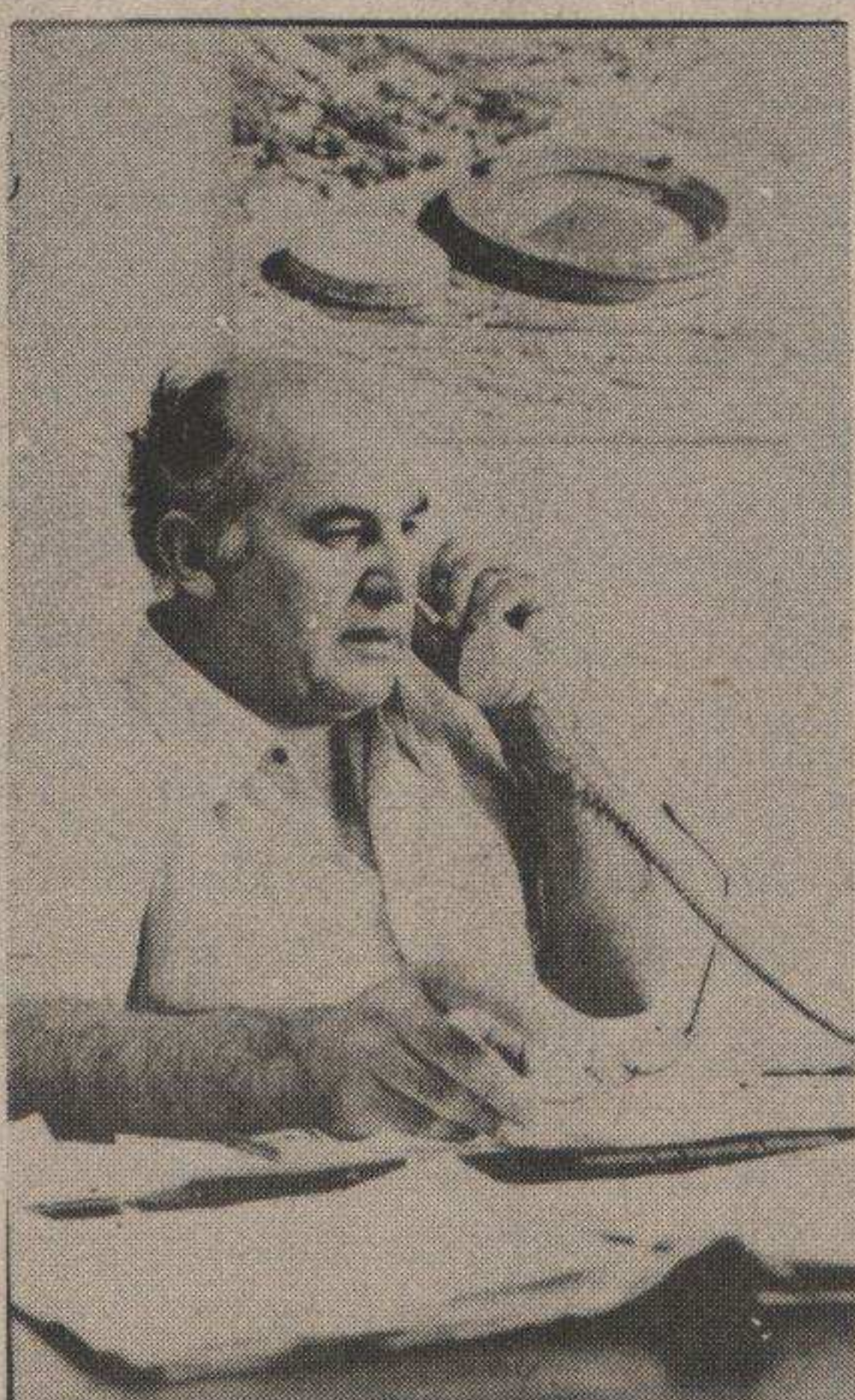


Foto de Guto Cruz



Foto de Jacqueline Joner



Eraldo Herrmann, Carlos Stechmann e Ballvé: presidentes à sombra do Beira-Rio

## A Campanha do Inter

Os números de oito anos da chamada Era Beira-Rio. As médias de gols dão uma idéia das características dos treinadores:

Ano	Jogos	Vitórias	Derrotas	Empates	Gols:Pró	E contra	Média P/partida
1969	68	42	11	15	117	49	1,72
1970	77	48	12	17	125	43	1,62
1971	78	42	13	23	114	54	1,42
1972	70	41	7	22	111	40	1,58
1973	66	36	13	17	89	45	1,34
1974	66	41	8	17	115	42	1,74
1975	82	59	6	17	178	43	2,17
1976	68	51	8	9	159	39	2,33
<b>Totais</b>	<b>575</b>	<b>360</b>	<b>78</b>	<b>137</b>	<b>1008</b>	<b>355</b>	<b>1,75</b>

trar em campo, os jogadores cantaram com forçada alegria o Parabéns a Você em homenagem aos 48 anos que Minelli completava naquele dia 19 de dezembro. Depois ele falou: "vou sair para ganhar mais dinheiro. É o momento certo porque me aplaudem e reconhecem o meu trabalho. Me festejam porque sou um treinador vitorioso. Vocês também são vitoriosos e não esqueçam, assim que começarem a perder virão as vaías e o repúdio".

"O senhor Figueroa foi o que mais entendeu e mais ajudou em toda a psicologia que o treinador Minelli usava", afirma José Villalba. E quem visse o zagueiro chileno, sentado atrás de uma mesa no sagão do jornal Zero Hora, autografando o seu livro, no dia 23 de dezembro, chegaria à conclusão que Elias Figueroa chegou a representar a própria imagem do atual Inter. Bem vestido, acompanhado da elegante Marcela, sua mulher, ele recebia polidamente os torcedores que formaram fila para ter um livro com a sua assinatura. Sorria, agradecia, explicava porque estava indo embora. Não era a imagem de um time do povo. Na fila que se formou à sua frente estavam pessoas bem vestidas, mulheres de vestidos longos, senhores de gravata, gente que pode pagar 40 cruzeiros por um livro. O único crioulo que apareceu não tinha o livro na mão, mas apenas um recorte de jornal com a sua foto ao lado da qual pediu para Figueroa colocar uma dedicatória.

"No começo a gente tirava um sarro do Gringo, quando ele saía do vestiário, depois do treino, com o cabelo arrumadinho, os sapatos lustrosos e vestindo um terno bem cortado. Nós estávamos ali, de chinelo, cabelos escorrendo, bermudas. Depois a gente foi notando que todos, até os dirigentes tratavam ele com mais respeito. Hoje, no Inter, todo o mundo, desde os reservas aos mais famosos, todos têm o seu terno".

Quem conta isso é Escurinho, para quem Figueroa serviu também para dar um sentido mais profissional aos colegas: "Na hora da renovação", diz Escurinho, "ele pedia alto e a gente fazia o mesmo".

"O senhor Figueroa, diz Villalba, "sempre dizia bom dia, com licença, por favor, isso com o presidente do clube ou com a cozinheira da concentração. Ao mesmo tempo funcionava como uma espécie de supervisor dentro do clube junto aos colegas. Se um jogador estava agindo mal, ele vinha e a gente conversava com o Minelli tentando acabar com o problema antes de chegar à direção".

## Agora virá a decadência?

Minelli saiu porque concluiu que não tinha condições de fazer o time crescer mais (veja matéria abaixo). A saída de Figueroa ao mesmo tempo teria sido uma simples coincidência?

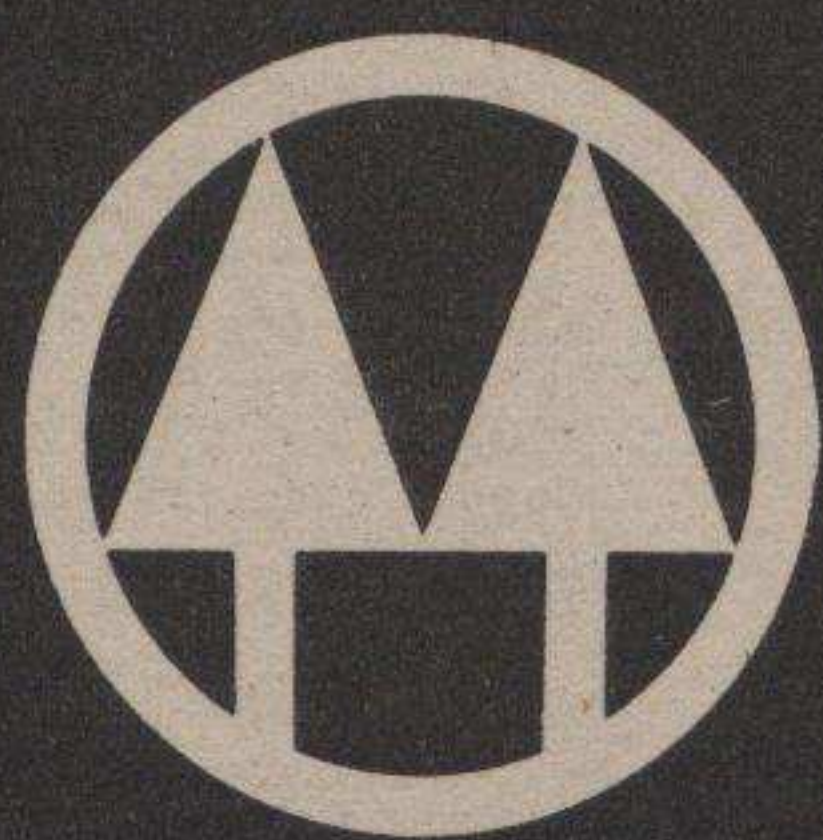
Um das deixas de Figueroa ao deixar o Inter, onde ganhava 60 mil por mês, foi revelada por sua mulher a algumas amigas: a direção do Inter não admite derrotas, quer vitórias e só vitórias. Os outros jogadores também mencionam alguns episódios que dão uma idéia de como homens habituados ao sucesso, como os que dirigem o Inter, reagem diante de uma derrota. Em 1975 ano em que o time fazia uma campanha brilhante, o presidente Eraldo Herrmann, enfurecido com um empate em Curitiba, mandou cortar o bicho dos jogadores alegando que eles jogaram displicentemente. No ano passado, com o time

Para outros tem que se usar a calma, muita calma. Mas tem aqueles que só uma chacoalhada resolve, é preciso xingar mesmo".

Dedicado ao estudo da volumosa obra de Cartwright e dos esquemas táticos dos adversários, Minelli recebeu o apelido de professor Aristóbolo (personagem de telenovela), dado pelos jogadores porque nas concentrações passava a noite lendo. Nas preleções às vésperas dos jogos, falava com contagiante entusiasmo apoiado por Figueroa e os demais líderes da equipe.

"Seu Minelli", conta Escurinho, "nos lembrava sempre o que representava a vitória. Fazia a gente pensar no pouco tempo que temos de carreira no futebol, na importância da união e outras coisas que motivavam o pessoal. E sabe por que não havia briga por posição no time? Até nisso o Minelli pensou: ele fazia um rodízio em que todos os jogadores participavam nem que fosse ficando no banco e ganhando meio bicho. Então a gente acabava torcendo pelos companheiros para o time ganhar e a gente levar o bicho pela metade".

Pouco antes de ir embora, em seu último dia como treinador do Inter, Rubens Minelli fez também uma última recomendação aos jogadores com quem convivia desde o dia 27 de dezembro de 1973, quando chegou ao Beira-Rio, quase desconhecido. Momentos antes de time en-



## 2º Caderno Especial sobre Cooperativismo

"Análise do Cooperativismo no Rio Grande do Sul":

Este é o tema do novo caderno especial que o Coojornal lançará na sua edição de março. o caderno será em formato tabloide, com 4 páginas e poderá ser encartado nos jornais de Cooperativas.

Os pedidos de reserva de exemplares podem ser feitos até 5.3.77, por escrito, à COOJORNAL, Rua Comendador Coruja, 372 90.000, Porto Alegre, RS.



liderando tranquilamente o campeonato regional, houve um empate em São Borja. No ônibus na volta os jogadores brincavam com o fato cantando: "A vaca vai pro brejo, a vaca vai pro brejo". Foi o suficiente para um dirigente explodir, gritando: "É isso que chamam, de profissionais conscientes? Cadê a moral, a vergonha na cara?"

Eraldo Herrmann, de certa forma confirma essa tendência ao afirmar: "Dirigente só é bom quando o time ganha. A vitória é a base de tudo. Com

vitória motiva-se a torcida e ela aceita tudo".

E o Inter tem condições de absorver a saída de Minelli e Figueroa e continuar vencendo? Além da pouco animadora previsão do ex-treinador de que o time já chegou ao máximo do seu rendimento, há um certo temor entre alguns setores colorados. Dizem estes que o clube está agindo com imediatismo e está esquecendo o que foi uma de suas principais armas: o fortalecimento das categorias inferiores (infantis, juvenis) que deram

os principais elementos do time atual, como Falcão, Escurinho, Paulo César, Caçapava, Cláudio.

O conselho deliberativo do Internacional é composto por 375 conselheiros divididos, entre outros, em comerciantes (57), profissionais liberais (118), empresários (13), militares (oito), secretários municipais (dois), secretário estadual (dois), ex-prefeitos (dois), o prefeito de Porto Alegre, delegados (três), funcio-

nários públicos (nove), banqueiros (dois), bancários (11), reitor (um), vereador (um), fazendeiro (um). O patrono do clube é o ex-prefeito e ex-governador Ildo Meneghetti. O atual vice-presidente da República, Adalberto Pereira dos Santos, é conselheiro benemérito e o ex-prefeito de Porto Alegre e atual presidente da Eletrosul, Telmo Thompson Flôres, também. No conselho do chamado "clube do povo" existe apenas um mulato e nenhum negro.

# Ar Condicionado é **Springer** **Admiral**

**Springer**



**Admiral**

**FÁBRICAS:** Canoas, RS - Paulista, PE - Manaus, AM



# Os índios acusavam os guardas, o inquérito acusou os índios

É sabido que neste país, quando nada se quer apurar, sempre se instaura uma comissão de inquérito (Hélio Pereira Bicudo, procurador da Justiça, que investigou os crimes do Esquadrão da Morte em São Paulo)

A frase do procurador Hélio Bicudo, exonerado da coordenação das investigações das dezenas de crimes do Esquadrão da Morte paulista, se adapta perfeitamente à comissão de sindicância designada pelo governador Sinval Guazzelli para apurar "possíveis irregularidades atribuídas a funcionários da Secretaria da Agricultura, no que se refere ao tratamento aos índios, no município de Nonoai". Ela foi criada a 9 de setembro último para averiguar maus tratos praticados por sete guardas-florestais da reserva estadual contra alguns dos 82 Kaigangues, todos remanescentes da família Kaneró e residentes em Rodeio Bonito, município atingido pela reserva.

Mas, além de concluir que "não procedem as acusações, desmentidas em grande parte pelos próprios acusadores, vagas e imprecisas", a comissão chegou ao máximo da perfeição; entre suas ponderações finais sugere a transferência dos indígenas de sua terra de origem para os postos da Funai, onde "gozarão das benesses proporcionadas pelo órgão oficial". É claro que para chegar aí, foram necessários alguns artifícios como não encontrar algumas vítimas, considerar melhor determinados depoimentos em detrimento de outros, mostrar fotos de uma outra reserva florestal, aceitar a ausência de inquérito policial por parte do delegado de polícia local, ouvir apenas os tecnólogos da Secretaria da Agricultura e nenhum antropólogo, dar preferência ao Código Florestal ao invés do Estatuto do Índio, enfim, realizar o que se chama de "trabalho dirigido".

Não faltaram contradições no relatório de 27 laudas, resultantes de um estafante trabalho que levou dois meses para ser realizado, quando foram ouvidos 37 depoimentos, anexados 34 documentos e 62 fotos e, também, não estiveram ausentes conclusões tão absurdas como a declaração do presidente da comissão, procurador Altair Venzon, que disse: "Os índios são destruidores da natureza". A afirmação ganhou manchetes nos jornais de Porto Alegre quando foi divulgado o relatório.

## DENÚNCIAS

Embora não comprovasse nenhuma delas, a comissão ao menos relacionou "resumidamente" as denúncias que lhe deram origem: a 12 de agosto de 76, um guarda-florestal agrediu a índia menor Belmira Vitorino Kaneró, tentando agarrá-la à força; no mesmo dia, os guardas estiveram no rancho do índio Antônio Domingos Kaneró, agrediram-no, deixaram-no amarrado a uma árvore e, a tiros, mataram seus cães, também derrubaram a casa de Antônio Kaneró, jogando fora todos os seus pertences; quatro guardas tentaram comprar uma índia menor e haviam procurado Antônio Kaneró, ameaçando-o de morte se não conseguisse quatro mulheres índias, inclusive sua mulher; há dois anos, alguns guardas florestais violentaram a índia Cema Kaneró.

De todas estas denúncias, feitas pelos próprios indígenas e divulgadas pelos integrantes do CIMI — Conselho Indigenista Missionário — a comissão de investigação somente admitiu a morte de cães, apesar de fazê-lo muito vagamente, conforme consta na folha 307 do relatório: "Os guardas confirmaram que, no afã de preservar o parque florestal contra a intrusão de ca-



Vitorino: contra os guardas

çadores, mataram cães de caça existentes no parque. O procedimento e a conduta dos guardas vincula-se a ordens superiores". Ora, mesmo que fossem cães de caça, é um tanto contraditória a ação dos guardas. Não lhes ocorreu verificar a quem pertenciam os animais? Afinal, não são pagos para preservar a fauna e a flora? E, o pior, agiram por determinação superior, da Unidade de Preservação e Controle de Recursos Naturais Renováveis da Secretaria da Agricultura, a quem, ao que parece, caberia uma revisão nos seus métodos de preservação.

Apesar do líder do grupo de índios e pai de Belmira, Vitorino Kaneró, ter confirmado a tentativa de sedução da menor, a comissão conseguiu dissipar esta denúncia através de uma acareação na qual Belmira não identificou como agressores os dois guardas que lhe foram mostrados e "os outros de serviço naquele dia não correspondem fisicamente à descrição feita por ela, alto, magro e moreno". Curiosamente, no entanto, tão logo as denúncias começaram a ser divulgadas, o diretor da reserva Alexandre Tergolina mandou levantar o acampamento dos guardas situado mais próximo aos índios, numa das margens do rio da Várzea, onde estavam os acusados de sedução. Mais que isso, procurou desviar a atenção de repórteres para o trabalho da comissão, prometendo fotos de uma patrulha, quando, coincidentemente, ocorreu o encontro na região.

Já o ataque à casa e ao índio Antônio Kaneró foi explicado pelo fato dele ter "intrusado uma casa de propriedade da secretaria no local chamado Pinhalzinho, dentro da reserva florestal e destinada à moradia dos guardas em serviço naquele posto". E, como ele não mais residia na região, não pareceu necessário seu depoimento nas duas vezes que para lá a comissão se deslocou. Inclusive, o relatório se atém ao fato de Antônio não ter confirmado, quando depôs na Polícia, que ficara amarrado durante três dias a uma árvore. Um raciocínio simples: se não houve confirmação da segunda parte, também não deve ter ocorrido a primeira metade da denúncia. E isto que o depoimento de Antônio à Polícia não tinha motivado suficien-

A comissão de inquérito da Secretaria da Agricultura que investigou os maus tratos praticados contra os índios kaigangues no município de Nonoai chegou a estranhas conclusões depois de ouvir 37 depoimentos



O tronco, uma tradição ainda preservada pelos Kaigangues

temente o delegado Júlio César Lima da Silva, da DP de Rodeio Bonito, que "pela ausência de corpo de delito" ninguém foi indiciado e para quem "o índio que disse ter apanhado nós examinamos e não vimos lesões. É que índio tem pele grossa e por isso custa mais para ficar as marcas", concluiu sorrindo. Não ocorreu à comissão ouvir, por exemplo, Laurinda Ilia Kaneró, que confirmou os maus tratos a Antônio e acrescentou que "a mulher dele, a Clorinda, teve que fugir pro mato com as crianças quando espancaram Antônio, mas ainda deu para ver os guardas matarem a tiros os cães do casa".

## CONTRADIÇÕES

O "tronco", uma espécie da cadeia ainda preservada por aquele grupo de Kaigangues, ao invés de se constituir numa descoberta antropológica terminou entrando no relatório como uma sugestão de que se maus tratos houvessem, estes teriam sido praticados entre os próprios indígenas. Quando encontrado ouvindo depoimentos no interior, o procurador Altair Venzon enfatizou que "não vamos nos ater apenas a algumas denúncias, vamos examinar a questão com profundidade para analisar o problema como um todo e apresentar sugestões definitivas". No entanto, durante a apresentação do relatório à Imprensa, o secretário da agricultura, Getúlio Marcantônio disse que "a comissão não pretendeu nenhuma profundidade", ao ser questionado sobre a ausência de depoimento de um antropólogo, já que o relatório sugere a transferência de índios do seu habitat. E, para dar força à afirmação anterior de que índio é destruidor da natureza (perdão, antropólogos), o secretário mostrou aos repórteres uma foto de um pinheiro chamuscado pelo fogo, apressando-se a informar que para a venda uma árvore assim se classifica como desvitalizada. Perguntado, porém, onde exatamente estava localizado aquele pinheiro queimado, Getúlio Marcantônio disse que era da reserva florestal de Espigão Alto, quer dizer, não tinha nada a ver com a pretensa destruição indígena.

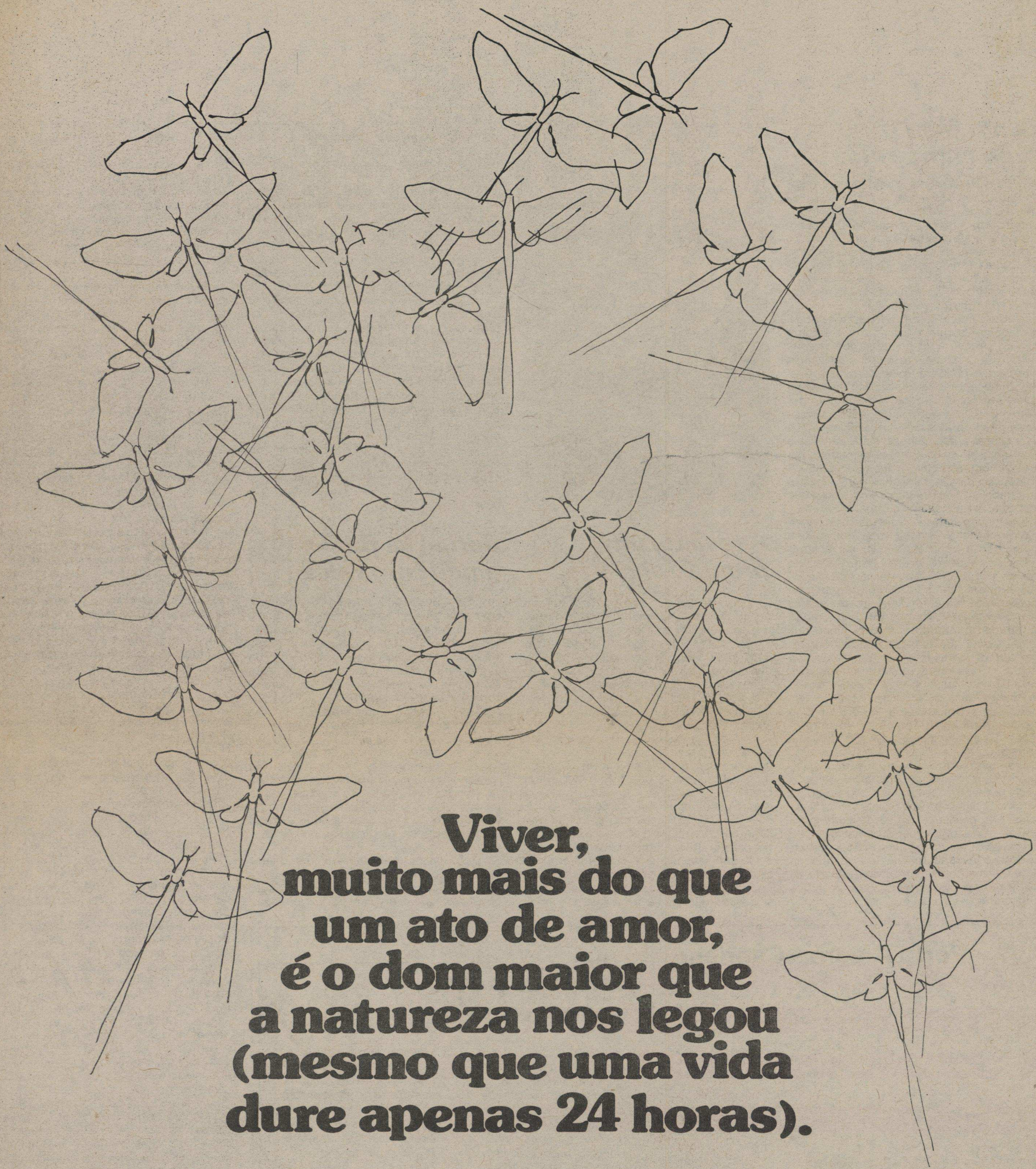
Aliás, a comissão dedicou uma atenção toda especial a algumas pequenas roças

dos kaigangues, pois na folha 308, diz: "Observaram, também, algumas queimadas de mato e derrubadas (fotos), bem como muitas roças antigas, sem quaisquer aproveitamento para plantio". Felizmente, não ocorreu aos membros da comissão comparar as roças de alguns metros quadrados, de onde os Kanerós tiram o mínimo para sua sobrevivência, com os hectares desertos existentes pelo Estado e destinados à soja para exportação. A comparação promoveria a comissão do absurdo para o ridículo. Quisera tivesse a comissão a mesma preocupação com as pedras semi-preciosas — ametistas, topázio rio grande e cristal de rocha — abundantes pela região atingida pela reserva, já que puderam verificar que "há evidentes sinais de escavações e resíduos — consta na folha 309 do relatório — de pedras semi-preciosas. Estas escavações parecem ter sido feitas pelo menos há mais de um ano. Há notícias fornecidas por Alexandre Tergolina da existência de recentes lavras de pedras semi-preciosas, constatadas pelos guardas e, devem ter sido retiradas à noite, com luz artificial".

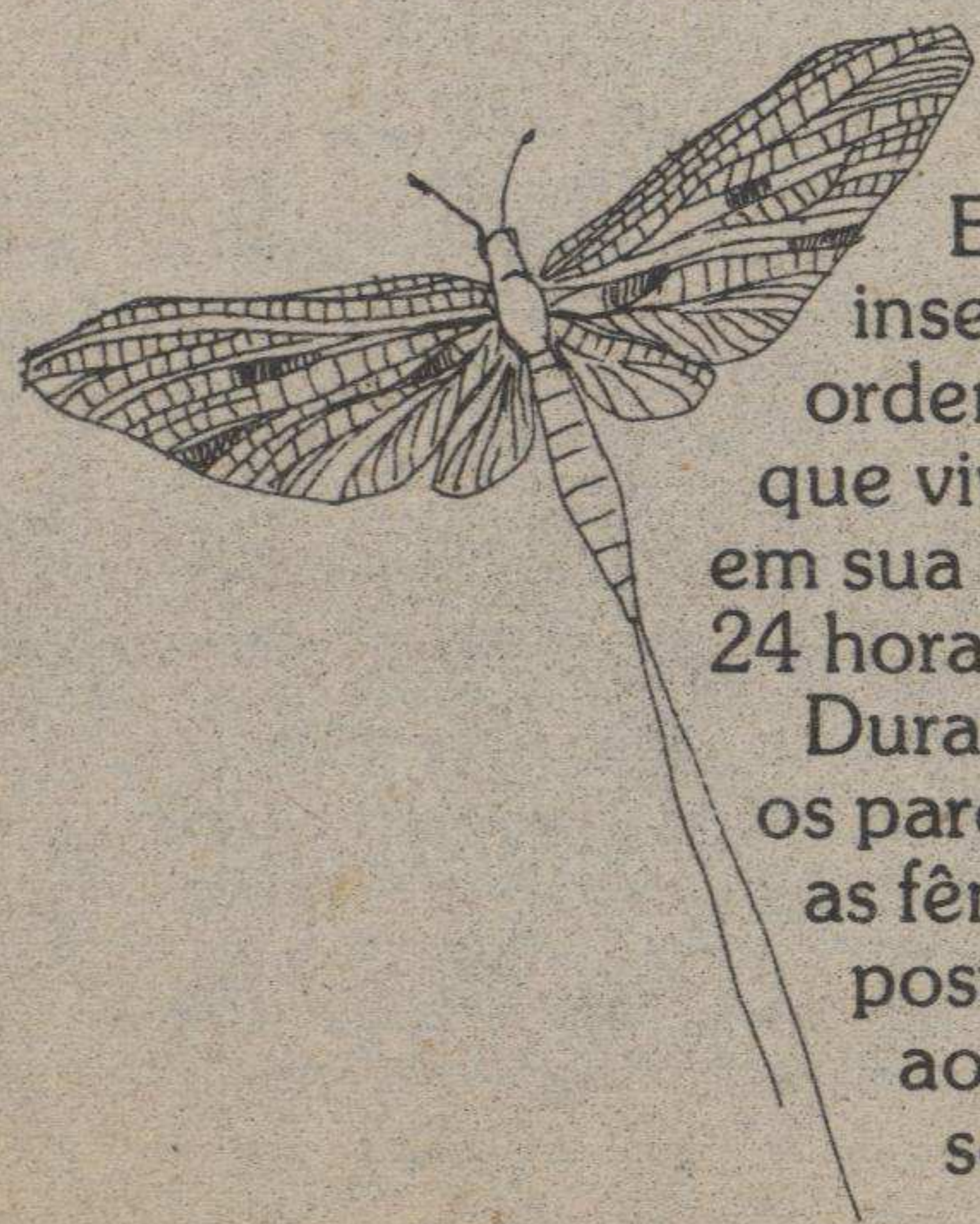
Colocada a questão sobre a possibilidade de permanência dos indígenas na reserva e sua utilização na vigilância dos bens naturais ali existentes (pedras semi-preciosas, madeira de lei e outros), a comissão preferiu sugerir a retirada dos kaigangues e aceitar a versão do agrônomo Flávio Assumpção, supervisor de recursos naturais, para quem "os índios dão cobertura a caçadores, pescadores e garimpeiros brancos". Estes últimos não foram localizados pela comissão, tão preocupada pela preservação dos bens naturais da reserva. E tudo indica que a dilapidação (branca) vai continuar, porque o próprio administrador da reserva, Alexandre Tergolina, reconheceu que "para evitar a retirada de pedras semi-preciosas eu preferiria colocar um guarda a cada cem metros e não a cada dez quilômetros como agora". E o secretário da agricultura, perguntado sobre a época em que haveria guardas contratados em número suficiente, confessou: "O Estado é pobre e isto eu não sei lhe dizer".

Sérgio Becker





**Viver,  
muito mais do que  
um ato de amor,  
é o dom maior que  
a natureza nos legou  
(mesmo que uma vida  
dure apenas 24 horas).**



Efeméridas -  
insetos neuropteróides da  
ordem dos Efemerópteros,  
que vivem, os de forma alada,  
em sua fase adulta, apenas  
24 horas.

Durante esta curta existência,  
os pares se acasalam, morrendo  
as fêmeas logo após a  
postura, pouco sobrevivendo  
aos machos a que  
se uniram.

**SAMRIG**  
S.A. MOINHOS RIO GRANDENSES

no 48.º ano de existência  
deseja que você ame,  
aproveite, viva cada minuto  
de 77 com toda a felicidade  
do mundo.



## Santa Maria: tudo como antes

Antes de terminar o período de aulas, os alunos do Curso de Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria prepararam um minucioso documento e encaminharam aos ministros do Trabalho e das Comunicações com cópias para as delegacias regionais do Dentel e do Trabalho, em Porto Alegre. No documento, os alunos pediam fiscalização sobre as empresas de comunicação.

As providências da Delegacia Regional do Trabalho surgiram logo mas o resultado foi um desastre. O inspetor que deveria verificar a situação profissional de alguns repórteres de rádio confessou seu total desconhecimento da legislação que deveria fazer obedecer. Na rádio Imembuí, por exemplo, o inspetor foi ludibriado: como se fossem redatores e repórteres em atividade a empresa lhe apresentou jornalistas profissionais e ocultou a verdadeira situação. Embaraçado, o inspetor resolveu interpellar dois estudantes de comunicação que trabalham como redatores e alegar que eles estavam em situação irregular.

Mesmo assim, a desastrada intervenção do fiscal provocou uma correria de quem não é jornalista e quer se registrar com o provisionado e uma grotesca e não menos desastrada tomada de posição de três locutores de rádio. Num programa da madrugada da Rádio Guarani, os três locutores falaram 20 minutos "deplorando a atitude sub-reptícia e subliminar dos acadêmicos, que enviaram correspondência aos ministros em vez de vir para o debate". Também demonstraram ignorância: "Todos sabem que no Brasil só têm condições de exercer a profissão os formados pela Universidade Federal de São Paulo", dizia um deles. E outro interrogava: "E os meus cinco anos de PUC onde é que ficam?"

Também um engodo: dos três participantes do programa, dois têm apenas o curso primário e o terceiro ficou no curso científico. No começo deste ano, tudo ficara nos desastres, troca de correspondência e escaramuças. Interpellado pelo diretor do Curso de Comunicação, o diretor da Rádio Guarani respondeu que ia punir os locutores com suspensão de 30 dias e oferecer 20 minutos para os alunos contestarem as acusações.

O fator que mais interessava aos alunos, a fiscalização do exercício profissional, não estava sendo feito, entretanto, nem pelo Dentel nem pela Delegacia Regional do Trabalho. E a situação voltara a ser exatamente o que era antes.

Severino Góes



Carta: fora da grande empresa

## A revista, um produto social

Luiz Carta, 40 anos, "um italiano-brasileiro", dirige agora a Carta Editorial, depois de ser diretor editorial da Abril (dos 22 aos 35 anos) e fundar a Editora Três, com mais dois sócios, onde trabalhou durante quatro anos e meio. Esteve em Porto Alegre no mês passado, falando a empresários gaúchos de suas experiências na área editorial. Abaixo, algumas de suas idéias:

— Não me acostumo numa grande empresa, que é uma indústria. Sou a favor do artesanato, onde a idéia e o espírito são o que mais valem, e não a máquina. Participei da elaboração de 100 produtos brasileiros entre revistas e fascículos.

— Saí da Abril mas não entrei no mercado para competir e sim para apresentar novos produtos. O importante é fazer uma coisa que satisfaça e na pequena empresa se pode realizar uma tarefa honesta, divertida, limpa. Depois de um período de massificação, agora virá uma fase de indivi-

dualismo. Acredito que o profissional deva ser dono de seu nariz. Na grande empresa ele está longe da linha de decisão, aqui não. Não esqueça que estou falando sempre em revistas.

— O movimento editorial de revistas corresponde a um movimento social e industrial. Exemplos: O Cruzeiro surge e permanece numa época que a classe média inexiste, e a indústria idem; a Manchete, em 55, é a fase do início da classe média, o início da indústria; as revistas especializadas (Cláudia, Quatro Rodas) surgem com a burguesia ascendente, Juscelino Kubitschek; Realidade é de uma época de crise social, moral e de costumes, que se transformou numa coisa normal e determinou a morte da revista; Veja, necessidade de informação de burguesia ascendente; Status é da fase da indústria, consumo do lazer e a violenta necessidade de status da sociedade brasileira; Vogue é com o surgimento da classe A real e o início da sofisticação.

— Com a linha Vogue procuramos fazer com que o status econômico seja dosado e justificado por uma sofisticação, tanto mais necessária quanto mais dinheiro a pessoa tem.

## Jornal da Bahia ainda com Falcão

"Não deixe esta chama se apagar." Com este lema, o Jornal da Bahia ganhou a solidariedade nacional, há quatro anos. Em briga com o então governador Antonio Carlos Magalhães (hoje presidente da Eletrobrás), pedia o apoio dos leitores para sobreviver às violentas pressões que recebia, incluindo-se o corte de anúncios dos órgãos oficiais e de muitas empresas privadas que eram pressionadas pelo governo.

A "resistência heróica" de João Falcão teve até repercussões internacionais. No relatório anual do Instituto Internacional de La Presse, com sede em Zurique e que tratava da liberdade de imprensa no mundo em 1972, o Jornal da Bahia figurou como uma espécie de mártir da imprensa brasileira.

O Jornal da Bahia sobreviveu e, depois de dois anos de relativa calma, volta a ser assunto. Só que desta vez ele está no lugar oposto ao que estava em 72: está ao lado

do governo, como defensor ardoroso da administração de Roberto Santos, o novo governador que assumiu em 75. Pode-se perceber também que João Falcão soube tirar partido da briga com Magalhães. O jornal não chegou a ter prejuízos, mas sim teve seus lucros reduzidos. Ao mesmo tempo, usou as pressões que sofria como justificativa para manter os salários baixos, ganhando ainda numerosos assinantes (houve até quem fizesse duas assinaturas para ajudar o jornal).

O inimigo, em todo caso, permanece o mesmo, e é a mesma briga que trouxe o caso do Jornal da Bahia à tona: até o fim de novembro o assunto principal nos meios jornalísticos de Salvador era a iminente compra do jornal de João Falcão pelo ex-governador Magalhães.

Os rumores, na verdade, eram fatos. E na tarde da última sexta-feira de novembro estava tudo pronto para que o jornal mudasse de dono. João Falcão, seu proprietário desde a fundação, há 18 anos, desistiu na última hora de transferir seus 85% de ações para o comerciante Armando Gonçalves, ao descobrir que este representava "um grupo de amigos" — entre eles o ex-governador Magalhães, inimigo pessoal de Falcão.

Tudo começou no primeiro semestre, quando João Falcão assinou o contrato de promessa de compra e venda no valor de Cr\$ 9 milhões. Mas, para um segredo zelosamente guardado, já em setembro sabia-se coisas demais sobre a venda do matutino de 23 mil exemplares em off-set, que disputa na imprensa baiana a maior tiragem com o jornal A Tarde.

Magalhães, que preside a Eletrobrás no Rio e passa todos os fins de semana em Salvador, sempre insistiu em que não estava por trás do negócio. Mas não negava que gostaria de ser acionista do jornal, "apenas uma vontade natural de qualquer cidadão". Em 1971, como governador do Estado, ele já tentara assumir o controle acionário do jornal que o combatia. Por isso, ninguém duvida que a nova tentativa de Magalhães para se tornar dono do jornal obedea razões políticas, já que ele é inimigo político do atual governador Roberto Santos e gostaria de continuar comodamente como a figura de proa na política baiana. E, bem ou mal, o Jornal da Bahia sempre foi um empecilho para isto, desde quando o matutino brigou publicamente em 1969 com Magalhães (então prefeito de Salvador) e passou a mover-lhe campanha sistemática, criticando e fazendo denúncias contra seu governo.

Depois de tudo isto, por que João Falcão, 57 anos, ex-banqueiro, fazendeiro e dono de uma luxuosíssima casa avaliada em Cr\$ 5 milhões (e construída justamente na época que apresentava o jornal como sendo asfixiado economicamente pela prepotência do governador) resolve vender o jornal? Pouco se sabe. Em conversas com amigos, ele simplesmente teria confidenciado estar cansado da atividade jornalística.

Se o negócio fosse fechado, ele seria substituído pelo comerciante Armando Gonçalves, com 44 anos de idade e curso secundário, que se diz "formado em dificuldades". Mas no dia 26 de novembro Falcão comunicou ter desistido da venda, e só no fim do ano o grupo interessado em comprar desistiu da ação que movera por perdas e danos.

Falcão recuou por razões políticas, dizia-se depois em Salvador, pois se o ex-governador tivesse em suas mãos um jornal o usaria para combater seus adversários políticos, entre eles o atual governador, o senador Luiz Viana Filho e até o ex-ministro Juracy Magalhães.

Aos jornalistas da redação, colocados à margem das negociações, só restou a anônima ironia. No calor das negociações e entre boatos e fatos, durante quase um mês duas quadras estiveram afixadas no quadro de avisos da redação. O autor faz um jogo de palavras com o comprador e o vendedor: "Vejam o que estão Armando/Que bruta esculhambação/Um jornal que está mudando/Vem Armando, vai Falcão". E em seguida: Sai a ave de rapina/Vai caçar noutra lugar/Entra o comércio de esquina/Pro jornal se esculachar".

Paolo Marconi

## Porto Alegre à Capricho

No seu número 418, de novembro, a revista Capricho, feita em São Paulo publicou a nota reproduzida abaixo.

A Capricho, uma das maiores revistas de fotonovelas do país, vende fantasia — todo o mundo sabe. Mas não precisa exagerar...



O Dilúvio como ele é...

## O rio que passa no meio da cidade

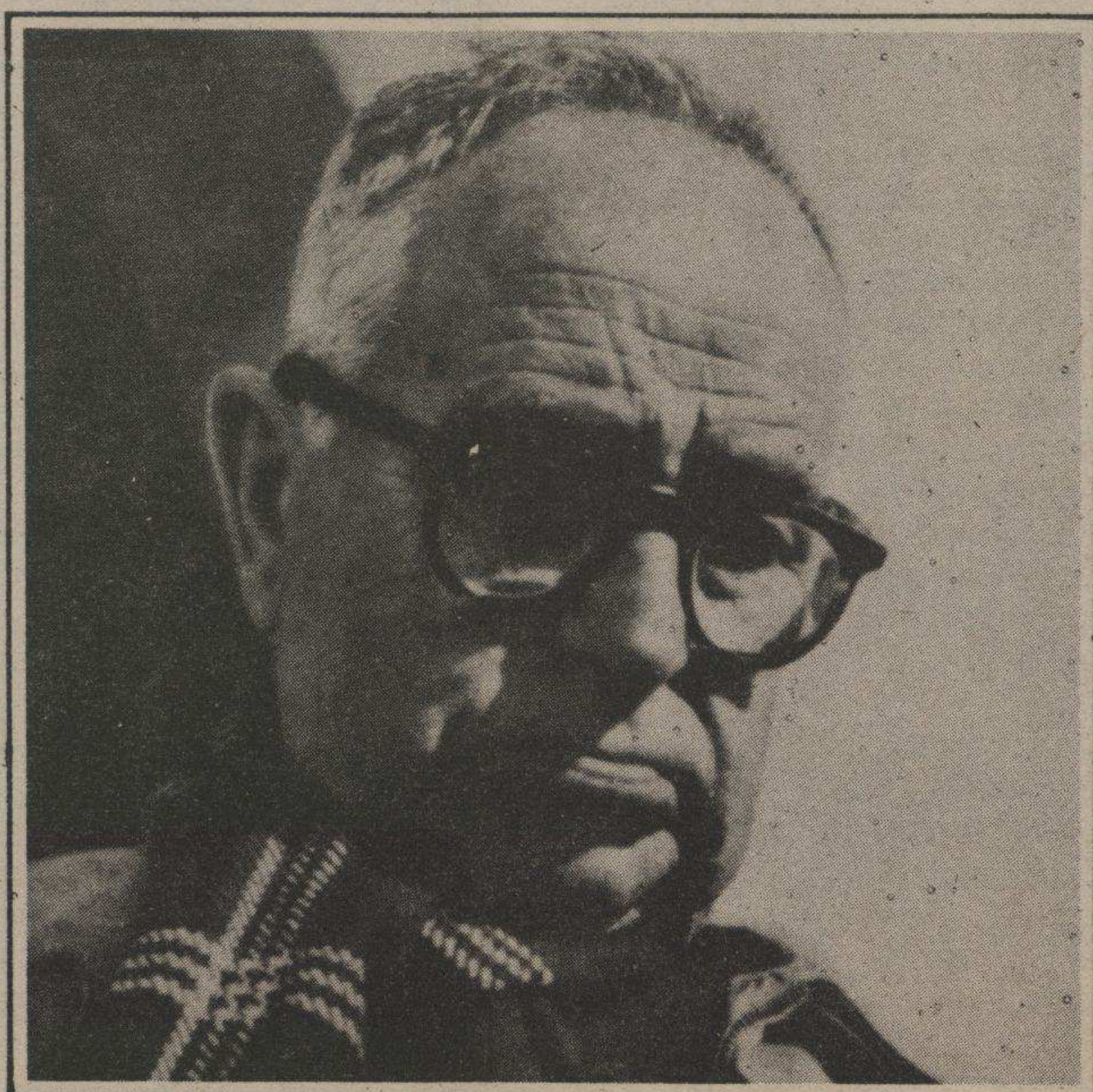
A cidade cresceu muito, nos últimos anos: mas continua charmosa. É Porto Alegre, um convite para a gente visitá-la — e morar também. Um dos seus encantos é um riozinho, mais conhecido por arroio Dilúvio. Ele corta a cidade, de ponta a ponta. Segue de um extremo dela até outro, onde vai se encontrar com o rio Guaíba. O bonito do Dilúvio é que ele fica no meio de

uma avenida. Faz parte das atrações da cidade. É bem canalizado, limpo, e nos chama para um passeio ao longo dele. Quando a gente chega ao Guaíba, vê um espetáculo da natureza. Principalmente se estiver chegando a tardinha, no verão. Porque o pôr-do-sol ali é uma maravilha. É um presente especial, muito especial, para os casais de namorados. Diz a lenda que quem o vê se casa logo!



... e segundo a Capricho





**A MORTE DE**

# **VARGAS**

É o tema do novo livro que o historiador Hélio Silva está escrevendo e que completa a sua obra intitulada o Ciclo de Vargas. Nas páginas que seguem, em entrevista exclusiva ao *Coojornal*, ele fala desse trabalho, onde faz uma reconstituição minuciosa e documentada dos últimos anos de Getúlio — da sua eleição, em 1950, ao suicídio na madrugada de 24 de agosto de 1954.



Em abril deste ano, o historiador Hélio Silva pretende entregar ao seu editor o 17º e último volume de uma gigantesca obra que ele mesmo denomina O Ciclo de Vargas e que é a mais completa e minuciosa história da República — um total de quase 10 mil páginas.

Intitulado 24 de Agosto: Um Tiro no Coração, o novo livro de Hélio Silva se detém sobre os últimos anos da era getuliana, das eleições que reconduziram Vargas ao poder como presidente constitucional cinco anos depois de ter sido deposto à sua morte na madrugada de 24 de agosto de 1954.

É o resultado de um exaustivo trabalho de pesquisa em documentos e entrevistas pessoais com quase todos os personagens importantes desse quadro da História Brasileira. Embora aborde fatos ocorridos há 22 anos, Hélio Silva promete "muitas surpresas", especialmente no que se refere aos episódios que precipitaram o fim de Getúlio como, por exemplo, o inquérito instaurado na Base Aérea do Galeão para apurar o assassinato do major Vaz da Aeronáutica (Vaz foi assassinado a tiros num atentado na rua Toneleiros, no Rio, que visava matar Carlos Lacerda; Getúlio foi acusado de ser o mandante do crime).

Usando o método de descrever os acontecimentos a partir da transcrição de documentos e de incansáveis entrevistas com as pessoas que "fizeram a história", Hélio Silva se diz acima de tudo um "velho repórter", que se preocupa sobretudo em contar e relacionar os fatos, deixando as tarefas de análise e interpretação dos episódios e personagens históricos para os outros cientistas sociais como sociólogos, economistas, etc.

Graças a essa sua postura de repórter, os seus livros estão repletos de revelações. Amigo pessoal de Getúlio Vargas, a quem conheceu quando era repórter político na década de 30 (em 37 se opôs a Getúlio), Hélio Silva chegou a ser convidado para ocupar o cargo de secretário da presidência no governo de Vargas, em 1950. Recusou o convite para não comprometer o seu trabalho com o envolvimento com o governo.

Foi a primeira pessoa a manusear os arquivos que Alzira Vargas, filha de Getúlio, organizou sobre o pai e sua preocupação em reconstituir o que chama "os quadros históricos" vai a tal ponto que para descrever a revolta do Forte de Copacabana, em 1922, convenceu o Brigadeiro Eduardo Gomes, o único sobrevivente no episódio, a repetir com ele várias vezes o trajeto percorrido a pé pelos 18 do forte.

Hélio Silva está com 73 anos e depois de ter sido jornalista (aos 23 anos era chefe de redação na sucursal de um jornal paulista no Rio) e de ter exercido a medicina (cirurgião respeitado, quando parou de clinicar tinha um fichário com 20 mil nomes de pacientes), dedica-se inteiramente ao seu trabalho de historiador.

Em novembro do ano passado, esteve em Porto Alegre para uma série de conferências a convite do governo do Estado e para gravar um depoimento com Batista Luzardo, em Uruguiana. Em dois intervalos de suas andanças no sul (que além das conferências, de inúmeras visitas, incluíram encontros com políticos e intelectuais gaúchos) conversou com os repórteres do Coojornal durante três horas, antecipando algumas revelações que fará no livro, que está escrevendo e dando a sua visão sobre o atual momento brasileiro.

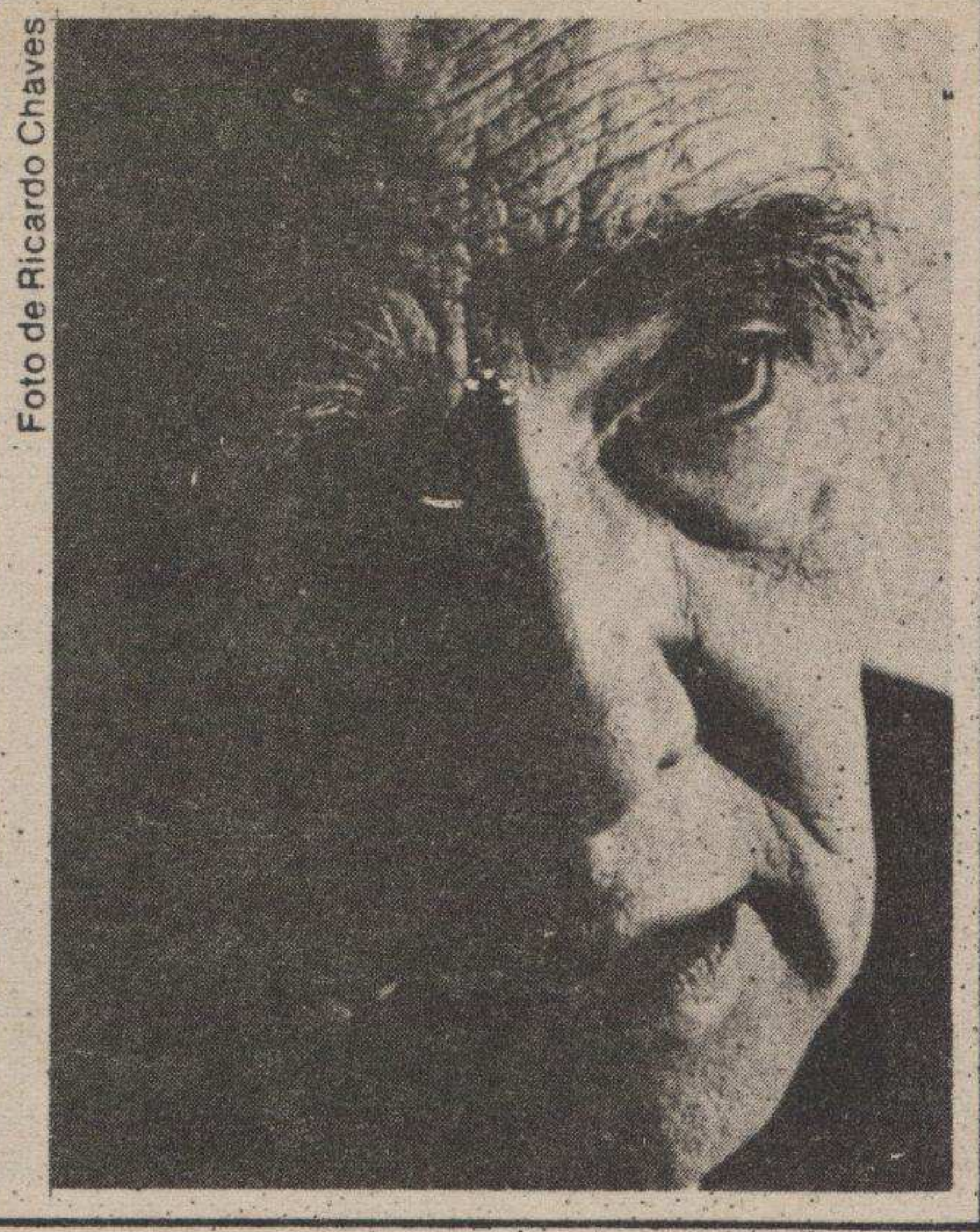


Foto de Ricardo Chaves

COOJORNAL — Como o senhor fez a reconstrução das últimas cenas, até o instante da morte do Getúlio? Elas serão descritas no seu livro?

HÉLIO SILVA — Bem, eu faço um livro de história, é um livro de pesquisa. Como preconizo que se comece a história ouvindo os personagens, eu procurei ouvir todo mundo. Só não ouvi o próprio Getúlio Vargas porque não sou espírita... Mas vamos começar fazendo uma contagem regressiva: a última pessoa que falou com Vargas, seu irmão Benjamin Vargas, eu o entrevistei longamente. Pessoas que pouco antes estiveram com ele, antes de ele se recolher ao quarto: o general Caiado de Castro, sua filha Alzira Vargas, o médico que tratava dele, Aloisio Espindola, um contraparente que estava perto e outras pessoas íntimas. Agora, pessoas relacionadas com o fato: seu amigo José Maciel Filho, Ernani do Amaral Peixoto, Dorival Fontes, Osvaldo Aranha, Edgar Santos, ministro dele, Tancredo Neves. Isso só para citar os mais conhecidos...

COOJORNAL — Como o senhor descreve, então, os últimos momentos dele?

HÉLIO SILVA — Espera aí. Então fiz uma reconstrução que chega ao ponto de eu ter o laudo da autópsia. Entrevistei o médico que fez a autópsia, o Sevi Neto, que já morreu...

COOJORNAL — Quer dizer que o senhor acredita que esclarece definitivamente esses episódios que até hoje, pelo menos a nível popular, ainda permanecem nebulosos... Como ele morreu, quem escreveu a carta-testamento, etc?

HÉLIO SILVA — Até hoje a primeira pergunta que se faz comumente é se ele suicidou-se ou foi assassinado, se a carta é verdadeira ou não. Isso se discute até hoje. Uma das razões disso é que no primeiro momento à família, os amigos íntimos, os auxiliares mais chegados ficaram todos tão chocados com aquilo que desfizeram completamente o quadro. Todo o mundo sabe que um dos requisitos da medicina legal é exatamente que ninguém mexa no local. No caso de Vargas, quando foi examinado pela perícia, o corpo não estava mais na mesma posição. Então o laudo pericial não é um laudo inatacável do ponto de vista médico. Constatou um orifício, penetração de bala, que ele tinha morrido dessa maneira. Mas esse tiro teria sido dado por ele?

COOJORNAL — Qual é a sua resposta?

HÉLIO SILVA — Minha resposta é que sim, ele se suicidou. Mas isso não explica tudo... Aliás, há uma circunstância curiosa: a maneira como ele se suicidou é diferente da que se imagina. Um tiro no coração não é muito fácil de ser dado. Primeiro, os rebordos das costelas tendem a desviar o curso da bala. Depois, as vísceras se defendem. Agora estou falando como velho cirurgião. As vísceras se defendem, se retraem. Eu conheço um caso muito elucidativo. O grande cirurgião, meu grande mestre, Brandão Filho, o maior cirurgião do seu tempo, já no fim da vida ele se suicidou. Procurou dar um tiro no coração e não acertou. A bala se desviou e ele morreu porque pegou a aorta e ele teve uma hemorragia maciça. Vargas sabia que era difícil dar um tiro no coração...

COOJORNAL — Como ele fez, então?

HÉLIO SILVA — Bem, uma vez, muitos antes da sua morte, ele estava conversando com seu irmão Lutero — e isso eu ouvi do próprio Lutero — e perguntou qual seria o ponto visado para dar um tiro no coração. Lutero, que era médico e muito competente por sinal, mostrou a ele: é só marcar dois dedos abaixo do mamilo esquerdo e acha-se o ponto ideal. Então ele, que sabia disso, botou dois dedos abaixo do

## "É difícil dar um tiro no coração? Como é que se faz para não correr o risco de errar?" Pergunta de Getúlio a seu irmão Lutero Vargas que era médico.

mamilo esquerdo e colocou a ponta do revólver entre duas costelas. E fez mais ainda: se você pensar em colocar o revólver entre duas costelas você tem dificuldade de acionar o gatilho. Sabe como é que ele fez? Ele segurou o revólver com a mão direita e acionou o gatilho com o polegar da mão esquerda...

COOJORNAL — Foi uma coisa muito pensada, então?

HÉLIO SILVA — É, isso é outro assunto muito discutido. Vargas era um candidato ao suicídio, um suicida em potencial? Eu não admito que ele tivesse feito aquilo como um ato premeditado. O que acontecia com Vargas era o seguinte: com a formação de guerrilheiro que ele teve aqui, ele era um homem que não se entregava, não admitia se entregar. Os velhos guerrilheiros do Rio Grande preferiam morrer em combate a entregar-se. Talvez esses componentes, a tradição da degola que fazia com que os gaúchos não quisessem ser prisioneiros, tenham influído na sua maneira de ser... Em 1930, quando ele sai daqui de Porto Alegre à frente da revolução, ele declara que não voltará. Por que? Porque ele não admite a derrota...

COOJORNAL — E aquela história: "Dessa luta ou se volta com honra ou não se volta nunca"?

HÉLIO SILVA — Exatamente. Minha impressão é de que ele queria dizer que lutaria até a morte. De qualquer forma há episódios, pronúncias do Getúlio, como esse de 1930, que são admitidos por alguns como pré-disposição ao suicídio. Uma dessas ocasiões foi testemunhada por outro gaúcho, o Dornelles da Fontoura, que me contou. Foi quando estourou a revolução de 32. Dornelles disse que encontrou Vargas muito abalado porque realmente ele foi surpreendido com a revolução, ele não esperava naquele momento a eclosão do movimento em São Paulo. Minutos antes tivera uma conversa telefônica e tinha recebido um emissário que tinha vindo de São Paulo com um recado do Salgado Filho. Pois nessa ocasião, Dornelles da Fontoura diz que Getúlio pensou em suicídio.

COOJORNAL — Mas a carta-testamento não é uma prova de que ele premeditou o suicídio?

HÉLIO SILVA — Pois a carta-testamento não é propriamente a carta de um suicida. Primeiro, porque ela é escrita antes da última reunião, quando o Getúlio ainda acreditava que podia contornar a crise. Ele não está desesperado. Depois, se ele pretendesse se suicidar, teria se preparado com um mínimo de decoro. Getúlio era um homem que cuidava do seu decoro pessoal, não sendo um homem vaidoso, era um homem que tinha decoro. Ninguém se veste de pijama para se suicidar. Getúlio não ia se suicidar vestindo um pijama velho, deitado na cama. Isto é desmazelo total. A minha impressão é de que Getúlio fez a carta-testamento para a hipótese de uma solução violenta, uma tentativa de deposição em que ele, ou fosse deposto violentamente ou resistisse e morresse. Assim como ele se propôs a resistir em 38, quase sozinho nas escadarias do Palácio Guanabara. Em favor dessa tese, eu argumento que em 1945, quando concordou em deixar o governo, ele redigiu um manifesto também violento que depois foi modificado a conselho do João Alberto, que era seu chefe de Polícia. Esse segundo texto, menos agressivo, é que tornou-se conhecido. Ora, quando ele se viu dentro de outra crise semelhante em 54, teve a preocupação de deixar uma proclamação para o povo, para a hipótese de deixar o poder violentamente.

COOJORNAL — Ele mesmo escreveu a carta?

HÉLIO SILVA — Minha convicção é que ele mandou o jornalista Maciel Filho redigir. Ele deu a idéia. Getúlio, como é comum entre os homens públicos, não redigia todos os seus documentos. Ele dava a idéia e depois corrigia. E o Maciel era um amigo íntimo dele que interpretava muito fielmente o seu pensamento.

COOJORNAL — Este jornalista era assessor de Vargas? O que ele fazia?

HÉLIO SILVA — José Maciel Júnior foi diretor da Cacex, diretor do Banco Central, na época exercia a chefia de um departamento, não me lembro se da Cacex, mas sei que era um alto cargo no governo. Era um amigo de Vargas, que estava diariamente com ele. Esse homem já morreu e guardou segredo quase absoluto disso. Eu mesmo era íntimo dele, conversei com ele várias vezes — ele não negava o fato, mas não confirmava. Achava que tinha um compromisso de honra com o Getúlio e nunca confirmou que fosse ele o autor da carta, mas não negava. Numa ocasião levei até um escritor americano lá e ele fez tudo para ver se obtinha essa declaração, mas não conseguiu. Eu, no entanto, não tenho dúvidas.

## "GETÚLIO, VOCÊ NÃO É MAIS PRESIDENTE"

COOJORNAL — Então ele escreveu, ou mandou escrever a carta com antecedência... E aí?

HÉLIO SILVA — Feito isso, ele obteve várias cópias e, no momento da crise, na véspera, chamou o João Goulart e entregou um envelope lacrado com uma dessas cópias, dizendo: "Se me acontecer alguma coisa, você, que vai para o Sul, publica isso no Sul ou na Argentina". Getúlio receava que não tivesse condições de publicar a carta no Rio. Esse fato me foi confirmado pelo Jango. O Jango, como não sabia do que se tratava, não abriu o envelope e, não sabendo da importância daquilo que ia acontecer, adiou a vinda ao Sul e por isso é que foi surpreendido no Rio de Janeiro com a morte de Vargas.

COOJORNAL — O Benjamin Vargas, a última pessoa a falar com Getúlio, o que contou ao senhor?

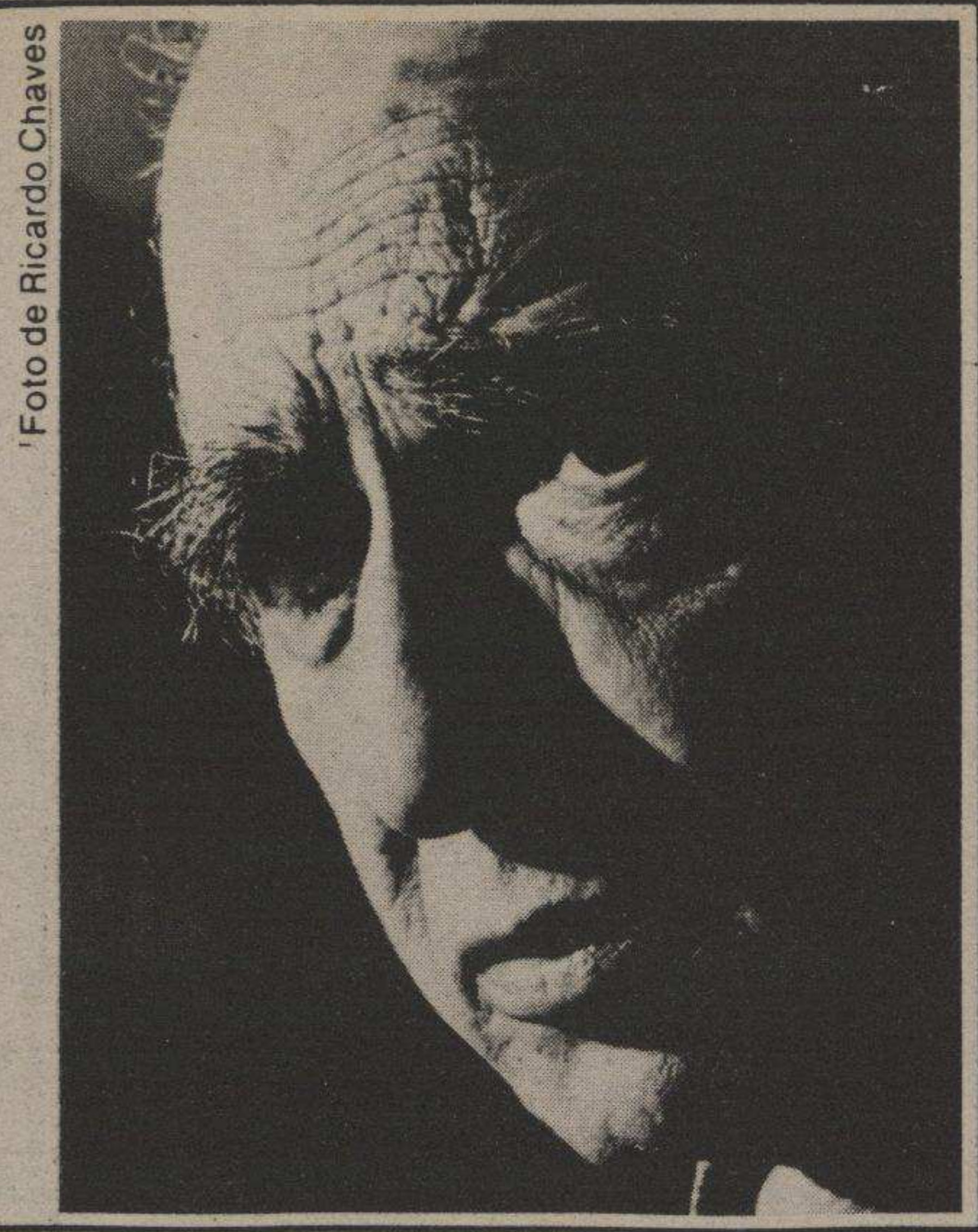
HÉLIO SILVA — Sim, depois da última reunião com o ministério, que terminou de madrugada, Vargas entrou para o quarto para dormir. Está tão cansado que o garçon do Catete quer servi-lo e ele recusa: "Não, vou dormir..." E se deita. Quando se deita, entra o Benjamin Vargas e diz: "Oh, Getúlio, eu fui chamado pra depor no Galeão". No Galeão estava instalada a comissão de inquérito que investigava o atentado da rua Toneleiros, onde tentaram matar o Carlos Lacerda e acabaram matando o major Vaz. Getúlio levanta e trava-se o seguinte diálogo entre os dois:

— Você não vai depor, Benjamin!  
— Por que Getúlio?  
— Porque eu não quero!  
— Mas, Getúlio, você também vai ser chamado a depor no Galeão..  
— Mas eu sou o presidente da República!

— Não, Getúlio, você não é mais presidente. Eu acabo de receber um telefonema do Âncora, dizendo que você está, de fato, deposto. Há um manifesto dos generais, você não vai voltar.

Naquela noite, depois da reunião, Getúlio saiu pensando que os generais tinham concordado em que ele se afastas-





**“Minha convicção é de que a carta testamentária foi escrita por José Maciel Júnior, um jornalista que era amigo de Vargas e interpretava de modo muito fiel o seu pensamento”.**

se temporariamente do governo enquanto se apuravam os fatos, as suspeitas de que o atentado teria como mandante o próprio Getúlio. Então, ao ouvir as últimas palavras do irmão, ele diz: “Vá chamar o Caiado de Castro” (chefe da casa militar). Benjamin sai do quarto para chamar o general e Getúlio sai logo atrás. No corredor, passa por alguns familiares, inclusive Alzira Vargas, que estranham o fato de ele estar de pijama. Getúlio não era homem de sair do quarto de pijama. Ele sai; vai ao gabinete e volta com a mão no bolso. Daí alguns pensam que ele tinha ido apanhar o revólver. Mas não parece incrível que um homem habituado à luta, um antigo guerrilheiro, não tivesse o revólver na mesa de cabeceira? Ele foi buscar exatamente as cópias do documento. Assina e deixa uma assinada em cima da mesa de cabeceira. Quando Bejo Vargas e Caiado de Castro chegam ao corredor, ouvem o estampido...

**COOJORNAL** — Quando entraram no quarto ele já estava morto?

**HÉLIO SILVA** — Não, estava morrendo. Ainda olhou para a filha Alzira que entrou atrás, mas já não conseguiu falar mais nada, o sangue jorrava-lhe do peito.

**COOJORNAL** — O senhor diria que o suicídio, então, foi uma decisão repentina, coisa de momento?

**HÉLIO SILVA** — Foi, foi uma decisão do momento. Como surgiu essa idéia? Minha impressão é a seguinte: em primeiro lugar, o Getúlio estava naturalmente velho, estava com 71 anos. Eu tive com o médico dele, o doutor Miguez, meu amigo e colega que depôs para mim. As condições físicas do Getúlio, para a idade, eram muito boas. Evidentemente haveria um processo de arteriosclerose, mas discreto, e o Getúlio estava em plena vitalidade, inclusive vitalidade sexual. Mas era um homem vivo, já havia provado de tudo na vida, de modo que tinha evidentemente um certo desencanto dos homens. Naquele momento ele se sentiu isolado, deve ter pensado se valeria a pena recomeçar o que havia feito dez anos antes, não é? Quer dizer, ele ser deposto, ir para o exílio e talvez voltar, não interessava mais a ele. Achou então que aquilo era uma coisa decisiva, que precisava marcar da maneira mais profunda possível e que só tinha uma coisa para dar: sua vida em protesto. Então o suicídio de Getúlio Vargas não é um ato de covardia, de fuga a uma situação. É a maneira de vencer esta situação com um protesto violento.

**COOJORNAL** — A carta-testamento foi escrita com quantos dias de antecedência?

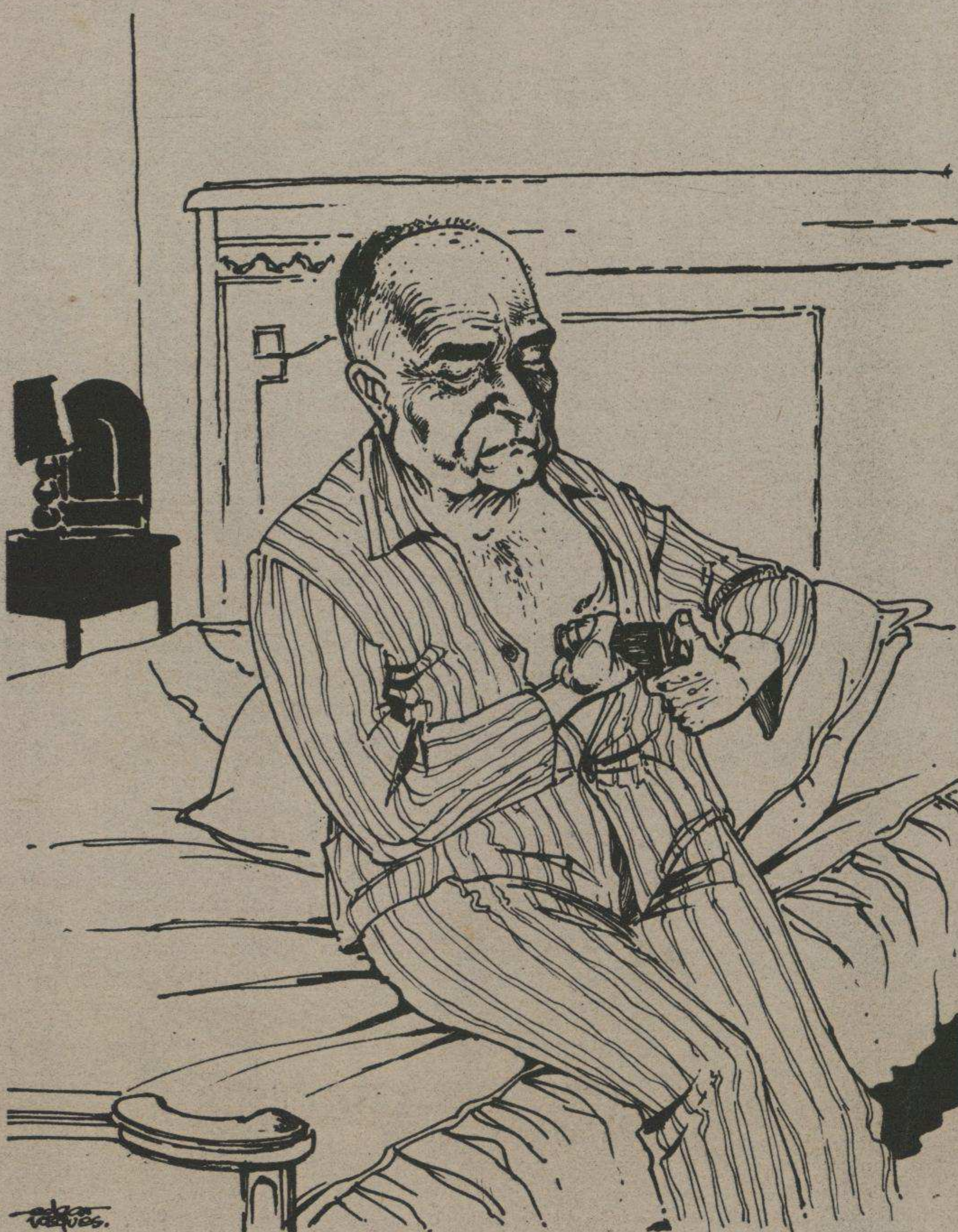
**HÉLIO SILVA** — Não há muitos dias. Ela foi escrita alguns dias antes...

**COOJORNAL** — Não dá para precisar?

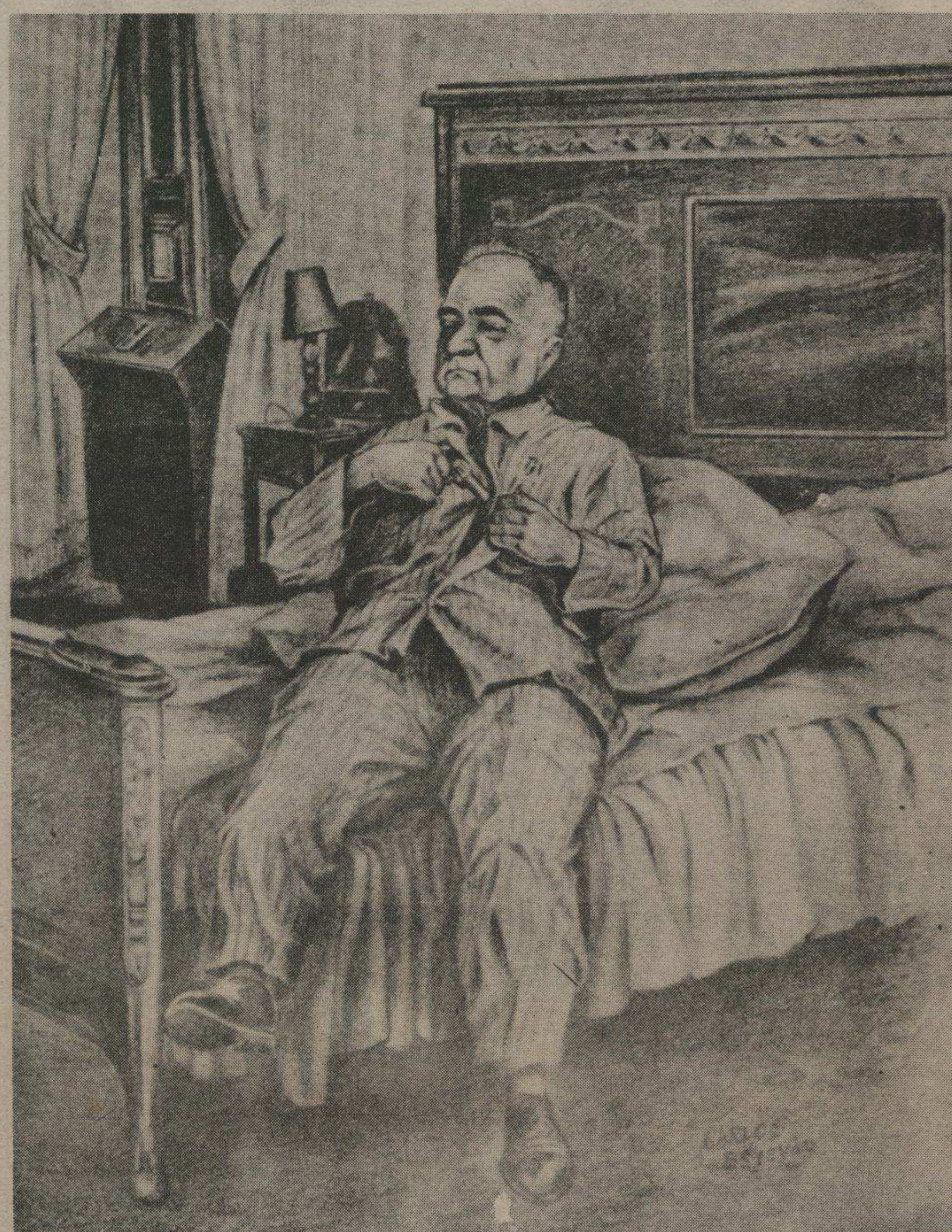
**HÉLIO SILVA** — Uns três dias... não sei, esse dado não tive como obter com exatidão. As duas pessoas que poderiam saber isso, uma estava morta, que era o Getúlio. A outra, quem executou a carta, o Maciel, nunca falou. A própria Alzira Vargas soube disso depois. O Ernani Amaral Peixoto teve conhecimento da carta depois também. Jango recebeu antes mas não sabia o que era... Houve uma idéia de que essa carta teria sido preparada, seria parte daquele discurso que ele fez na inauguração das usinas Manesmann. Não, deve ser posterior. É daquele momento, daqueles últimos dias, depois do dia 20 talvez. Eu tentei descobrir quem tinha datilografado a carta, andei atrás de um datilógrafo que trabalhava para o Maciel e que tinha um apelido curioso, Brucutu. Mas não achei.

**COOJORNAL** — Como Vargas foi levado a essa situação de desespero? Até que ponto ele foi culpado?

**HÉLIO SILVA** — Vargas era um carismático. Quando ele aceita a volta ao Catete em 1950, ele vem com a idéia iluminada do homem que tem uma missão a cumprir, que volta nos braços do povo. Ele já se desiludira do poder apoiado na força armada, ele achava que tinha que corresponder ao apelo do povo e realizar realmente uma obra nacionalista. De modo que ele inaugura o populismo nacionalista no Brasil e na América, é o primeiro líder desse tipo. Nessa ocasião ele é combatido da maneira mais violenta, o seu governo teve uma oposição violentíssima, que usava de todos os métodos, não respeitava nada. A UDN era implacável. Nessa circunstância surge



A cena do tiro, desenhada a partir da descrição de Hélio Silva...



... um pouco diferente da reconstrução feita por O Cruzeiro em 1954.

um episódio policial, o crime da rua Toneleiros, evidentemente uma coisa condenável sob todos os aspectos, mas que é resultado das circunstâncias. Aliás, circunstâncias que têm ligação com o início do terrorismo político no Brasil, inaugurado em 1938, quando os integralistas tentaram o seu golpe frustrado. Os integralistas não me perdoam porque eu afirmo que eles inauguraram o terrorismo no Brasil.

## UM CAPATAZ COM AMANTES LOURAS

**COOJORNAL** — Mas qual a ligação entre o crime da Toneleiros e a tentativa de golpe em 38?

**HÉLIO SILVA** — Nessa ocasião, o Getúlio se viu desamparado. A própria guarda palaciana, formada de fuzileiros navais, ficou inativa diante da tentativa de assalto ao Palácio. Pois o comandante da guarda era um dos chefes da insurreição. Houve uma inexplicável demora em buscar socorro... O chefe da Casa Militar estava no Catete com uma guarda e não se deslocou em socorro dele... Quando acabou aquilo, quando Getúlio descobriu que a conspiração tinha ligações dentro do governo, sentiu a necessidade de uma guarda pessoal, que nunca tinha tido. O Benjamin Vargas então trouxe para essa guarda elementos de confiança, homens daqui do Rio Grande que evidentemente não eram anjos...

**COOJORNAL** — Gregório Fortunato e companhia...

**HÉLIO SILVA** — Exato. Eram homens habituados à luta, capazes de tudo, chefiados pelo Gregório que era de inteira confiança do Bejo Vargas. Mas Gregório chega naquele meio e é de tal maneira adulado, bafejado, que se perde totalmente. Este homem que era aqui um capataz

de estância, passa a fazer as unhas toda a semana, a ter amantes louras, ter dinheiro à disposição, todo o mundo a propor negócios. Porque ele tinha acesso ao presidente. O escândalo da rua Toneleiros demonstrou que ele havia se tornado uma eminência parda. Mas o Getúlio ignorava esses detalhes. E tanto ignorava que no momento em que soube entregou Gregório imediatamente às autoridades. E nem quis recebê-lo.

**COOJORNAL** — Getúlio não teve nenhuma participação no episódio da rua Toneleiros?

**HÉLIO SILVA** — Nenhuma participação. Ninguém da família Vargas tinha participação. O próprio Benjamin Vargas não soube do fato. Quando soube que estava envolvido, chamou o Gregório e a ele o Gregório confessou. O Gregório tinha por ele um respeito extraordinário... Mas fez aquilo sem ninguém mandar, insuflado por toda aquela coisa... num dado momento, ele já se supunha capaz de decisões. Indignou-se com o que o Lacerda escrevia contra o Getúlio e o governo e decidiu: “vou liquidar esse camarada”, naturalmente como tinha liquidado muitas vezes os adversários... como tinha mandado dar uma surra num secretário do chefe de polícia por razões pessoais ainda no tempo do Estado Novo. Isso era um negócio que acontecia naqueles dias. E é por isso que esses governos fortes são perigosos, esses homens todo-poderosos, porque se eles pessoalmente não fazem a coisa, em nome deles são praticados abusos. Esse é o perigo.

**COOJORNAL** — Mas o inquérito que apuro o fato concluiu que...

**HÉLIO SILVA** — Olha, esse inquérito, chamado Inquérito do Galeão, eu tenho muita documentação mostrando o que foi o Inquérito do Galeão. Por enquanto não posso adiantar nada, mas posso dizer que quando sair esse meu livro vai haver muita surpresa. Isso eu posso garantir para

vocês: vai haver muita surpresa.

**COOJORNAL** — Surpresa em que sentido?

**HÉLIO SILVA** — Em todos os sentidos. A maneira como aquilo foi conduzido. Foi uma manobra conduzida politicamente. Quiseram transformar, de qualquer maneira, a crise policial em caso político envolvendo a família Vargas no atentado. O objetivo era depor o Getúlio. Queriam depor novamente como depuseram em 45, em circunstâncias semelhantes. E Getúlio, quando soube que havia acusação contra ele, fez uma coisa temerária, que só um homem realmente certo da sua inocência faria: franqueou, admitiu uma justiça de exceção. Achou que era muito natural que a Aeronáutica quisesse vingar o seu companheiro morto (major Vaz) e abriu os portões do Palácio Guanabara. Então houve naqueles dias um superpoder. Eles alegravam que a justiça comum não apuraria nada, quer dizer, levaram o estado de suspeição a toda a administração pública. Instalou-se no Galeão — chamava-se “República do Galeão” — aquela superpotência... Vocês já ouviram falar no Codi? Pois bem, era um negócio mais ou menos dessa ordem, onde ninguém podia mexer.

**COOJORNAL** — Mas o Getúlio não procurou se defender?

**HÉLIO SILVA** — O Getúlio foi surpreendido por aquele embuste, o negócio do Gregório... entregou o Gregório, quer dizer, entregou o Gregório para obrigarem Gregório a incriminá-lo, pois eles não queriam o Gregório. Explode aquela crise que os adversários do Getúlio queriam e conseguem, surge então o manifesto dos generais... Ele poderia, dias antes, ter organizado uma resistência, ele tinha elementos para isso. Não mais àquela hora, era tarde...

**COOJORNAL** — Nesse seu livro a sair, que fatores o senhor aponta como principais causadores de toda a reação que se armou contra o governo de Vargas?



HÉLIO SILVA — Bem, não dá para resumir assim... O livro começa na volta de Vargas, em 49. Então a primeira parte é o fim do governo Dutra, acompanha a agitação das candidaturas presidenciais... Getúlio não quer ser candidato, mas depois aceita... depois tem aquela parte da contestação de quererem impugnar a candidatura dele... depois o governo dele... depois vem uma série de episódios que são os fatores sócio-econômicos, influências, pressões. Aí vêm os problemas do petróleo, Petrobrás, Eletrobrás, remessas de lucros, toda essa coisa que é muito perigosa. E finalmente o crime da Toneleiros e o desfecho todo.

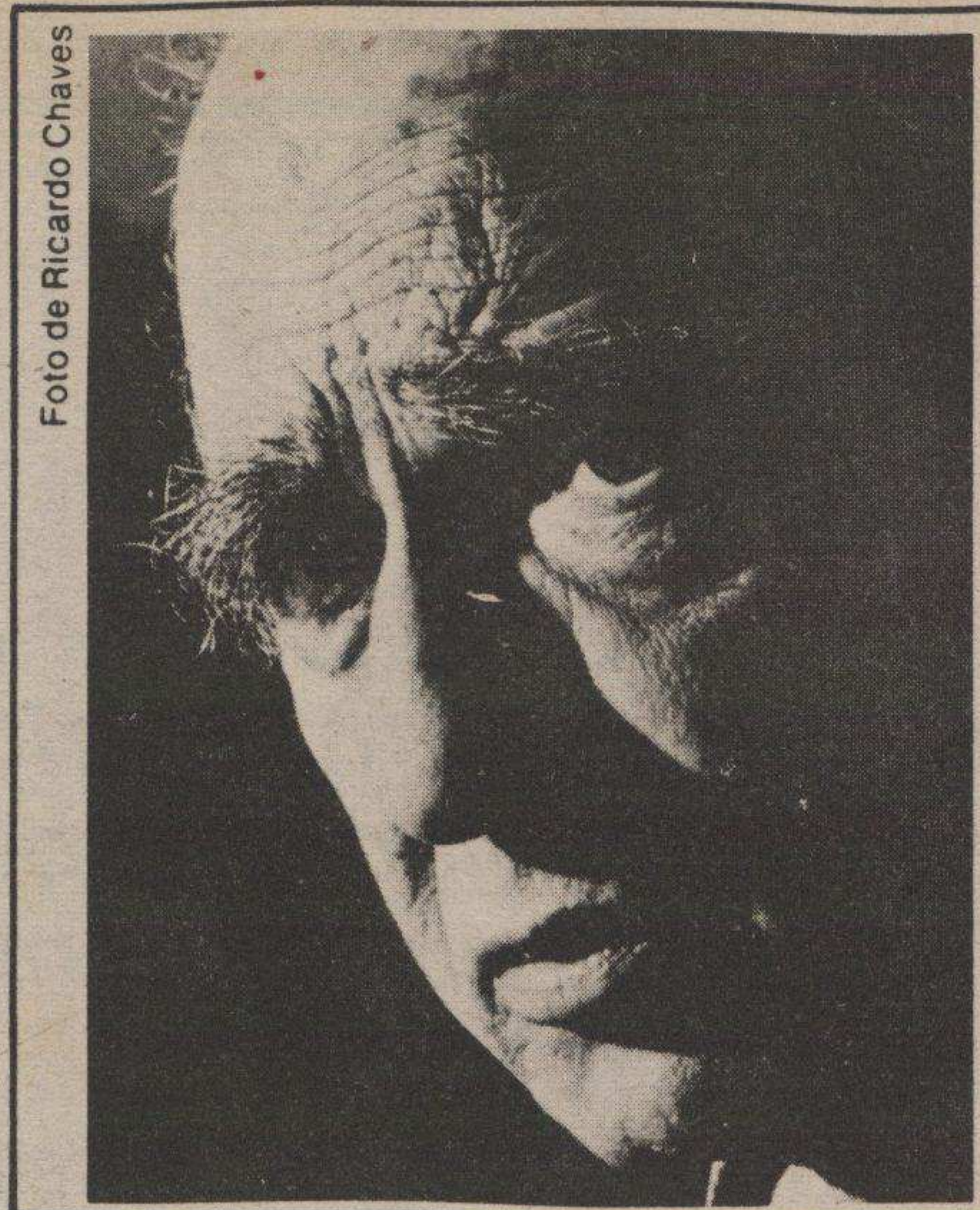


Foto de Ricardo Chaves

**“O inquérito do Galeão foi uma manobra conduzida politicamente. Transformaram uma crise policial num caso político para envolver a família Vargas. Quando meu livro sair vai haver muita surpresa sobre isso”.**

## UMA CÓPIA DO PLANO COHEN

COOJORNAL — Como o senhor explica a transformação do Getúlio, do ditador de 37 ao líder populista de 50?

HÉLIO SILVA — O Getúlio evoluiu. O Getúlio aqui no Rio Grande do Sul, advogado provinciano, deputado estadual, líder da Assembléia de Borges de Medeiros, era um homem. Eu o conheci deputado federal quando ele chegou no Rio de Janeiro, era um deputado disciplinado dentro da bancada do seu partido. Embora líder da bancada — “Cuidado, qualquer coisa tem que falar com o doutor Borges” — mantinha-se rígido dentro da disciplina partidária. Quando foi ministro da Fazenda do Washington Luis, que era um homem autoritário, ele era um secretário do Washington Luis. Quando veio ser governador, aliás, presidente do Estado aqui, veio ligado ao chefe do Partido, ainda respeitava o Borges. Eu acho que a primeira vez que o Getúlio tem a sensação que era um líder foi quando ele chegou em São Paulo, no dia 2 de janeiro de 1930 e é recebido pelo povo. Aí nasceu a frase “nós queremos”, uma manifestação espontânea, porque ele tinha abordado a questão trabalhista. Ele sente que tinha ressonância no povo, entendeu? Eu acho que a partir deste momento ele resolve fazer a revolução de qualquer maneira.

COOJORNAL — E ele tinha uma grande sensibilidade...

HÉLIO SILVA — O Getúlio era um gênio político. Ele implanta o Estado Novo como forma de permanecer no poder e então, em dado momento, ele compreende que estava na hora de acabar com o Estado Novo. Mas ele quer acabar com o Estado Novo ficando no poder. Tenta primeiro a candidatura dele, não pode. Depois vê que a situação muda com a anistia e tudo mais e tenta de novo, então é deposto porque desconheceu o poder da reação. Naquele momento, em 45, ao contrário do que ficou estabelecido, a versão que muita gente tem de que a reação a Getúlio era uma campanha liberal, Getúlio era ditador, e tal... na verdade Getúlio é que era a força renovadora, Getúlio é que era o populismo, ele trazia a anistia, a coexistência com a corrente comunista que acabaria integrada e, conseqüentemente, limitada dentro do sistema político. Ele compreendeu tudo. Ele tinha mantido o partido comunista na ilegalidade, mas viu que aquilo era um erro. E do outro lado o que você vê? Vê a formação de partidos, vê a UND em sua formação. A UDN já nasce para o golpe. Antes de se formar já escolhe um candidato que seja o chefe de uma possível revolução, de um golpe, que é o brigadeiro Eduardo Gomes.

COOJORNAL — Alguns analistas têm feito comparações entre alguns momentos do Estado Novo e o movimento de 64...

HELIO SILVA — O que acontece é que tais movimentos são fases distintas de um mesmo processo de renovação de sociedade, que esbarra na resistência do Estado. Quando há a resistência de uma sociedade organizada na defesa de seus direitos e, sobretudo, de seus privilégios, essa sociedade tem sempre a força armada do seu lado. O papel do Exército nunca é um papel verdadeiramente revolucionário. Ele é uma força eminentemente conservadora, que intervém sempre para restabelecer a ordem ameaçada. É o que aconteceu aqui, em 35, quando nós ti-



Foto de Assis Hoffmann



Foto de Assis Hoffmann



Foto de Ricardo Chaves

Hélio Silva (ao lado) fala de Getúlio Vargas, contando o refúgio na fazenda Itu, em São Borja (em cima, à esquerda), onde recebeu comissões de políticos que lhe pediam para voltar (em cima, à direita). O relato do historiador chega aos fatos que culminaram com o seu suicídio em 1954 (embaixo).



Foto de Assis Hoffmann



vemos um surto socialista, que foi explorado desastrosamente pelos comunistas. Aí se instala no país esse aspecto da guerra fria, de combate ao comunismo. Então, em 1937, os generais, a alta cúpula do Exército, se reúne, examina a situação e acha que nós estamos ameaçados por uma revolução comunista e que, em face disso, tem que agir "com o Governo ou contra o Governo". Mas qual era essa ameaça comunista? Era falsa. Depois de darem o golpe, eles confessaram que o Plano Cohen — onde estava planejada a tomada do Governo — era falso. Eu tenho todo o processo do Plano Cohen, que me foi dado pelo general Mourão Filho em minha casa. Mas a ditadura militar, a tutela militar, o domínio das Forças Armadas na política nacional, se implanta em caráter decisivo no dia 27 de setembro de 1937. Vargas, com aquele gênio político dele, percebe essa situação e então cria um ambiente de tal natureza que capitaliza o golpe para ele, e com isso resolve seu caso político, inclusive o caso do Rio Grande do Sul.

**COOJORNAL** — Como era esse caso do Rio Grande do Sul?

**HÉLIO SILVA** — Os dois pretextos para o golpe eram o Plano Cohen e uma nova revolução comunista, no Rio Grande do Sul. Esse movimento comunista também era falso. Foi o seguinte: o capitão Trefino Correia, que não tomou parte na fracassada revolução comunista de 35 mas estava envolvido, após ter sido preso fugiu para o Rio Grande, como vários outros oficiais que depois foram soltos. Era o único estado para onde poderiam vir, porque o Flores da Cunha estava brigando com o Getúlio e decidira fazer uma revolução. Mas não era revolução comunista. Era uma revolução pra tomar o poder, porque ele achava que o Getúlio estava querendo se perpetuar na Presidência. E realmente o Getúlio tinha essa preocupação política. Então, o Trefino Correia passou a receber aqui o soldo dele de capitão, estava organizando um corpo provisório que seria empregado nessa revolução, e freqüentava o Palácio Piratini. Acontece que o comandante da região era o Daltro Filho, que estava com ordem de vigiar os outros. E o chefe do Estado Maior chamava-se Osvaldo Cordeiro de Faria, homem de longa experiência de revoluções, que tinha um serviço de espionagem que contactava tudo o que fazia o Trefino, seu companheiro na Coluna Prestes. De modo que foi fácil ao Osvaldo pegar vários dados e, inclusive, conseguir que outro de seus antigos companheiros da Coluna convidasse o capitão Trefino para um encontro numa praça aqui em Porto Alegre, onde prendeu-o. Aí, vão à casa do Trefino e encontram correspondência dele com o Flores da Cunha e tiraram a seguinte conclusão: Trefino é comunista; ele se corresponde com Flores; Flores dá dinheiro — então Flores está subvencionando a revolução comunista. Eis o segundo pretexto para o golpe.

## NÃO HÁ BOA FINANÇA SEM BOA POLÍTICA

**COOJORNAL** — Mas, voltando à semelhança entre os dois últimos regimes de força, às questões que se colocam hoje são sobre a excessiva intromissão do Estado na economia, o desequilíbrio da balança comercial, remessa de lucros, falta de um certo respaldo político popular para o regime. Então se começa a especular em termos de normalização democrática. São questões que se colocaram também a uma determinada altura do Estado Novo.

**HÉLIO SILVA** — Eu nunca vi, na História do Mundo, um período desses de emergência, ou ditatorial, ou governo forte — o nome que quiseram — que tivesse resultado numa boa administração, numa fase de prosperidade para o país. Nesses regimes a situação econômica se ressentia, primeiro que tudo, da falta de debate. Nos últimos 10 anos, por exemplo, nós tivemos uma diretriz para cada um dos governos da Revolução. E ninguém vai pretender que cada um desses governos executou parte de um plano, economicamente. O primeiro governo da Revolução teve orientação



Maciel Jr., o autor da carta?

econômica de Roberto Campos e de Bulhões de Carvalho; o segundo, do Delfin Neto; Agora, veio o Simonsen. Cada um destes homens tem uma concepção econômica. Então, alguns deles, ou todos eles, estão errados. Se o Simonsen está certo, o Delfin estava errado. Se ambos estão errados, estaria certo o Roberto? E quem pagou por esses erros? Fomos nós. Pagamos sem apostar. Agora eu pergunto: isso era possível de se debater? A oposição se propõe a colaborar com o Governo, apresentando planos. Não era lícito esse debate? Como exemplo dos resultados de uma ditadura temos Portugal, que durante 50 anos alardeou que tinha um governo ideal, que era dirigido por um professor de economia, um homem severo. Quando desmoronou vimos o descalabro que tinha sido a administração de Portugal nesse período.

**COOJORNAL** — Alega-se que a maior autonomia administrativa não...

**HÉLIO SILVA** — Em primeiro lugar — este é um princípio velho, mas não caduco — não pode haver boa finança se não houver boa política. Não é a boa finança que promove a boa política, mas o contrário. O que acontece é que naturalmente num regime de força, embora aparentemente haja maior autonomia administrativa e pareça que é o terreno ideal para resolver os problemas, na verdade as soluções são sempre soluções impostas, ou seja soluções incompletas. A solução que não parte de um debate amplo pode não ser a melhor solução. Num regime de força, que se caracteriza exatamente pela ausência do debate, era preciso que os homens de decisão fossem não apenas os melhores, mas infalíveis. E não se pode admitir a infalibilidade de um ministro da Fazenda ou de qualquer outra autoridade. Então, se ele resolver um assunto sem ouvir todas as pessoas capazes de opinar a respeito, a solução dele pode não ser a melhor e, em

# FOCONTEXTO

FOTOGRAFIA

AUDIO VISUAL

RUA VASCO DA GAMA, 321 - FONE - 21 37 14 PALEGRE



A harmonia nasce do equilíbrio entre a arte e a técnica.  
FOCONTEXTO sabe dosar estes elementos. Quando a liberdade de expressão depende das máquinas, não conhecemos limites.  
FOCONTEXTO: o melhor ângulo da foto publicitária ou jornalística.



vez de resolver, ele agrava a situação. No Estado Novo, como agora, houve a mesma facilidade administrativa, especialmente verificavam que faltava uma vírgula, e o que faziam? Faziam outro decreto-lei. De modo que chegou no fim era um cipal. Havia milhares de decretos-leis. Resolvia-se tudo com decreto-lei, até casos matrimoniais. E para cada caso se fazia um. Tumultuou-se o processo e quando acabou o Estado Novo verificou-se essa situação caótica, uma situação que espero não se repita agora. O Estado Novo realmente, em certas coisas, se assemelha muito com o movimento de 64. Houve no Estado Novo ausência de partidos políticos; agora, houve um condicionamento da ação partidária, que até há pouco tempo foi tão insuficiente que depois da eleição de 72 o partido da oposição pensou em se autodissolver.

**COOJORNAL** — O senhor disse que houve um surto socialista no Brasil, dentro do processo de renovação da sociedade brasileira, que foi explorado desastrosamente pelos comunistas...

**HÉLIO SILVA** — Em 1935, há um movimento contra o Getúlio, congregando várias correntes políticas e envolvendo chefes militares. Mas, num dado momento, eles se separaram e deixaram os comunistas sozinhos. Não porque fossem comunistas, pela companhia; abandonaram a luta em si. E então os comunistas tentam o golpe sozinhos, o que foi um erro. Hoje eles confessam que foi um erro, não foi um ato aprovado pelo Comitê. Um representante do Comintern esteve aqui e disse que não era o momento de fazer a revolução. Prestes agiu inesperadamente e comprometeu irremediavelmente o movimento.

## REVOLUÇÃO COM HORA MARCADA

**COOJORNAL** — O senhor ouviu Prestes. Ele admitiu isso ao senhor?

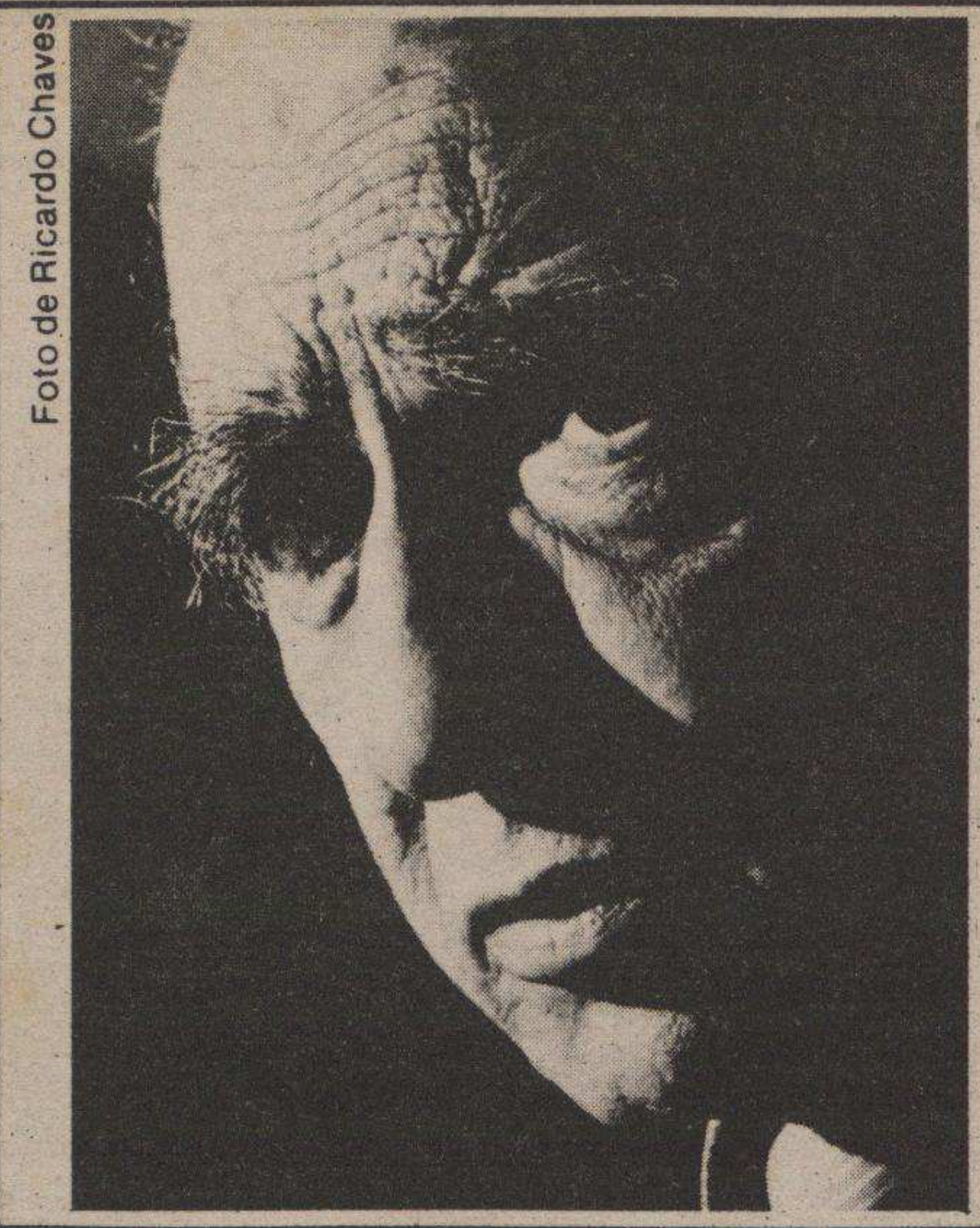


Foto de Ricardo Chaves

**HÉLIO SILVA** — Não nestes termos duros, mas admitiu que realmente não poderia ter feito aquilo. Eu conversei com ele e com todos os outros e sei perfeitamente de todas as circunstâncias. Houve uma reunião no Recife na qual apresentaram os preparativos ao representante do Comintern e ele perguntou, em castelhano (não falava português): "Y los campesinos?" Daí veio capitão Muniz Freire ao Sul, para saber, e voltou com uma contra-ordem. Mas já não adiantava mais nada. Ele chega ao Recife de madrugada, vai dormir, e no dia seguinte acordou com a notícia de que havia estourado a revolução em Natal. Então, eles acharam que se não estourassem a revolta também no Recife seriam todos presos sem fazer revolução. Foi uma imprudência, besteira (...) que só o Partido Comunista do Brasil fez — uma revolução precipitada que irrompe num lugar, quando é sufocada num segundo e num terceiro lugar... Com bilhete de Prestes marcando a hora, que foi parar nas mãos do Chefe de Polícia, Filinto Müller. Eles não podiam fazer nada mesmo, não havia estrutura para fazer uma revolução comunista no Brasil.

**COOJORNAL** — Professor, o senhor declarou recentemente à imprensa que as últimas eleições correspondem a uma nova proclamação da República. Por quê?

**HÉLIO SILVA** — Pode corresponder. Por-

**"Para ter as melhores soluções num regime de força, onde não há o debate, seria preciso que os homens de decisão fossem não apenas os melhores, mas fossem infalíveis, como Deus"**

que as eleições, o ato eleitoral, foi limpo. Votou em quem quis, como quis. A apuração se processou lisamente. No reconhecimento, acredito que não haja dúvida. O respeito dos pronunciamentos desses homens... Se esses homens investidos da responsabilidade do mandato forem respeitados em seus mandatos, forem respeitados, já é um princípio da imunidade parlamentar, que eu acho fundamental num regime democrático. E daí resulta que nós temos já o primeiro passo para um Congresso mais aberto, para modificarmos esses pontos principais, para estabelecermos a revogação do AI-5. Positivamente, com AI-5 não há democracia. O AI-5 é o Presidente da República dotado de poderes superiores ao do Papa. E o Papa é infalível em matéria de dogma. Há muitos Papas que nunca usaram dessa prerrogativa. Não há nenhum Papa que tenha usado isso mais de uma vez. Não preciso completar o pensamento, não é? Pois bem. Eu acho isso uma coisa anti-democrática e, evidentemente, não posso aceitar. Pelos menos o AI-5 comprova que nós estamos em situação anormal. Mas eu acho agora mais natural do que antes que tenhamos eleições em 78.

**COOJORNAL** — Diretas?

**HÉLIO SILVA** — Se houver isso, nós teremos em 78 um quadro democrático quase normal. Ou seja: alguns estados

governados pela oposição e outros, ou a maioria, governados pelo Governo. O que não altera coisa alguma. Eu não acho que o fato de ter um governador da oposição aqui, ou em São Paulo, ou no Rio, cause problema. Porque esses governadores não vão ser subversivos, esses homens vão se esforçar... Eu dou um exemplo: nós já tivemos a experiência de dois governadores da oposição, o do grande estado de Minas Gerais, Israel Pinheiro, e o da Guanabara, Negrão de Lima. Essas eleições estiveram a ponto de serem impugnadas, sob o pretexto de que eram oposição. E graças à previsão, à energia, à dignidade e ao descortino do Presidente Humberto Castelo Branco, esses governadores foram mantidos e isso não causou problema algum. Quer dizer, não há na história do MDB nenhum caso de um governador ter sido compelido a se afastar ou de ter sido processado depois. Depois então teremos eleições presidenciais que, ainda graças ao sistema do colégio eleitoral, assegurarão o predomínio da corrente que detém o poder.

**COOJORNAL** — O senhor acredita em alguma alteração no processo de escolha do Presidente?

**HÉLIO SILVA** — Poderia ser feita sem ouvir ninguém, como até aqui, ou escolhendo-se um nome, como se diz, de livre trânsito. Nós tivemos um exemplo aqui no Rio Grande do Sul, depois da revolução sangrenta de 23, depois da assinatura do Pacto de Pedras Altas — página da história gaúcha. Pois a candidatura do Getúlio, após o Pacto, não era uma candidatura de conciliação. Mas naquelas circunstâncias, o Partido Libertador, que havia lutado e impugnado a quinta candidatura de Borges de Medeiros, abre um crédito de confiança e não disputa a eleição, mas se mantém na oposição. Depois de eleito é que Vargas faz a frente única. Tivemos esse exemplo, portanto, poderia ser indicado um homem para a Presidência e que a oposição dissesse "nós não vamos contestar esse homem, não temos condições de eleger ninguém no colégio eleitoral". Ou mesmo apresentar um candidato, como apresentou Ulisses Guimarães. Só que os resultados dessa eleição teriam que ser respeitados. Nos Estados Unidos nós tivemos esse espetáculo. A oposição venceu e o atual Presidente conversa com os seus opositores, negocia todas as tramitações da mudança do Governo. Houve algum abalo social por causa disso? Agora, o Partido Democrata passará para a oposição e criticará o novo Governo, enquanto aguarda a sua vez de voltar ao poder. Essa que é uma situação verdadeiramente democrática.

**COOJORNAL** — O senhor vislumbra a possibilidade de um presidente civil?

**HÉLIO SILVA** — Bem, eu digo que a eleição do dia 15 é um fato auspicioso porque com a interrupção da vida política houve uma cessação total do processo de renovação de lideranças. Quando chegamos ao fim do Estado Novo, o que nós vimos? Vimos que não se tinham formado lideranças em todo esse período. Agora, por exemplo, de 64 para cá, eu acho impressionante, não está havendo renovação. Veja bem, eu disse que não há renovação, não que não há lideranças, pois aqui mesmo no Rio Grande do Sul vocês têm um governador que é, sem favor nenhum, um dos autênticos líderes de 64 para cá. É um homem com autoridade moral e autoridade política, um homem respeitado pelos seus adversários políticos, porque respeita seus adversários. E, olhe bem, esta opinião não resulta do que eu leio, eu conversei três horas com ele e fiquei com essa impressão.

**versus**

**ARTHUR ARÃO  
EM QUADRINHOS**  
por Edgar Vasques,  
no *Livrão do Versus*, janeiro.

**E mais: Guerra dos Palmares, por Jo Oliveira.  
Guimarães Rosa e Edgar A. Poe em quadrinhos.  
Luis Gê. Angeli. Edgar de Souza.  
Além de inéditos de Paulo Pontes.**

## Leia e assine Opinião

DESEJO FAZER UMA ASSINATURA DE OPINIÃO,

POR 1 ASSINATURA:

- SEMESTRAL  
 ANUAL

NO VALOR DE

- 175,00  
 350,00

ESTOU ANEXANDO

- VALE POSTAL  
 CHEQUE

NOME \_\_\_\_\_

ENDEREÇO: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

CIDADE: \_\_\_\_\_ ESTADO: \_\_\_\_\_



Levando um relatório que poderá ser divulgado a qualquer momento, o técnico do Instituto Nacional de Reforma Agrária (Incra), Décio Rangel, colocado como interventor na Cooperativa Triticola de Palmeira das Missões, viajou a Brasília no fim da primeira semana de janeiro. Em Porto Alegre a direção regional do Incra não quis comentar a intervenção na Copalma e um assessor admitiu que as informações sobre o relatório do interventor talvez só sejam divulgadas pelo Incra em Brasília.

Em Palmeira das Missões, o presidente destituído, tenente-coronel Tadeu Cerski, diz que houve influência política e econômica para afastar a direção da Copalma. "Determinados candidatos de Palmeira das Missões tinham certeza de que haveria intervenção na Cooperativa e chegaram até a discutir se seria mais conveniente que a intervenção fosse antes ou depois das eleições" (a intervenção foi decretada dia oito de novembro), conta Tadeu Cerski.

O tenente-coronel diz que sabia das manobras em andamento para envolver sua administração porque já havia sido interpelado pelo então coordenador regional do Incra, Frederico Dürr, pelo diretor da Carteira de Comercialização do Trigo do Banco do Brasil, Umberto Garófalo, e pelo presidente da Federação das Cooperativas de Trigo, Ari Dalmolin. Todos queriam saber se a direção da Copalma estava favorecendo os candidatos do MDB. Tadeu Cerski entrou na Copalma como interventor, em 1971. Depois foi eleito e reeleito para dirigir a Cooperativa, que tinha 1.800 associados em 1971 e chegou a quatro mil sócios no fim do ano passado. A defesa da sua administração o tenente-coronel Tadeu Cerski procurou fazer nesta entrevista ao repórter Euclides Torres, do Coojornal:

—O comportamento da direção era apolítico, conforme os associados podem comprovar através dos alertas feitos em assembléias, reuniões com associados, ocasiões em que a direção apelava para que ninguém fizesse política dentro da Cooperativa. Mas nesse tempo o vice-governador Amaral de Souza já pressionava o Incra, a Carteira de Comercialização do Trigo do Banco do Brasil e a Fecotrigo. Por causa disso, a direção da Copalma reuniu os conselhos Fiscal e de Administração, verificando, então, que dos 14 dirigentes 13 eram da Arena. Por iniciativa dos conselheiros foi escrita uma carta ao presidente regional da Arena, em 24 de agosto, afirmando que nenhum dos componentes da diretoria pode ser acusado de favorecer a Oposição e que as insistentes denúncias de José Amaral de Souza (vice-governador) e de Fernando Gonçalves (deputado federal da Arena) são mentirosas e procedem de elementos contrários ao sistema cooperativista, movidos por interesses escusos".

E o tenente-coronel Tadeu Cerski supõe também que houve interferência de políticos junto à direção de bancos em Brasília. Para fundamentar as desconfiâncias, deu estes exemplos:

—A Copalma tinha liquidado um financiamento pelo Prodesar e adquirido um graneleiro de uma firma particular, baseada na promessa de financiamento de três bancos. Optou pelo Banco Nacional de Crédito Cooperativo, por ser vinculado às cooperativas. O estudo de viabilidade foi aprovado pelos economistas da Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul com parecer favorável. Até a intervenção, o

## Presidente afastado culpa os políticos

O tenente-coronel Tadeu Cerski foi afastado da direção da Cooperativa de Palmeira das Missões sete dias antes do 15 de novembro



Cerski: muitas interferências

### O crescimento da cooperativa

Na mesma carta da direção da Copalma, endereçada ao diretório da Arena existe um gráfico que mostra o crescimento da Cooperativa, entre 1971/76:

Capacidade:	1971	1976
Recebimento	60 ton/h	360 ton/h
Armazenamento	20 KW	120 KW
Armazenagem	40.000 ton	141.000 ton
Recebimento de soja	17.000 ton	72.000 ton
Exportação de soja	1.200 ton	50.000 ton
Número de associados	1.800	4.000

BNCC não tinha dado nenhuma satisfação.

—A interferência de políticos, prejudicando a administração da Cooperativa, também foi percebida quando a direção solicitou a transferência de comodato de uma partida de soja que estava no graneleiro de Campo Santo, distrito de Coronel Bicaco. A Cooperativa queria trocar o local do comodato para Palmeira das Missões porque o graneleiro de Campo Santo tinha que receber trigo. Dois funcionários do BNCC foram à Copalma informando que não haveria problemas, instruindo a direção como proceder para efetuar esta transferência. Fizemos o recomendado e dado à proximidade da safra de trigo transportamos o produto. Isto foi no dia 15 de setembro. Para nossa surpresa, alguns dias depois, os mesmos funcionários do BNCC se apresentaram na Cooperativa com um ofício, exigindo a liquidação em 24 horas. E a Cooperativa teve que pagar, em 24 horas, Cr\$ 2 milhões ao BNCC, quando o vencimento era para 23 de dezembro".

O presidente afastado relembra como encontrou a Cooperativa quando assumiu, há cinco anos:

—Eram 1.800 associados, mas a maioria não operava com a Cooperativa porque tinha perdido a confiança. Meu primeiro trabalho foi reconquistar a confiança do associado. Em pouco tempo, quase dobramos o número de sócios. Fizemos questionários e foram os associados que apontaram quais as principais deficiências da Copalma. Eles apontavam a baixa capacidade de recebimento que forçava os produtores a ficar horas em filas. Queixavam-se da falta de assistência técnica ao pequeno produtor e pediam um laboratório de análises de sementes, queriam a ampliação da capacidade de secagem. Implantamos o verdadeiro cooperativismo, onde tanto o grande como o pequeno produtor tinham o mesmo direito. Incorporamos a cooperativa de Erval Seco, que estava em situação difícil, atendendo pedidos do Incra e do BNCC.

—Reconquistada a confiança dos associados, a cada nova reunião mensal recebíamos aproximadamente 50 associados. Formamos estoques de peças e de fertilizantes, assegurando bons preços destes produtos aos agricultores e em 1972 começamos a comercializar. Antes os produtores eram explorados. Entregavam suas safras por preços baixos, mas como a Cooperativa começava a suprir os associados, satisfazendo suas necessidades básicas de consumo, eles começaram a ter mais tempo para comercializar suas safras depositadas na Cooperativa, esperando preços melhores. A Cooperativa começou a receber cerca de 12 mil toneladas de soja, de safra a safra.

—Sempre houve uma campanha contra a Cooperativa. Em 1973, o graneleiro em Campo Santo recebeu 25 mil toneladas de soja e em 75 recebeu 48 mil toneladas. A Cooperativa comprou da Cirel S.A. um graneleiro de 12 mil toneladas, só para receber milho e feijão de pequenos produtores. Os interessados são os intermediários, mas é preocupação da nossa diretoria deposta, levantar esta intervenção antes da safra de soja, em março. Se esta situação durar até a colheita de soja, a Cooperativa será muito prejudicada, porque os produtores, desconfiados, vão procurar entregar seus produtos na Companhia Estadual de Silos e Armazéns, e em outras cooperativas da região. E é exatamente isto que os concorrentes querem.

Tudo que está no ar, está na Continental.

Nos **1120**, rádio à moda da casa.



## Um poeta ensina a comprar

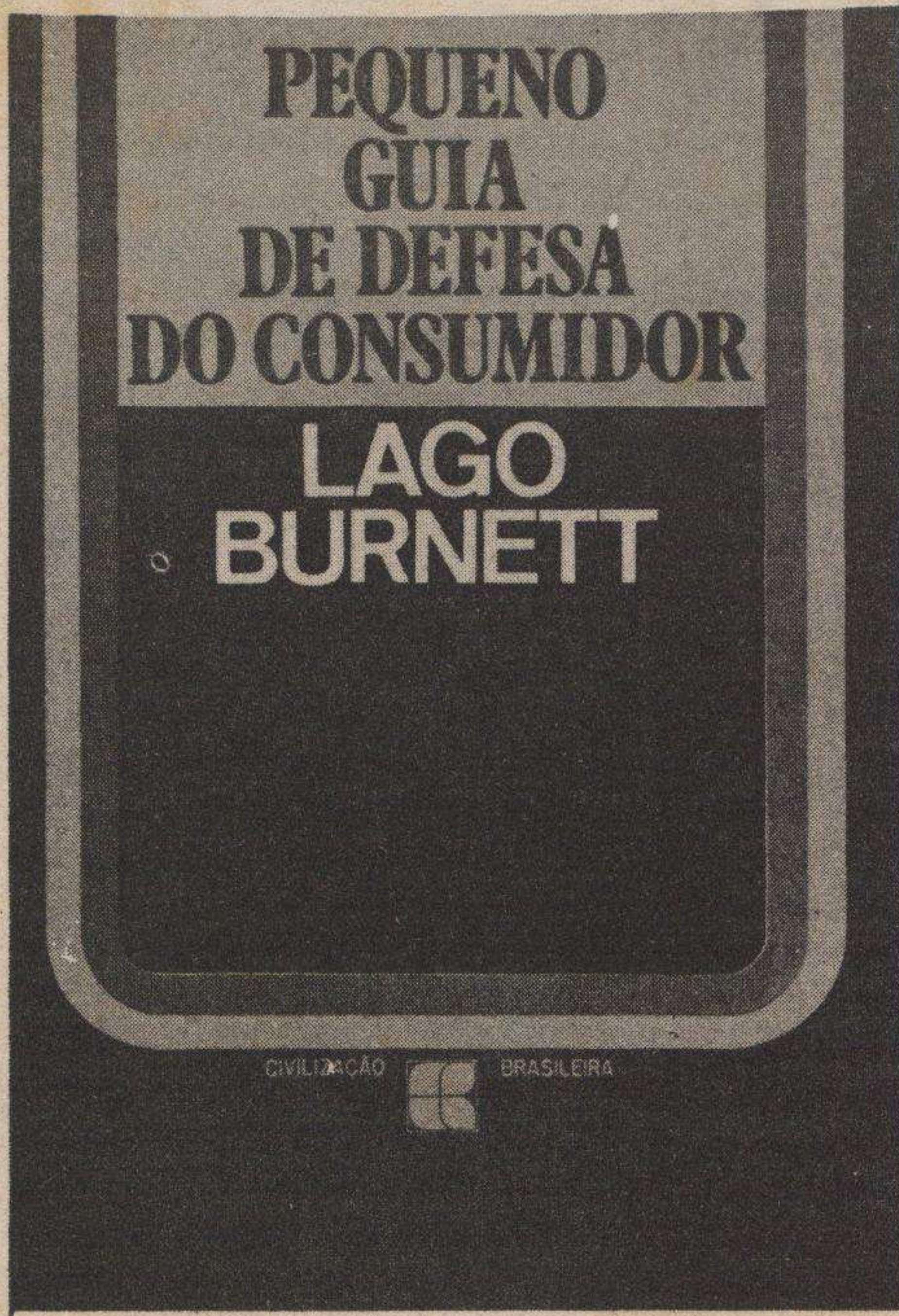
Talvez não seja o primeiro livro sobre defesa do consumidor, mas é certamente o mais divertido. Pode não conter grandes novidades para quem acompanha o noticiário (principalmente o policial) da grande imprensa. Pode até ser desesperador — como se de repente o leitor enxergasse a lista completa dos seus pecados sabendo que nem com muita penitência se salva do inferno.

A quase 5 dólares o exemplar, capa nem dura nem mole, nem feia nem inspirada, este livro é um achado: Pequeno Guia de Defesa do Consumidor, de Lago Burnett, Civilização Brasileira. Mais que um achado, é uma série de achados que só mesmo um poeta maranhense, jornalista e paciente espectador conseguiu transformar em 32 capítulos da mais bela ironia.

A introdução tem um parágrafo (pág 2/3) assim: "Apesar da incipiência do nosso processo de industrialização e da precariedade de nosso poder aquisitivo, não há como fugir à evidência de que somos uma sociedade de consumo. Basta ver o exagerado consumo de papel — seja com ações, pelos que podem especular na Bolsa, seja com volantes da Loteria Esportiva ou gasparinos do jogo do bicho pelas camadas isentas do Imposto de Renda e da melhoria da qualidade de vida — para nos situarmos em pleno estágio de consumismo".

### TRASEIRO DE BEBÊ

Ainda na introdução constata-se que, neste consumerismo, uns pagam mais caro que os outros: os ricos têm descontos à vista, os pobres pagam prestações sob a "vigilância vexatória dos implacáveis Serviços de Proteção ao Crédito". Isto não é novidade, assim como não deve ser para gaúchos um parágrafo da página 8: "No Rio Grande do Sul, desde maio de 1975 es-



O guia do consumo

tá funcionando a Associação de Proteção ao consumidor, contra a qual entretanto pesa a suspeita de ter merecido da Sunab o compromisso público de financiá-la".

Para encerrar a introdução, do livro e deste artigo, vem o trecho de um artigo de Alain Jaubert e Alain Hervé publicado em Le Nouvel Observateur: "E a arma do consumidor, não será outra senão o boicote aos produtos inúteis. Porque podem-se criar filhos normais sem o pó X. Pode-se ser mulher sem o vaporizador X. Pode-se ser homem lavando os pés com um sabão ordinário. Pode-se beijar e fazer filhos sem estojos de emergência. E é completamente inútil aplicar talco no traseiro de bebês".

Então o livro começa. São 32 capítulos que vão do nascimento à morte, com todos os crediários que povoam o intervalo. Aqui vão alguns trechos. Se a escolha não tiver sido indigna do livro, espera-se que qualquer pessoa que tem 50 cruzeiros no bolso (melhor dizer 100) e não sabe o que fazer, saia correndo e compre o Pequeno Guia de Defesa do Consumidor antes de fazer qualquer besteira.

### ABACAXI MEXICANO

Nota de pé de página no Capítulo 2, A fome de todo mundo: "Para o perfeccionista Population Reference Bureau, de Washington, a Terra atingiu a 4 bilhões de habitantes exatamente no dia 28 de março de 1976. A população mundial cresce na base de 195 mil habitantes por dia. Em cada grupo de três pessoas, uma tem menos de 15 anos de idade".

No mesmo capítulo, página 17, o caso do abacaxi mexicano: "Nós produzimos o abacaxi e dele tiramos apenas o suco. Depois importamos a bromalina dos ingleses. A bromalina é uma proteína extraída do bagaço do abacaxi, que os ingleses não produzem. Mas compram o nosso bagaço a preço de banana, industrializam e nos devolvem a preços extorsivos".

Empregados, subempregados ou desempregados — conscientes ou não de que estão pagando o que nem os ricos pagam — todo mundo faz crediário. Página 48: "Em Porto Alegre, até 31 de novembro de 1975, apenas 7,65% das consultas (ao Serviço de Proteção ao Crédito) tiveram respostas negativas. Até aquela data, os pedidos de crédito somavam 2.403.836, de acordo com o secretário do SPC gaúcho, Adelmo Gubert".

Então aparecem as consequências — e os possíveis meios de contorná-las. Atenção para as balanças viciadas (página 87),

para as armadilhas dos supermercados (página 88), para os produtos que se deteriorariam ("O peixe fresco é assim: pele e olhos brilhantes, guelras vermelhas, escamas aderidas, cheiro característico e polpa firme resistindo à pressão dos dedos", página 94). Na página 95, três recomendações para não passar vexame na feira.

### VIA CRUCIS

Passando por alto capítulos sobre falta de fiscalização, comércio lojista, eletrodomésticos, camelôs, embalagens, obsolescência programada, e outros, chega-se ao tema propaganda, normalmente o bode expiatório do sistema. Da página 135: "... apenas 1.500 das 40 mil indústrias do país são anunciantes sistemáticos"; em compensação o Mobral gastou Cr\$ 870 mil com publicidade.

Para negociar carros usados, melhor seguir as indicações de Carlos Moraes, publicadas pela Revista Realidade e reproduzidas nas páginas 164-165. Quanto às oficinas, cada um tem sua própria experiência de vida, mas o capítulo 25 reconta aquele via-crucis clássica publicada pelo extinto JÁ (Jornal de Amenidades), para refrescar a memória.

Enfim, o livro vai até a página 225 e não deixa nada de fora: medicamentos, indústria farmacêutica, serviços médicos, serviços essenciais, segurança particular, teatro e cinema, impostos e taxas, alugueis, imóveis, imprensa, administradoras, tudo. Difícil dizer se o que vale mais é o que está dito, se a forma como está dita, ou se devemos dar graças a Deus porque afinal nem todos países têm poetas para defender o consumidor. Tomara que isso não queira dizer que aos poetas nacionais nada mais resta senão tecer a epopéia da classe-média atraçoada.

Mário P. Salles

**Quem faz e quem lê o COOJORNAL tem um interesse em comum: a verdade.**

Quem faz o COOJORNAL é uma equipe da Cooperativa dos Jornalistas de Porto Alegre.

Quem lê o COOJORNAL são pessoas críticas e exigentes. Que buscam no nosso jornalismo o meio melhor de acompanhar os fatos do nosso tempo.

Para essas pessoas é que nós fazemos o COOJORNAL. Com a responsabilidade de quem sabe que fazer jornal é fazer leitores.

Sempre tendo coisas importantes em comum com eles. Como a verdade.

Preenchendo o cupom ao lado, você preenche a sua necessidade mensal de informação selecionada e tratada como você merece.

**cooJORNAL**

**CUPOM DE ASSINATURA**

Nome: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_ Telefone: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_

Forma de pagamento:

Cheque em nome da COOJORNAL

Banco: \_\_\_\_\_ Valor: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Ordem de pagto. nº: \_\_\_\_\_ Valor: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

Banco: \_\_\_\_\_

Vale postal nº: \_\_\_\_\_ Valor: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

ASSINATURA POR 12 EDIÇÕES: Cr\$ 60,00

Rua Comendador Coruja, 372 Fones: Redação — 24.0951 — Administração e Comercial — 21.8984  
Porto Alegre — RS — Brasil



Ronaldo vê o Ano Novo



LIVRÃO DE QUADRINHOS DO VERSUS

No mês de janeiro, a Editora Versus volta aos quadrinhos. Depois de nossa primeira experiência no ramo, em agosto do ano passado, a HQ, para nós, se definiu como um campo editorial, uma paixão e um combate.

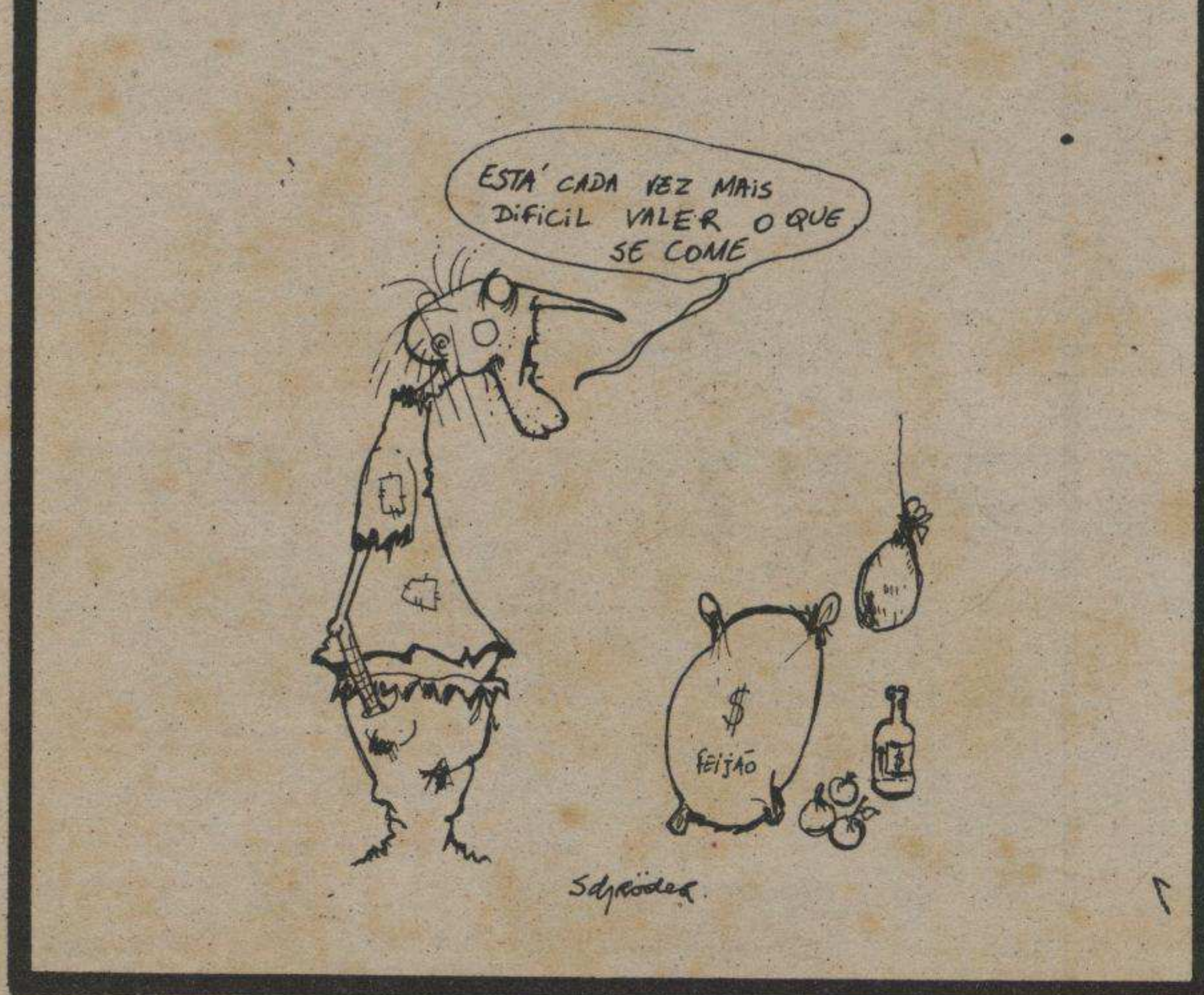
Se há um setor da indústria cultural inteiramente controlado pelas multinacionais é o das histórias em quadrinhos. As conseqüências deste fato já foram bastante analisadas pelos "teóricos". Tratava-se de fazer algo mais difícil do que a teorização e a crítica das palavras. Tratava-se de criar uma alternativa à HQ domesticada, colonialista e deformante.

Assim construímos o Versus Quadrinhos. Assim projetamos nosso primeiro livro. Jo Oliveira comparece com uma versão da Guerra dos Palmares. Edgar Vasques quadriniza um episódio da vida do gaúcho Arthur Arão. Angeli descreve as peripécias da massa corintiana. Luis Gê faz um verdadeiro passeio pelo mundo dos quadrinhos, numa louca sátira. Edgar de Souza interpreta Guimarães Rosa. E Rubem Matuck desenha uma história de Edgar Allan Poe.

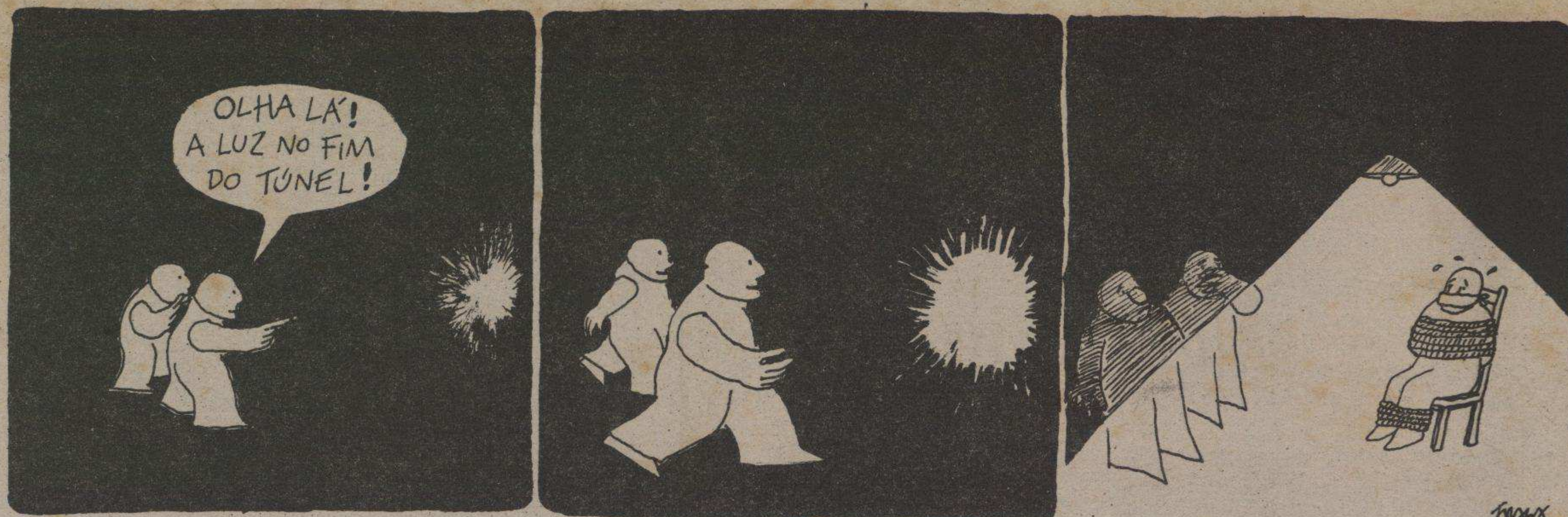
A edição é completada com um texto inédito de Paulo Pontes, fragmento de sua versão teatral do "Senhor Presidente" de Miguel Angel Asturias. Achamos que este é um encontro perfeito: as palavras de um intelectual apaixonado pelo povo como Paulo Pontes fluem com toda a força e encanto, lado a lado com as histórias em quadrinho, forma de arte que atrai, como se sabe, a sensibilidade do homem comum.

Aliás, o Livrão de Quadrinhos de Versus é dedicado a Paulo Pontes. Como era de se esperar. (Marcos Faerman)

Schröder e o custo de vida



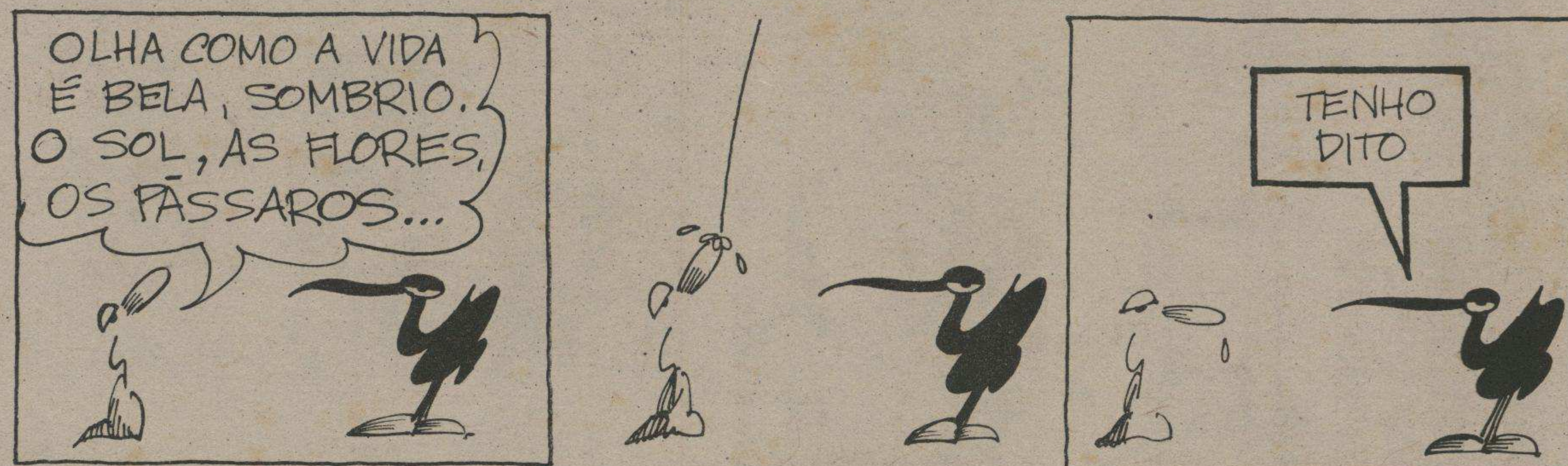
Fraga e as perspectivas de 77



Fraga e a desvalorização monetária



AS COBRAS/Luis Fernando Veríssimo



Continental. Som de uma orelha a outra.

Nos 1120, rádio à moda da casa.



# FOTOGRAFIA

Julio Crotez



Jurandir Silveira



## I MOSTRA DE FOTOGRAFIAS

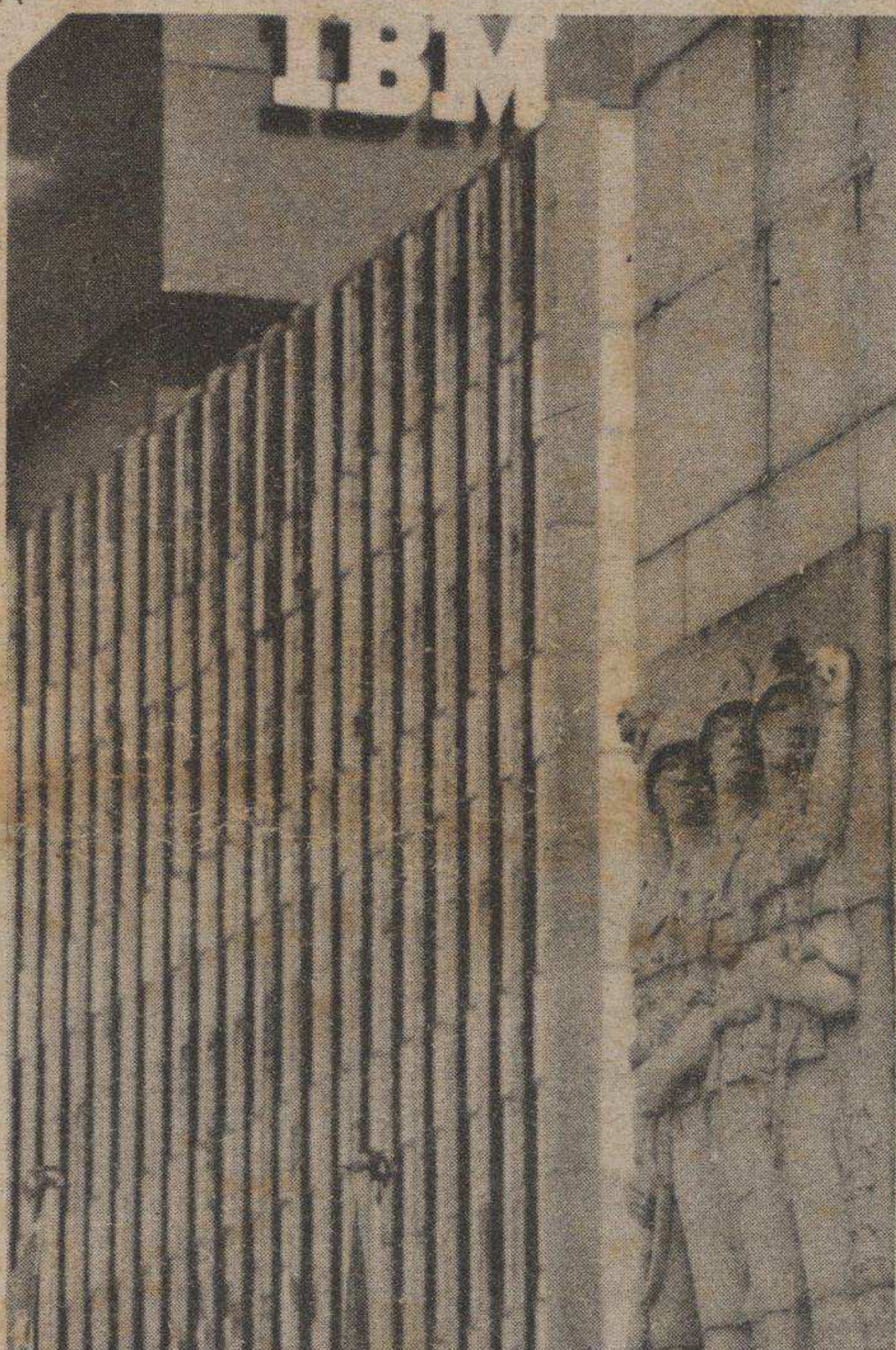
A I Mostra de Fotografia gaúcha, realizada de 22 a 30 de dezembro na Praça da Alfândega, em Porto Alegre, foi visitada por cerca de 50 mil pessoas e conseguiu chegar a um de seus objetivos principais: mostrou a existência de um bom mercado para fotos. "É preciso apenas levar ao público", diz Barú Derkin, um dos organizadores. "A Mostra provou ser a forma de arte mais popular, porque o público se identifica com ela. Por isso tem sentido trazê-la para a praça, como a Feira do Livro".

Outro organizador, o fotógrafo Alfonso Abraham, considera também importante a Mostra ter documentado uma época. "Há desde fotos de esporte até artes plásticas". E todas chegaram naturalmente, sem que houvesse qualquer orientação aos participantes, inclusive fotógrafos amadores.

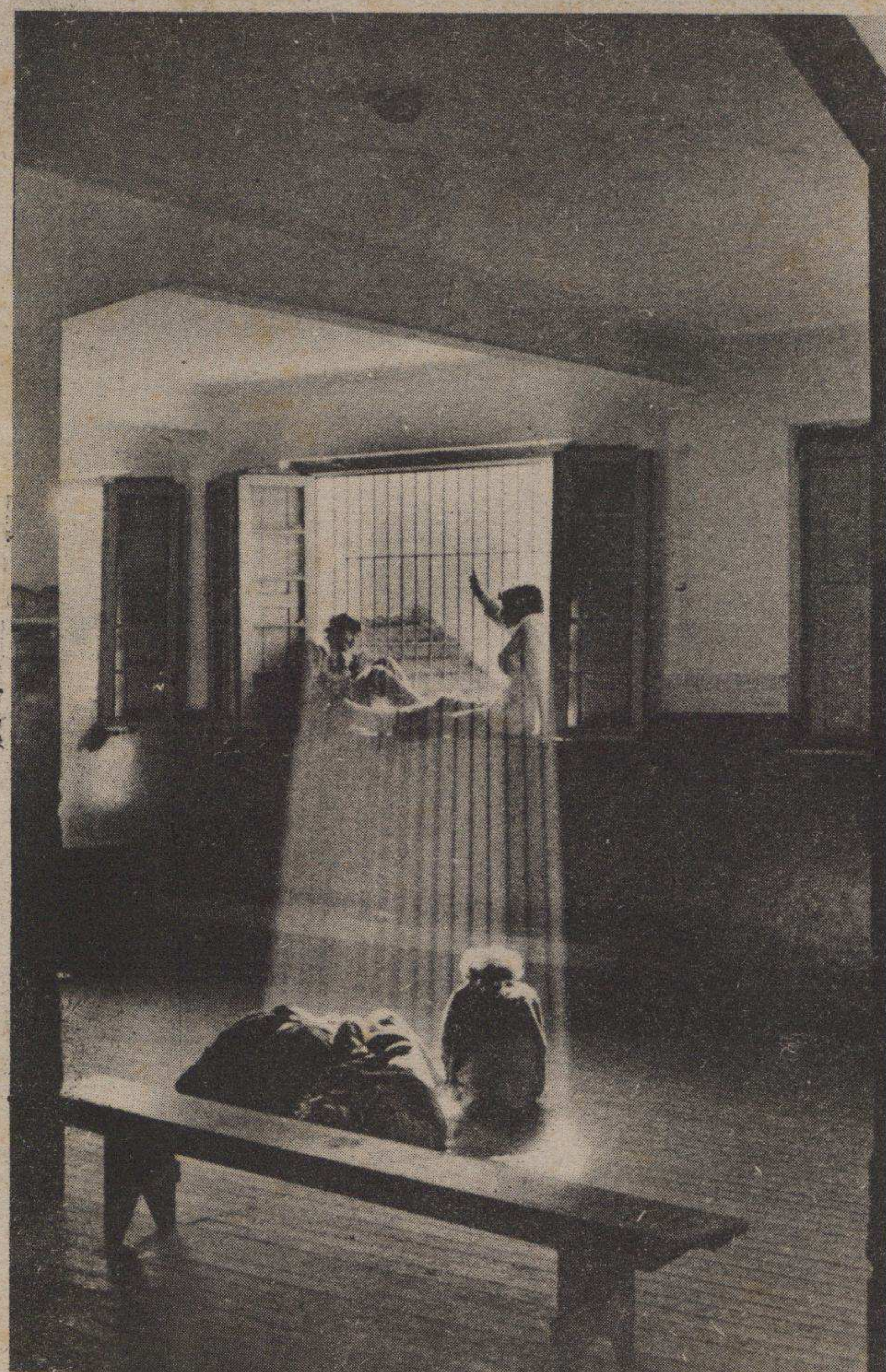
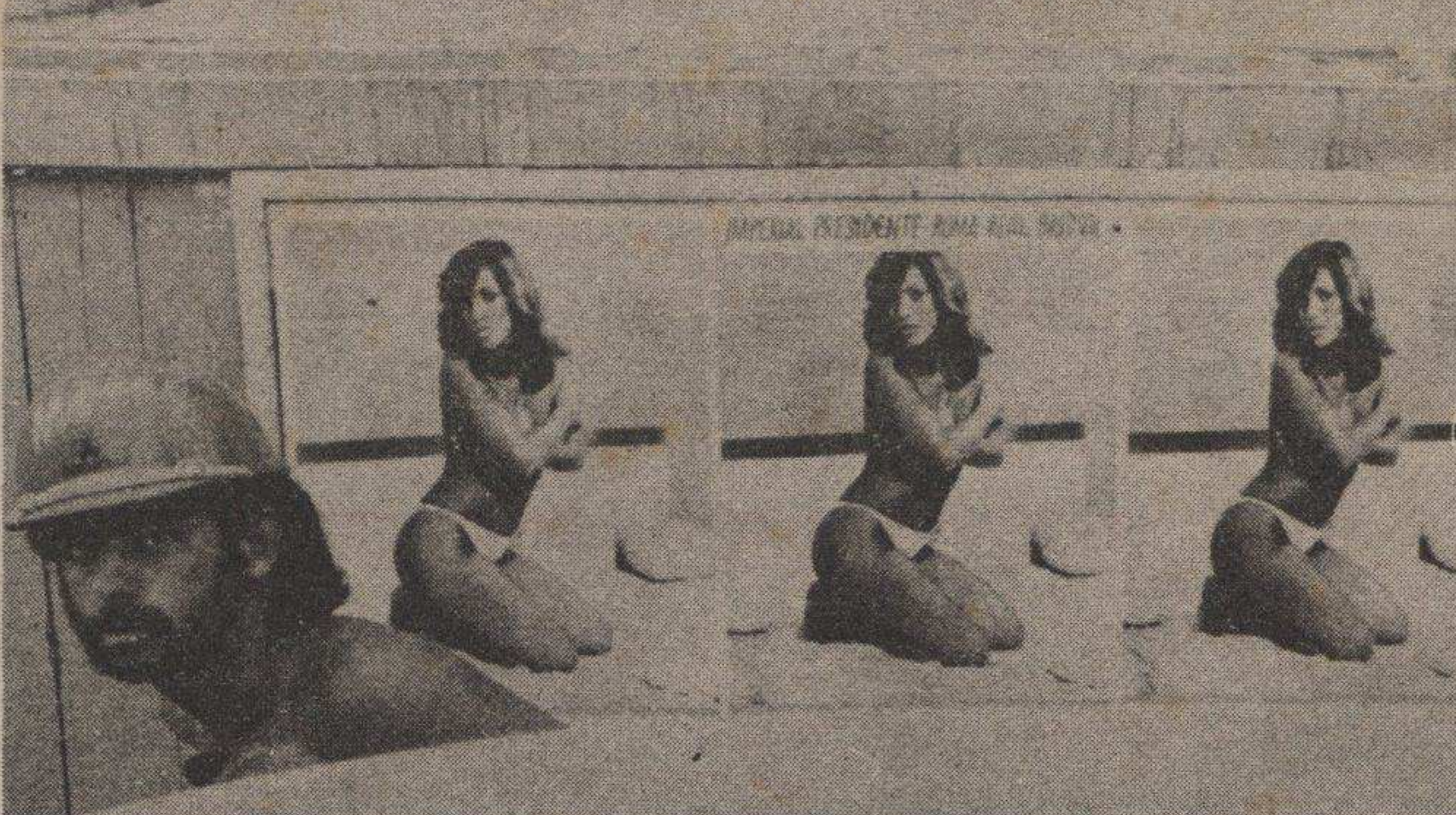
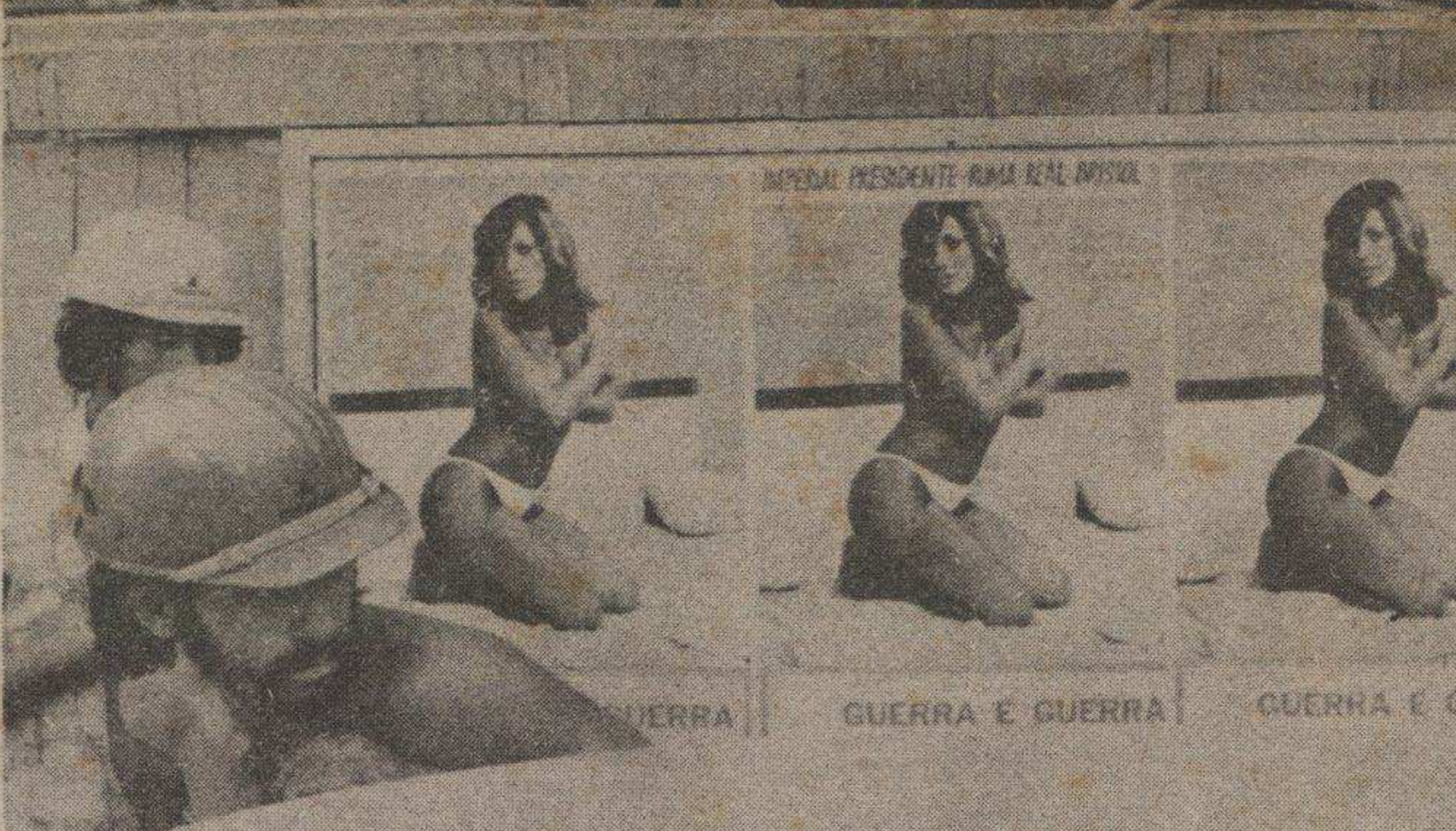
Também se conseguiu, de acordo com Barú, algo extremamente difícil: reunir trabalhos de gente com atividades completamente diferentes, sem interesses comerciais. "O público entrou sem saber quem era quem, o que prova que a fotografia é uma coisa bem mais ampla".

As justificativas de Barú parecem ser uma resposta a crítica que sofreram dos próprios colegas, além de outras dificuldades (falta de local gratuito, e um vendaval, que destruiu os estandes e reduziu de 250 para pouco mais de 150 o número de trabalhos expostos). "O que nos fere é a falta de profissionalismo de certos repórteres fotográficos", acusa ele, ao se referir ao estrelismo de colegas que se omitiram na organização. "Alguns até achavam que não daria certo e chegaram a chamar a tentativa de palhaçada". Depois do vendaval e dos prejuízos avaliados em quase Cr\$ 90 mil, uma compensação: a Empresa Porto-alegrense de Turismo garantiu que no próximo ano a II Mostra será incluída no calendário turístico da cidade talvez libere até uma verba para os gastos com promoção. Além de um espaço melhor, num local mais seguro.

Jorge Medisch



Afonso Abraham



Luis Abreu

Olívio Lamas

